Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º / N.º 19154 $00

SEGUNDA-FEIRA 13 SETEMBRO 1976

CABO VERDE E GUINÉ-BISSAU:

Amílcar Cabral evocado no "Dia da Nacionalidade"

(Páginas centrais)

Novo elo da rede terrorista?

Granadas e droga num armazém de café

. Três delinquentes foram ontem surpreendidos a retirar de um armazém de café, à Rua da Verónica, 92 (Graça) um saco contendo material de guerra à mistura com estupefacientes. Surpreendidos por um transeunte, os dois que se encontravam no exterior puseram-se em fuga, abandonando o saco e o companheiro. Este último, de 16 anos, viria a ser detido nos sanitários do armazém. O proprietário e um empregado do armazém afirmam desconhecer a existência do material. «Aqui só há café», disseram.

Por volta da meia-noite a Rua da Verónica encheu-se de agentes da PSP armados de G-3. A Polícia alertada para um estranho assalto: fora arrombada uma janela (ao nível do chão) do armazém instalado no n.º 92. No passeio, um saco de viagem abandonado pelos assaltantes surpreendidos em flagrante. Dentro do saco: oito granadas, uma pistola «Walter» 9 m/m, 193 cartuchos 9 m/m, 48 ampolas de morfina e um pacote de pó branco que se supõe ser também morfina.

No convencimento de que dentro do armazém estaria ainda um ou mais assaltantes, a Polícia advertiu os transeuntes: deviam afastar-se, pois poderia haver tiroteio. Não aconteceu. Escondido na casa de banho, estava apenas o assaltante de 16 anos, que não ofereceu resistência. Através deste, viriam a ser detidos outros dois adolescentes, mais novos ainda: ambos de 15 anos. Foram ouvidos na Polícia mas logo postos em liberdade, devido a tratar-se de menos de 16 anos. Os pais comprometeram-se a conduzi-los à presença das autoridades, sempre que necessário.

Entretanto, o dono do armazém, Rui Paixão Rosinha, afirma desconhecer por completo a existência do material no seu estabelecimento. Um empregado corrobora as afirmações do patrão: ali, «só café».

O armazém em questão, de revenda, recebe o café da Torrefação de Campo Maior, pertencente a Rui Nabeira.

Já na sexta-feira o armazém havia sido assaltado: «Roubaram apenas 400 escudos e uma máquina de escrever portátil», explica Rui Rosinha.

Desta vez, e a despeito da aparente incredulidade do proprietário, parece fora de dúvidas que o material explosivo e os estupefacientes estavam, de facto, no seu armazém. Aliás, a Polícia acabaria por «pescar» na sanita da casa de banho um carregador (de «Walter») com balas.

Segundo apurámos junto da PSP, é quase certo que os adolescentes não actuavam sozinhos, sendo de admitir que, por detrás deste estranho assalto (no armazém afirma-se a pés juntos que «aquilo» não constava da existência) estes aam adultos. Os menores teriam sido, apenas, usados na circusntância. Tornava-se-lhes, aliás, mais fácil esgueirarem-se pela janela.

Entretanto, não deixa de ser curioso notar que a pequena janela do armazém não oferecia a menor segurança, encontrando-se fechada com uma pequena corda.

O proprietário e o empreegado do armazém foram esta manhã ouvidos na PSP, não se justificando contudo a sua detenção — segundo a Polícia.

Para a própria PSP, trata-se de um «caso muito estranho», que a associação de granadas e munições com estupefacientes e café à mistura vem complicar ainda mais.

Kissinger em África para "evitar uma guerra racial"

. Tensa a situação na África do Sul com a presença de Kissinger dentro de poucas horas: segundo a U. P. I., em «telex» datado de hoje, cidadãos brancos, revoltados com os contínuos protestos antigovernamentais, decidiram fazer «justiça por suas mãos».

Assim, durante este fim-de-semana abateram quatro negros, tendo a Polícia tirado a vida a outros três. Nos dias anteriores a sábado (sabe-se agora), os brancos também dispararam, fazendo crescer o número de negros e mestiços abatidos desde os incidentes de Junho. Exemplos: um residente branco do subúrbio de Matrodsfontein atingiu mortalmente a tiro dois negros, os quais (segundo ele) «atacavam com navalhas os empregados de uma loja». Um motorista branco que se deslocava nos subúrbios de Crawford, matou a tiro um mulato e feriu outro. Em Franschoex, uma vila situada nas montanhas a nordeste da Cidade do Cabo, três civis brancos irritaram-se com um mulato e dispararam simultaneamente: o mulato não disse mais uma palavra. Número to-

Continua na pág. 20

Incendiários da Beira ligados à rede bombista

. A Polícia Judiciária vai intensificar, a partir de hoje, as investigações que tem levado a cabo na Beira Alta com vista à descoberta dos criminosos que têm ateado o fogo a inúmeras matas, medas e palheiros.

As investigações que foram iniciadas já há alguns dias, vão alargar-se a todo o distrito da Guarda, onde ultrapassa a centena o número de fogos postos.

Na opinião de um elemento da Polícia Judiciária que tem a seu cargo as investigações, presume-se que os incendiários que têm actuado naquela região beirã estejam ligados à rede terrorista. Dados os movimentos suspeitos que se verificam nas zonas fronteiriças daquela região, tal hipótese ganha cada vez mais relevo.

Suspeita-se, mesmo, que os incendiários sejam um dos braços da rede terrorista cujo desmantelamento começou pela prisão dos bombistas detidos em Caxias: o comando das actuações dos incendiários centrar-se-á possivelmente em Espanha, próximo da fronteira portuguesa.

Conselho da Europa admite Portugal

. ESTRASBURGO, 13 — (FP e «DL») — Portugal será admitido no Conselho da Europa, durante a próxima Assembleia parlamentar que decorrerá de 14 a 23 do corrente, em Estrasburgo.

O ministro português dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, deverá usar da palavra naquela organização internacional no próximo dia 22, já como representante do 19.º membro de pleno direito do Conselho da Europa.

O parecer favorável da Assembleia parlamentar será depois de ser ratificado pelo Comité dos Ministros dos Negócios Estrangeiros, que se reúne, a nivel de delegados, entre 20 e 29 do corrente.

MOVIMENTO SINDICAL CRITICA DISCURSO DE SOARES Pág. 5

INTER E "CARTA ABERTA" DEBATEM CONGRESSO DOS SINDICATOS Pág. 9

20 PÁGINAS

LISBOA

TRÊS ANOS DEPOIS DO CHILE

Para impedir o acesso à Embaixada do Chile, em Lisboa, foi montado este aparato policial, com o qual depararam os populares que no sábado se manifestaram contra o regime de Pinochet, assinalando assim a passagem do terceiro aniversário do assassinato de Salvador Allende.

Nacional

TRÊS ANOS DEPOIS

"A classe operária chilena não foi e jamais será vencida"

—Afirmou no Pavilhão dos Desportos um dirigente da C.U.T. chilena

. «A classe operária chilena não foi e jamais será vencida», afirmou, no sábado à noite, Benjamim Fredes, dirigente da CUT chilena, durante o comício de solidariedade com o povo chileno promovido pela Intersindical, que se realizou no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, integrado nas comemorações do 3.º aniversário da queda da Unidade Popular e da ascensão ao poder da ditadura de Pinochet.

Depois de salientar as grandes lutas desenvolvidas pelo povo chileno contra o fascismo e contra o imperialismo, o dirigente da Central Única dos Trabalhadores do Chile afirmou: «Os quase mil dias que durou a Unidade Popular representaram um extraordinário desenvolvimento — nunca se tinha avançado tanto em tão pouco tempo. Até à Unidade Popular nunca na história do Chile houvera ministros operários». E acrescentou: «Quando o imperialismo e a reacção se unem à burguesia para destruir o movimemto revolucionário utilizam todos os meios. Para os vencer só a unidade do povo trabalhador tem força suficiente. Só a unidade dos trabalhadores permite avançar a passo de gigante através da história. Por isso, a reacção e o imperialismo tentam destruir essa unidade.»

. Depois do discurso de Benjamim Fredes, que, com Augustin Muñoz, também da CUT, António Machado e Graciette Caldeira, da União dos Sindicatos de Lisboa e Francisco Verdugo, do Secretariado da Cintura Industrial de Lisboa, faziam parte da mesa do comício, foram lidas algumas mensagens de solidariedade com o povo do Chile, tendo-se também guardado um minuto de silêncio em memória de Luís Figueiroa, secretário-geral da CUT, recenteente falecido em Estocolmo, onde vivia exilado.

Perante um Pavilhão dos Desportos completamente cheio tinham usado da palavra antes do dirigente chileno alguns representantes dos trabalhadores portugueses.

O representante da CIL assinalou que «o exemplo do Chile, o desenvolvimento do processo e as suas consequências, serviram muitas vezes de lição aos trabalhadores portugueses para combater o imperialismo e os seus agentes».

O dirigente da Intersindical, depois de saudar os trabalhadores chilenos e os seus representantes, salientou a importância do próximo Congresso dos Sindicatos, que considerou como sendo a resposta clara «àqueles que pensam que, hoje, em Portugal, é possível governar sem o apoio do povo e contra os interesses dos trabalhadores».

A semana de solidaridade com o povo chileno, promovida pela Intersindical, encerrou ontem à noite com um Festival da Canção Revolucionária, no Teatro da Trindade, com a participação do coro da Academia dos Amadores de Música, o coro dos Mineiros de Aljustrel, Ary dos Santos, Carlos Mendes, Joaquim Pessoa, José Barata Moura, José Jorge Letria, Júlia Babo e João Mariani.

MANIFESTAÇÃO DOS GDUP's

Também no sábado, centenas de pessoas concentraram-se nas proximidades da Embaixada do Chile, para protestar contra a actual situação política naquele país, na passagem do 3.º aniversário da queda da Unidade Popular.

Um forte aparato policial impedia o acesso dos manifestantes à rua onde se encontra instalada a representação diplomática chilena, no cumprimento de recentes instruções dimanadas do Conselho de Ministros.

Apesar das ordens para dispersar dadas pela polícia logo a seguir ao início da concentração, os manifestantes permaneceram no local perto de um hora ouvindo discursos condenatórios da repressão a que é sujeito o povo do Chile e gritanto palavras de ordem.

No final da concentração foram aprovadas duas moções. A primeira, destinada à Embaixada do Chile, exigia a «libertação imediata e incondicional de todos os presos políticos e a criação de condições para que os trabalhadores e o povo chileno possam escolher livremente o regime económico, social e político que corresponde aos seus interesses, pondo fim à miséria e á opressão a que têm sido sujeitos».

A segunda, dirigida ao ministro português dos Negócios Estrangeiros, considerando o carácter opressor do actual regime chileno, o dever de solidariedade do povo português para com a resistência chilena e as declarações de Mário Soares, na cimeira socialista de Caracas, propondo o corte de relações diplomáticas com o regime chileno, exigia o imediato corte de relações económicas e diplomáticas com o Governo de Pinochet.

OUTRAS REACÇÕES

Também numerosas organizações tornaram públicas posições condenado o actual regime chileno. Dentre elas citamos a Juventude Socialista, que enviou uma mensagem ao embaixador do Chile, afirmando que o povo chileno não permitirá que a ditadura celebre muitos mais aniversários, e as Associações de Estudantes das Faculdades de Direito, de Medicina e de Letras, de Lisboa, todas formadas por militantes da JS.

Também a AEPPA, o PRT e a LCI tornaram públicas moções e promoveram realizações condenando o regime terrorista de Pinochet.

NO ESTRANGEIRO

Por todo o mundo, milhares de pessoas manifestaram-se contra o regime chileleno, ao mesmo tempo que as autoridades fascistas deste país resolviam prorrogar o estado de sítio, o que prova que a resistência, no interior do país, continua activa.

Em Londres, 4000 pessoas manifestaram-se e depois ouviram um discurso da viúva do presidente assassinado do Chile, Hortensia Allende.

Em Madrid, três mil pessoas desfilaram pelas principais ruas da cidade, enfrentando, quando se aproximaram dos escritórios da companhia de aviação chilena, cargas da polícia, que causaram vários feridos.

Em Estocolmo, 3500 pessoas evocaram o regime de Unidade Popular chileno, derrubado pelo golpe de Pinochet.

Também em Roma e em Berlim Oeste se realizaram manifestações de protesto, pedindo o isolamento económico e político do regime fascista, como forma de precipitar a queda da ditadura.

Nos portos italianos, os marítimos boicotaram os navios chilenos, recusando assistência técnica e serviços de carga e descarga. Este movimento de protesto terminará hoje.

Militantes dos GDUP's exigiram a libertação dos presos políticos chilenos, perante um poderosos aparato policial que protegia a Embaixada daquele país, ao mesmo tempo que o ditador Pinochet prorrogava, por mais seis meses, o estado de sítio

EM ENTREVISTA A JORNAL BÚLGARO

Cunhal defende presença das F.A. na construção da democracia

SOFIA, 13 — (FP) — Quando da sua recente estadia na Bulgária, Álvaro Cunhal concedeu uma entrevista ao «Rabotnitchesko Delo», órgão do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro, que o jornal publicou sábado passado.

Aludindo à actual situação política portuguesa, o secretário-geral do Partido Comunista Português tenta dissipar qualquer mal-entendido quanto ao carácter do regime no País: «No estrangeiro, pensa-se muitas vezes que Portugal se encontra dotado de um regime democrático semelhante ao de certos países da Europa Ocidental, mas essa ideia não corresponde à realidade».

Apesar da existência de um Parlamento, segundo Álvaro Cunhal, o regime político português não é parlamentar já que o Presidente do Conselho da Revolução detêm largos poderes e as Forças Armadas, devido ao desenvolvimento específico da Revolução portuguesa, desempenham importante papel na vida política do País. Tendo como objectivo o respeito pela Constituição, Cunhal acha que a participação das Forças Armadas na edificação da democracia é «absolutamente necessária».

Cunhal refere, em seguida, as «grandes conquistas da Revolução» — Reforma Agrária, nacionalizações, controlo operário — e afirma que a actual situação no País se encontra marcada pela luta entre os que «procuram liquidar estas conquistas» e os que «desejam consolidá-las e orientar a evolução da democracia portuguesa para o socialismo».

Referindo-se à atitude do seu partido face ao Governo socialista e ao seu programa, Álvaro Cunhal declara que o Governo não dispõe do apoio necessário no seio da classe operária e das massas trabalhadores, mas reconhece que o programa socialista apresenta «algumas disposições formalmente aceitáveis», acrescentando, porém, que o programa «tem por objectivo melhorar a situação económica do País intensificando a exploração dos trabalhadores, restituindo os seus bens aos capitalistas e aos grandes latifundiários e reforçando as relações de dependência de Portugal para com o imperialismo».

Apesar da crítica severa a que o Governo socialista foi submetido pelos comunistas, Cunhal declara-se disposto a apoiar «as iniciativas positivas que o Governo eventualmente venha a tomar», acrescentando: «não seguiremos uma política de obstrução e oposição sistemáticas».

«Faremos tudo o que estiver ma medida das nossas possibilidades» para favorecer a criação e um Governo de esquerda com os comunistas, «como alternativa para o Governo actual, quando este tiver falhado, o que é de esperar».

Sobre as medidas a tomar para «proteger e desenvolver as conquistas revolucionárias», Cunhal declara que o êxito dessa tarefa depende tanto da «política que será seguida pelos órgãos do poder» como «da luta da classe operária, das massas populares, de todas as forças progressistas do País».

Por último, o secretário-geral do Partido Comunista Português preconiza «acções maciças de resistência a toda e qualquer tentativa, directa ou camuflada, de restringir ou liquidar totalmente as conquistas da Revolução».

SEGUNDO FREITAS DO AMARAL

"A extrema-direita não está organizada em Partidos"

. Após uma breve estada na Alemanha Federal e na Áustria, onde contactou com personalidades ligadas, à Democracia Cristã Europeia, regressou sábado ao fim da tarde a Lisboa, o dirigente do C. D. S., Freitas do Amaral.

Falando aos jornalistas, ainda no aeroporto, o dirigente «centrista» clarificou o sentido da afirmação que produzira em Viena de Austria, de que a extrema-direita constituia um perigo para a democracia portuguesa.

«Essas declarações foram retiradas do contexto disse e por conseguinte não reproduzem inteiramente na sua pureza aquilo que eu lá respondi quando, no decorrer de uma conferência de imprensa me interrogaram sobre quais seriam as possiveis ameaças à democracia portuguesa. Eu, perante esta pergunta, e embora me parecesse que o assunto não era de grande actualidade, entendi que devia dizer quais eram as ameaças que via».

«Por um lado via ameaças de extrema-esquerda, nomeadamente no plano sindical, no plano da desestabilização social, e via também uma ameaça possível da parte da extrema-direita, na medida em que nós sabemos que historicamente sempre que há uma situação economicamente caracterizada por grande inflação e grande desemprego, como é a portuguesa, muitas vezes se têm produzido ditaduras de direita e não podemos deixar de encarar essa hipótese...»

Instado a identificar os partidos ou grupos políticos que representariam a extrema-direita, o professor Freitas do Amaral declarou que «a extrema direita, neste momento, não está organizada em partidos, mas existe em Portugal como em todos os países. Não tem nenhuma organização partidária, mas pode vir a ter, não sei se tem, se não, qualquer organização de tipo não partidário que actue, é uma responsabilidade do Estado e dos governantes ter um serviço policial bem montado que permita conhecer essas realidades».

Fazendo o balanço da viagem efectuada à RFA e à Áustria, que considerou muito positiva, o prof. Freitas do Amaral revelou que tinha participado «numa série de seminários sobre «os novos aspectos da liberdade e da democracia no mundo moderno», nomeadamente sobre a forma de defender as liberdades democráticas perante determinadas organizações poderosas como os organismos internacionais, as multinacionais, as corporações, os sindicatos e os partidos políticos», além de ter proferido uma conferência sobre «anarquia e liberdade».

Em Viena, o leader do C. D. S. deu uma conferência sobre a situação política portuguesa actual, e, em Bona, na RFA, «dei indicações ao senhor Von Hassel, presidente da União Europeia das Democracias-Cristãs, sobre como está a decorrer a situação e a evolução política portuguesa»

OS BOMBISTAS

. Interrogado sobre o desmantelamento da rede terrorista e das acusações de implicação dos membros do C. D. S., o prof. Amaral disse que regozijava com o desmantelamento da rede, considerando que o «C. D. S., como Partido, não está, nem directa, nem indirectamente, ligado a actividades daquele tipo».

No entanto, o responsável «centrista» afirmou ter «de admitir que possa haver um ou outro agente infiltrado, que tenha actuado contra as instruções e contra a maneira de proceder habitual do C. D. S.» e disse que caso se venha a confirmar tais ligações essas pessoas «deixarão de ser do Partido».

post-scriptum

A Constituição, os trabalhadores, a Previdência e o sr. dr. Marcelo Curto

O «DL» de 34 de Agosto p.p. publicou uma entrevista com o dr. Marcelo Curto, na qual, além do mais, lemos opiniões relativas ao sector da Previdência (a ser posteriormente englobado na Segurança Social).

Nem a Constituição da República, nem nós, concordamos com a opinião, mesmo provisória, do sr. dr. Marcelo Curto. Diz ele: «Trata-se de uma velha querela desde o 25 de Abril: saber se a Previdência deve ser controlada pelo Estado ou pelos trabalhadores, ou pelo Estado, trabalhadores e utentes. Não tenho opinião definitiva sobre o assunto, mas julgo que se o Estado desempenhar a função que efectivamente lhe cabe, a Previdência deve ser um serviço público e não estar vinculado quer aos sindicatos, quer aos utentes ou beneficiários. É uma questão complexa...»

Nós discordamos: a velha questão não vem do 25 de Abril; é anterior.

Em 1973, 16 sindicatos corajosamente apresentaram uma tese ao Congresso da Previdência em que se defendia a gestão da Previdência pelos trabalhadores. O Governo fascista nem sequer aceitou a tese à discussão, o que não surpreendeu ninguém.

Sobre as dúvidas acerca do controlo, achamos que não há lugar para elas e temos opinião definitiva sobre o assunto, tal qual a Constituição da República.

A participação dos trabalhadores,em resultado da sua luta, foi consagrada na Constituição no artigo 63.º e também no art. 58.º do qual transcrevemos parte:

Art.º 58.º

1.....

2 — Constituem direitos das Associações sindicais

a).....

b) Participar na gestão das instituições de segurança social e outras organizações que visem satisfazer os interesses das classes trabalhadoras.

Rogério de Oliveira
Laurinda Oliveira

— *LISBOA*

Trás-os-Montes

Sou natural da freguesia de Navalho, concelho de Mirandela. Depois de muitos anos emigrado por França e Brasis, voltei a Portugal, fixando temporariamente residência em Lisboa, de onde vim agora passar uns dias à terra que me viu nascer e emigrar.

As condições de vida do povo desta aldeia são precárias, como aliás as de quase todos os habitantes das aldeias do Nordeste Transmontano. Os jornais não chegam aqui, embora haja, não poucos, quem estivesse habilitado a lê-los. Contrariamente ao que acontece nas aldeias mais próximas, também não há aqui uma única casa a ser construída por «franceses» ou retornados das ex-colónias. O que cada vez mais se verifica, desde há anos, são casas desabitadas.

Em 1975, com a «Operação Nortada», estiveram cá os soldados do M.F.A. a nivelar um dos caminhos, a fim de torná-lo transitável aos veículos a motor, mas mesmo assim o isolamento desta aldeia continua quase total.

As melhores terras do termo desta freguesia pertencem a um único senhor, cujas propriedades, em geral de pequenas e médias dimensões, fazem dele o maior proprietário da aldeia. Aliás, é ele praticamente o único a empregar mão-de-obra assalariada permanente ao longo do ano.

Depois do 25 de Abril, esse senhor deixou de ser presidente da Junta de Freguesia, função de que se serviu para satisfação dos seus interesses pessoais, como foi o caso do lavadouro público, cuja satisfação e localização não satisfez os interesses colectivos, mas os dele próprio.

Na aldeia temem-no, concordam que o empobrecimento do povo foi proporcional ao enriquecimento e acaparamento das melhores terras por parte da família desse senhor, mas ninguém, mesmo hoje, tem coragem de pô-lo no seu devido lugar. Nada me move contra a pessoa dele, mas não posso deixar de alertar a opinião pública progressista deste País sobre a vergonhosa exploração a que ainda estão sujeitos os meus conterrâneos, os quais, para sobreviverem, se vêem obrigados a submeterem-se ao seu «diktat».

Mais de dois anos após o 25 de Abril, àqueles que neste momento andam a apanhar amêndoas, das 7 horas da manhã às 8 horas da noite, com uma hora de intervalo para almoço, o cacique local paga uma jeira de 50$00. Uma menor de 12 anos, que só lá resistiu a trabalhar durante meio dia, recebeu 15$00! Os caseiros, um dos quais já lá está há mais de 17 anos, recebem só 2300$00 por mês. Estes nunca tiveram férias nem tão-pouco terão direito à reforma porque ao cacique pouco interessa respeitar os direitos constitucionais daqueles que lá trabalham.

Enquanto isto se passa, vários familiares desse senhor passeiam-se pelas praias do Rio e cafés de Paris. Aliás, ele próprio, depois do 25 de Abril, tem feito muitas viagens ao Brasil, com que fins, lá isso é que não sei...

Adriano Augusto Pereira
— *MIRANDELA*

Ainda mexe

A propósito da anunciada extinção do M.D.L.P., assinala-se que na região do Centro do País (Beiras e Litoral) acabam de aparecer nos últimos dias diversos símbolos desse movimento ilegal, inscritos em placas indicativas de povoações onde terá, segundo consta, contactos, estabelecidos principalmente entre antigos colonos.

Afinal, parece que a coisa ainda estrebucha.

A. Costa
— *AVEIRO*

COMENTÁRIO ECONÓMICO

"POIS, POIS..."

VÍTOR BENTO

Uma pessoa quase se envergonha ao mencionar, mais uma vez alguns dados básicos da situação política portuguesa. No entanto, é necessário fazê-lo. Não só pela razão que referia, há dias, em carta um leitor deste jornal: «para que os responsáveis não possam dizer que não foram avisados a tempo» mas, sobretudo porque nos é imperativo criticar, com a intensidade possível, o desperdiçar desta oportunidade surgida na história do nosso país, após meio século que pareceu uma eternidade e que começa a fugir-nos entre os dedos, como a areia da praia. Quer tenham chegado ao poder com «chaimites» ou votos, é nosso dever criticar quantos pretendeam assumir irreflectidamente tamanhas responsabilidades históricas. E, fazêmo-lo porque, ao contrário do que possam entender, mas consideramos do mesmo lado da barricada, nesta luta, que é ainda da libertação da asfixia fascista. De pouco nos serviria, de resto, a consolação de que, quando os outros nos calarem, também os actuais dirigentes serão apeados.

Quantifiquemos de modo aproximado, a situação herdada:

. 1 — O sistema económico não criou meios de produção que satisfazessem as necessidades elementares da população. Tal resultou do facto de ser comandado por uma minoria que controlava, de conluio com os políticos, em regime monopolista, as principais empresas, as grandes propriedades e principalmente a «seiva» financeira, que partia da banca e dos seguros, de onde eram comandadas as empresas. O comércio de importação e a especulação bolsista e da construção, foram actividades privilegiadas como fonte de bons lucros. Uma parte da minoria do grande e médio capital era ainda a beneficiária da dominação colonial e seus altos rendimentos.

2 — Uma análise da composição das classes sociais daria, aproximadamente, o seguinte: 100 a 150 famílias controlavam a banca e as grandes empresas e cerca de um milhar (para além das anteriores) as grandes propriedades fundiárias. Esta classe da grande burguesia conjuntamente com os seus mais próximos colaboradores foi desalojada após o «11 de Março», tendo o Estado, tomado o seu lugar (bastante mais de metade do capital social total das empresas portuguesas. Constituem os actuais agentes da «iniciativa privada» cerca de 1500 a 2000 médios e grandes empresários (mais frequentes, tal como os carros de alto preço, na zona Norte) mais ou menos 35.000 pequenos empresários (dos quais mais de 30.000 empregam menos de 20 pessoas e onde cerca de 15.000 são «construtores» e «subempreiteiros» de construção) e cerca de 60.000 a 80.000 retalhistas e talvez 20.000 a 30.000 médios e grandes agrários.

A população activa era da ordem de 3 milhões de pessoas incluindo cerca de 700.000 trabalhadores rurais e pequenos camponeses. Em 1971 apenas cerca de 100.000 famílias tinham rendimentos de modo a pagar imposto complementar (cerca de 5 por cento de todas as famílias)

. 3 — As importações, que incluem em valor mais de 20 por cento de produtos do sector agrícola, têm sido sensivelmente o dobro das exportações. O saldo negativo da troca ultrapassou já em 1973 os 40 milhões de contos e actualmente passa os 50 milhões (por ano.)

. 4 — Só a partir do início dos anos sessenta emigraram mais de 1 milhão de portugueses. Estes remeteram como economias ao longo dos últimos 15 anos, perto de 180 milhões de contos ou seja mais de 10 vezes o valor dos emprestimos conseguidos na pedinchice em que têm andado os nossos governantes. Essas remessas, em divisas estrangeiras, permitiam cobrir a maioria do saldo negativo da nossa troca. Convertidos em escudos destinavam-se à compra de (Fides e Torralta) procurando garantir o retorno e criar reservas para a velhice. Simultaneame. e engrossaram os circuitos da banca e os bolsos dos financeiros.

5 — Na repartição do rendimento nacional cabia aos trabalhadores apenas 45 a 50 por cento contra 65 a 70 por cento nos países desenvolvidos. Esta desigualdade, assim como a manutenção de níveis de qualidade de vida bastante abaixo das médias europeias e bem mais próprias de Terceiro Mundo, só foi possivel com a repressão, policial e cultural, a castração de toda a actividade política, e com a restrição das liberdades fundamentais dos cidadãos.

6 — A política fiscal sempre aliviou os capitalistas e a riqueza era transmitida por herança na quase totalidade.

Que se passou depois do 25 de Abril?

. a) No fim de 1973 o preço do petróleo aumentou assim como o dos produtos a partir dele produzidos, directa ou indirectamente. O custo das nossas importações foi afectado só pelo factor «petróleo» e para consumos semelhantes, pelo menos 15 milhões de contos anuais.

b) Na economia internacional iniciou-se uma enrorme crise a partir do aumento do petróleo. Houve retracção na compra de produtos, sobretudo não essenciais (exemplo: vinho, vestuário e turismo). As nossas exportações foram por

Continua na pág 4

DESPORTO EM VISEU COM BASE NA CONSTITUIÇÃO

O Estado reconhece o direito dos cidadãos à cultura física e ao desporto, como meios de valorização humana, incumbindo-lhe promover, estimular e orientar a sua prática e difusão» (Artigo 76 º da Constituição da República Portuguesa)

. «Como é sabido, a Direcção-Geral dos Desportos, após o 25 de Abril, interpretando e executando correctamente o Programa do M. F. A., desencadeou uma poderosa acção de ordem doutrinal e prática, à escala nacional, com vista à democratização do desporto, isto é, com o fim de o tornar um autêntico elemento de cultura e um bem ao alcance das mais vastas camadas populares, nomeadamente daquelas às quais tudo havia sido negado» — assim principia uma breve memória das actividades da Delegação da Direcção-Geral dos Desportos de Viseu.

Acentua-se na referida memória que «durante a existência de todos os Governos Provisórios a tarefa se cumpriu sem desfalecimento e com espírito de perfeita militância, com erros, naturalmente, mas com inegáveis êxitos e acertos que muitos milhares de pessoas ajudaram a construir e reconheceram quer através da prática desportiva, nova e sã, quer através da construção ou melhoramento de campos e recintos para o exercício do desporto desde as mais remotas aldeias às vilas e cidades de todo o País».

Lembra-se que «a acção desencadeada com o E.N.D.O. onde, entre outras coisas, se proclamou ser o desporto um direito do povo e que, como tal, se consignasse na Constituição, o que veio a acontecer (veja-se o artigo 76.º), materializou-se no JUVENDO 75/76, impulsionado pelo desenvolvimento dos planos das várias modalidades (atletismo, basquetebol, andebol, voleibol, ginástica, luta, natação, xadrez, badmington, futebol juvenil, etc.), conforme as condições objectivas de cada região, envolvendo milhares de praticantes, nomeadamente crianças das escolas».

Pormenorizando-se semelhante acção, pode dizer-se que esta «se materializou com a realização de cursos de formação de animadores (estes puros militantes desportivos) e de monitores das modalidades — e se materializou ainda com a criação do Movimento Voluntário Desportivo (M.V.D.) e o Movimento do Desporto Infantil (MODI) com a edição e distribuição de variada documentação de ordem técnica e cultural, na qual se destaca a colecção «Cultura e Desporto», com a criação e distribuição do jornal «Desporto Novo», com apoios materiais e técnicos a núcleos e pequenos clubes, etc. (...)».

A delegação em Viseu da Direcção Geral dos Desportos, distrito com vinte e quatro concelhos, de numerosa população ainda imersa em difíceis condições económicas e num profundo atraso cultural em todos os sectores, do qual não é responsável e de que se libertará inevitavelmente, tem procurado desempenhar o melhor possível a sua função e responder às solicitações que lhe chegam de todos os pontos do distrito.

«Do que se fez e está em curso vai dar-se uma breve resenha, não para buscar elogios mas para dar a conhecer uma realidade que nos parece bela porque integrada no belíssimo esforço de construir uma autêntica democracia em Portugal.»

. «Assim, e concretamente, o trabalho desta Delegação, distribuiu-se pelas seguintes manchas: **Cursos de Formação** — Diversos cursos de animadores das várias modalidades (atletismo, basquetebol, volei, futebol, andebol, natação, luta, ténis de mesa, badminton) que interessaram centenas de indivíduos de ambos os sexos, de diversas camadas sociais e diferentes profissões, avultando o número de professores primários radicados em variados pontos do distrito. **Material Desportivo** — Dentro das disponibilidades equiparam-se com bolas, tabelas de basquete, redes e postes de volei, o maior número possível de escolas primárias que possuíam condições de prática desportiva, quer nos seus recintos, quer em campos próximos. **Bibliografia e outro material impresso** — Distribuição de abundante material: minibibliotecas de formação desportiva a todos os professores primários do distrito e alunos do 2.º ano das escolas do Magistério Primário de Viseu e Lamego; brochuras e revistas das várias modalidades com interesse técnico e cultural destinadas a todos os professores primários que tinham aderido ao M.O.D.I. e a todos os animadores com cursos de formação; volumes ou colecções de «Cultura e Desporto» para qualquer pessoa interessada; modelos de estatutos para clubes desportivos e culturais visando o menor custo da sua legalização; cartazes de propaganda dos Movimentos e das realizações do Juvendo; regras das modalidades desportivas, etc. **Núcleos Desportivos** — Estimulou-se e apoiou-se a sua criação (uma vez que eles são a base de possíveis associações desportivas e culturais de outra ordem) e incitaram-se os que foram surgindo com a concessão de subsídios e de material desportivo e administração de conhecimentos através dos cursos de formação de aniladores e acção dos monitores ao serviço da Delegação, etc.»

. Adianta a memória que «dentro das realidades do distrito e de harmonia com o interesse dos praticantes deu-se execução aos vários planos (basquetebol, natação, andebol, atletismo, etc), quer criando animadores com cursos de formação desportiva, quer através da acção dos monitores ao serviço da Delegação, quer realizando convívios desportivos (neles estimulando a necessária emulação e procuran-

Continua na pág. 4

Geral

Comentário económico

Continuação da pág. 3

essa razão afectadas em 2 a 3 milhões de contos.

c) Os aumentos salariais conseguidos pelos trabalhadores após o 25 de Abril não só permitiram o acesso a certos produtos por mais gente (portanto mais importações) como afectaram a capacidade de concorrência de algumas actividades que se baseavam na mão-de-obra barata (têxtil e electrónica). Em consequência desse factor, pode considerar-se aumentado o nosso saldo negativo em cerca de 2 a 5 milhões de contos (o aumento das importações foi bastante mais acentuado, em 1974, o ano de maior venda de automóveis e electrodomésticos, em Portugal). Aos trabalhadores passou a caber cerca de 60 a 70 por cento do rendimento nacional (e não mais, ao contrário do que ardilosamente propagam alguns economistas «políticos»).

d) A separação das colónias, nas condições políticas, locais e portuguesas em que se processou, fez-nos perder, até ao presente, mercados de exportação e a compra de algumas matérias-primas a preços favoráveis, o que pode significar um prejuízo de 8 a 10 milhões de contos (ano).

e) Os emigrantes amedrontados por manobras políticas e sabotagens de vários «patriotas» (uns que sairam, outros que ainda cá estão e ocupam até, lugares importantes) expoliados irresponsavelmente das economias conseguidas ao fim de vários anos, nas Torraltas e nas acções (e só excepcionalmente nas ocupações) fazem-nos de lá longe o gesto de braços do «Zé Povinho» e depositam nos bancos estrangeiros ou trocam, no mercado negro, pelo papel que a Casa da Moeda tem andado a imprimir ao desbarato (tal como alguma outra «imprensa».

Os turistas evitam-nos, sejam ou não sociais-democratas. Baixou assim a entrada directa de divisas em número que é actualmente ainda desconhecido mas que pode vir a atingir cerca de 8 a 15 milhões de contos (por ano).

f) O Estado ao assumir a responsabilidade de condutor da economia nacional, teria que ser o seu principal animador em face das débeis estruturas, já apontadas, da «iniciativa privada». Pois até agora a tão falada «hierarquia da competência», ainda não se fez impor. Nestes dois anos e meio ainda não se fez um único concurso para o recrutamento de quasros responsáveis, quer das empresas e institutos públicos, que dos lugares cimeiros da hierarquia pública. No entanto, a distribuição de «tachos» e os «saneamentos» têm sido feitos «à esquerda» e «à direita», com a maior desfaçatez.

Se o leitor teve a paciência de nos ler até aqui e tem lá em casa um aluno da 4.ª classe (apartidário) peça-lhe para calcular em quanto pode ter aumentado o saldo negativo das nossas trocas com o exterior desde os tempos de Caetano, ou seja em quanto se agravou por factores externos o que já era mau. Somando as alíneas anteriores, ele dirá 35 a 50 milhões de contos (ou seja 30 a 45 por cento das importações, onde é preciso começar a cortar, o que dará mais desemprego e cnflação). Se se disser que as nossas reservas livres, em divisas e ouro (este à cotação em que é agora eventualmente hipotecável nos empréstimos) eram no 25 de Abril cerca de 100 a 110 milhões de contos (70 a 75 milhões no início do VI Governo) e agora são de 25 a 35 milhões, estando a gastar-se ao ritmo de 3 a 3,5 milhões de contos por mês, vê-se que durarão apenas para mais 7 a 12 meses.

Se a este panorama acrescentarmos mais os seguintes dados:

. 1 — Foram lançados no mercado de trabalho que estava saturado, cerca de 60.000 a 80.000 licenciados do serviço militar, no fim das guerras.

2 — Não encontraram o primeiro emprego 60.000 a 80.000 jovens (dois anos).

3 — Não emigraram 100.000 a 150.000 trabalhadores como vinha a ser habitual (dois anos).

4 — A crise da construção e outros sectores (textil, electrónica, etc.) desempregou 80.000 a 100.000 trabalhadores.

5 — Chegaram cerca de 400 000 a 450 000 retornados dos quais cerca de 100.000 activos (aumentando-se com este contingente e os desmobilizados a população total em 5 a 6 por cento).

6 — A crise económica internacional mantem-se para vários paises e a inflação aumenta permanentemente os problemas, o que obriga os governos a tomar medidas de verdadeiro «chauvinismo» económico.

7 — O investimento nacional, isto é a despesa em construções, equipamentos e outras obras onde é possivel produzir e portanto ocupar trabalhadores, deveria ser superior a 20 por cento do rendimento nacional (portanto mais de 80 milhões de contos em 1975) foi apenas e talvez de 10 ou 15 milhões (a «iniciativa provada» não está disposta a jogar um jogo que defenda em princípio, os trabalhadores). Sobretudo quando há esperança de «reviralho». Esse investimento depende da poupança, isto é, do dinheiro que sobra das despesas. A criação de poupança por parte das classes trabalhadores exige o desenvolvimento desse hábito e até eventualmente, da sua obrigatoriedade dentro de uma política nacional, justa de salários e rendimentos. O que é uma medida elementar, de qualquer programa de Governo.

Contudo, algumas dezenas de milhões de contos (cerca de 50 milhões) só em Sines e petroquímicas) estão a ser comprometidos em investimentos que não vão criar mais de 5.000 empregos. Isto em actividades que vão depender inteiramente de um mercado internacional em crise. Insiste-se, ainda, em despender cerca de 20 milhões de contos no «brinquedo» nuclear.

Estamos numa situação que, em qualquer país dirigido (ou seja, governado) responsavelmente, seria de considerar um autêntico desastre nacional e apenas recuperável à custa de um enrorme esforço colectivo, inevitavelmente, com uma profunda modificação dos hábitos e da prática de vida (o que «por coincidência» está escrito na Constituição).

Como o leitor pode reparar, não falamos de absentismo, anarquismo, oportunismo, indisciplina, activismo, golpismo e outros «ismos» com os quais os dirigentes políticos vêm atirando poeira para os olhos dos portugueses para assim tentarem esconder, por um lado até onde as suas lutas pelo poder deixaram chegar a situação e por outro a sua incapacidade para mobilizar os que vão ser dela vítimas inconscientes e os meios humanos e materiais para a reconstrução e o lançamento da economia.

Por isso não estranhamos que o Primeiro-Ministro não tenha sugerido quaisquer medidas de fundo para a resolução da crise. É muito mais fácil o «lugar-comum» demagógico do que atacar a situação que só tem duas alternativas: ou o capitalismo, inevitavelmente muito mais repressivo, ou a via constitucional com a mobilização política dos trabalhadores. Ou será que estes são cidadãos de corpo inteiro para pôr os papelinhos de voto e são «mentecaptos» para assumir as suas obrigações? Quem é o interlocutor «trabalho» na vida política portuguesa? O P. S.? O P. C.? Intersindical? Grupo «carta aberta»? Os quase 300 sindicatos existentes? Que democracia?

Onde está a política de esquerda que a Constituição aponta?

. Quem tem capacidade para a liderar? Abordaremos estas questões em próximos apontamentos. Para já, só o comentário que alguns estrangeiros mais críticos costumam fazer à «verborreia» portuguesa: «pois, pois...»

Desporto em Viseu

Continuação da pág. 3

do banir a «clubite», o bairrismo belicioso, em suma, a alienação), interessando praticantes de todo o distrito.

Atentemos, quanto aos planos acima referidos, nas seguintes modalidades:

. **Atletismo** — No ano corrente a Delegação foi incumbida de organizar a fase nacional do Juvendo, manifestação que se verificou nas instalações do Parque Municipal do Fontelo. As diversas provas reuniram mais de 400 praticantes de idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos de ambos os sexos, classificados nos convívios distritais de todo o País (com excepção de Madeira e Açores impedidos de comparecer por dificuldades de transporte), procedentes dos vários estratos sociais dos meios rurais e urbanos, tendo a fase distrital de Viseu mobilizado 300 praticantes.

Natação — Utilizou-se uma das piscinas municipais de Viseu (tanque de aprendizagem) para o ensino da natação, tendo-se movimentado pelo menos 1000 crianças especialmente das escolas primárias e ciclo preparatório. A actividade foi interrompida durante certo tempo devido a dificuldades técnicas da maquinaria. Presentemente estão em curso negociações com a Câmara Municipal para a continuação do desenvolvimento do plano coincidindo com o ano escolar.

Neste sector obteve-se a decisiva colaboração do Comando da Polícia de Segurança Pública, o qual, tendo posto à disposição da Delegação meios de transporte, possibilitanas mais vantajosas condições de custo.

Movimento Voluntário Desportivo (M.V.D.) e Movimento do Desporto Infantil M.O.D.I.) — Promoveu-se a radicação e institucionalização destes movimentos no distrito — o M. V. D. dirigido às mais amplas camadas populares e M. O. D. I. centrado nas escolas primárias — ambos de natureza absolutamente voluntária e que obtiveram a melhor adesão.

Parece ser de interesse destacar que ao M. O. D. I. aderiram 795 professores primários que realizaram em plena liberdade de opinião 10 reuniões concelhias para discussão da proposta dos estatutos do movimento feito pela Direcção-Geral, e um plenário distrital para recolha dos elementos com vista à redacção final dos referidos estatutos no plenário nacional onde estiveram representados em Lisboa.

Refira-se ainda que, passando à acção, os professores criaram 350 núcleos do M. O. D. I. por todo o distrito, os quais movimentaram 23 605 crianças em convívios desportivos com o apoio material e técnico da Delegação.

Futebol Juvenil — Está em pleno desenvolvimento a execução de um plano que visa praticantes de idades compreendidas entre os oito e os dezoito anos.

Iniciado em Março do ano corrente, conta, neste momento, com 9657 praticantes assim distribuídos: 130 núcleos de freguesia ou de aldeia com 6169 e 43 núcleos em escolas primárias e do ciclo preparatório com 3488.

Para as actividades é concedido subsídio para a construção de balizas no máximo de 1500$00, por par, e fornecido material desportivo (redes e bolas).

Grupo de Apoio aos Pequenos Clubes e Grupo de Apoio e Sistematização de Equipamento (G.A.P.C. e G.A.S.E.) — Estes dois sectores da Direcção-Geral dos Desportos têm por fim subsidiar a construção ou melhoramento de equipamento desportivo (recintos para a prática desportiva, funcionais mas sem luxo, e de balneários para utilização não só dos atletas mas também da população em geral da comunidade onde se encontrem inseridos), compreendendo também os recintos das escolas, nomeadamente das primárias, e ainda subsidiar actividades dos núcleos e do desporto popular.

As entidades consideradas para a concessão de subsídios são fundamentalmente as autarquias locais e os pequenos clubes (entenda-se claramente amadores). É de pôr em relevo, a propósito, o interesse das populações na construção do seu equipamento (o que sempre se procura estimular), as quais, praticamente em todos os meios rurais, contribuem com trabalho e dinheiro.

, Esta Delegação distribuiu pelo G. A. S. E., no ano de 1975, mil quinhentos e vinte e dois contos, beneficiando 18 juntas de freguesia — tudo, portanto, para construção ou melhoramento de instalações desportivas. Ao G. A. P. C., por sua vez, em 1975, distribuiu 60 257$00 — e no ano corrente 17 500$00, estando autorizados mais 50 contos. (Ainda pelo G. A. S. E., e pelas escolas primárias, foram distribuídos, no ano corrente, 442 170$00, estando autorizados mais 224 108$50 para benefício de 79 escolas).

Medicina Desportiva — Diligenciou-se junto da actual Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Viseu a concessão de terreno junto do Pavilhão dos Desportos de Fontelo para a construção de instalações de um Centro de Medicina Desportiva.

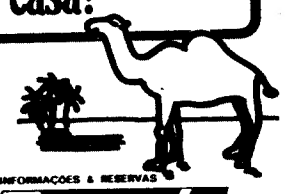
O pedido foi imediatamente satisfeito, propondo-se a Câmara dar ainda as instalações básicas de energia eléctrica, água e esgotos. Por aqui nos ficamos — assim termina esta breve memória. E nós dizemos: Oxalá assim continue para o futuro. E mais: bom será que o Estado reconheça «o direito dos cidadãos à cultura física e ao desporto, como meios de valorização humana, incumbindo-lhe promover, estimular e orientar a sua prática e difusão». Conforme, enfim, o artigo 76.º da Constituição da República Portuguesa...

EDITAL

Roberto de Salvo Coimbra, Cônsul-Adjunto do Brasil em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira MARIA CECÍLIA PEREIRA SANTOS pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento, denuncia-o na forma da lei na Chancelaria do Consulado Geral do Brasil em Lisboa, à Praça Luís de Camões n.º 22, 1.º esq.º

Lisboa, em 9 de Setembro de 1976

MARROCOS
...país exótico ao pé de casa!



FINS SEMANA
1 SEMANA
DESDE 2 390$
INFORMAÇÕES & RESERVAS
Europeia
AV. LIBERDADE 233 TEL. 536121 LISBOA 2

FORÇA AÉREA
CORPO DE TROPAS PÁRA-QUEDISTAS
BASE ESCOLA DE TROPAS PÁRA-QUEDISTAS
CONSELHO ADMINISTRATIVO
VENDA DE SUCATA

Aceitam-se propostas escritas até às 17 horas, do dia 21 do corrente, para venda de sucata composta pelos lotes n.º 1 — invólucros de cartuchos cal. 7,62 mm (1.804,52 Kg) e lote n.º 2 — 18 viaturas diversas.

Os lotes podem ser vistos todos os dias úteis na Base Escola de Tropas Pára-Quedistas em Tancos, das 9 às 12 horas.

O caderno de encargos que estabelece as condições de venda dos lotes anunciados, encontra-se patente no Conselho Administrativo da BETP, das 14.30 às 17 horas, de todos os dias úteis à excepção de sábado.

O Chefe do Contabilidade
PIRES RIBEIRO
CAP/IC

CURSOS COMPLEMENTARES
DO ENSINO TÉCNICO
(PARA ALUNOS DE CURSOS GERAIS TÉCNICOS)
ACESSO DIRECTO AO ENSINO SUPERIOR

EXTERNATOS

Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tels. 820221/834658

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) T. 706974/5

PREPARATÓRIO - LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)
ADM. UNIVERSIDADE
EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

RESTAURANTE
(BAIXA)
ALUGA-SE
FRENTE AO TEATRO D. MARIA I — ÁREA 800m2
— Largo D. João da Câmara —
Mostra e Informa a Secção de Informações da C.P.-Rossio

Nacional

"Programa de recuperação capitalista à custa dos trabalhadores"

— Intersindical critica discurso do Primeiro-Ministro

. Os sindicatos «não cederão um passo na luta contra a exploração, opondo-se decisivamente a todas as medidas que o Governo projecta para retirar as suas conquistas económicas e sociais» — declara o secretariado da Intersindical, ao dar a conhecer a sua posição, de severa crítica, quanto ao teor das declarações proferidas pela Primeiro-Ministro, no dia 9.

Esse discurso «não corresponde, nem de perto nem de longe, às posições que os trabalhadores têm o direito de exigir de um Governo que tem por imperativo realizar a sua política **com respeito pela Constituição, por forma a corresponder aos objectivos da democracia e da construção do socialismo** — salienta a direcção da central sindical.

A crítica foca, muito particularmente, certos aspectos da intervenção do chefe do Governo, nomeadamente:

— «a linguagem agressiva utilizada contra os trabalhadores e as suas organizações de classe», que «contrasta com a reverência demonstrada perante o grande capital interno e internacional»;

. — «os trabalhadores são responsabilizados pela existência e pelas proporções da crise económica», mas «nem uma palavra é utilizada contra a sabotagem económica do grande capital ou contra o boicote imperialista à jovem democracia portuguesa»;

. — «nem uma palavra é utilizada para enaltecer as grandes conquistas históricas da revolução portuguesa: as liberdades democráticas; os direitos dos trabalhadores; as nacionalizações; o controlo e gestão operários; a Reforma Agrária. Elas são apresentadas como um mal. Às grandes conquistas do Povo Português — e não ao regime de exploração assente na dominação dos monopólios e latifundiários — atribui o Primeiro-Ministro as razões fundamentais da crise económica».

Trata-se — prossegue o secretariado da Inter — de «um programa acabado de recuperação capitalista à custa dos trabalhadores»: «com tal **diagnóstico** da crise, os **remédios** não poderiam ser diferentes dos indicados. Trata-se claramente de fazer pagar aos trabalhadores e às massas populares a crise económica que não provocaram». A título de exemplo, o comunicado da Inter cita o projecto de pagamento do 13.º mês em títulos do tesouro.

«Na verdade, o Governo mantém os seus propósitos de indemnizar, à custa do nosso povo, os grandes monopólios e latifundiários expropriados» — conclui o secretariado.

REPRESSÃO E UNIDADE

«Para conseguir a sua política o Governo necessitaria de recorrer à repressão sobre os trabalhadores» — prossegue o comunicado da Inter. Por isso, «assistimos com preocupação a ameaças claras de utilização das forças policiais contra as lutas dos trabalhadores, e de restringir fortemente as liberdades democráticas e sindicais».

O discurso ocorre, aliás, «num momento em que se assiste a uma das mais fortes ofensivas contra a unidade dos trabalhadores e do movimento sindical português. Só a divisão dos trabalhadores perante os seus inimigos de classe, só a fragmentação do poderoso Movimento Sindical Unitário tornaria possível que um tal programa fosse posto em prática.»

. Mas — garante a Inter — a «unidade será mantida e reforçada, apesar da ingerência do Estado nos sindicatos, que o Primeiro-Ministro ameaça ao anunciar modificações de fundo na Lei Sindical sem consultar os trabalhadores e com desrespeito pela vontade manifestada por estes».

Manifestando-se preocupada pela política que se pretende levar a cabo, a Intersindical manifesta a disposição de «discutir com o Governo as grandes medidas de política económica e social que dêem realização à Constituição e às mais caras aspirações dos trabalhadores e do nosso povo». E continuará — afirma-o — «na vanguarda dos trabalhadores no combate cada dia mais difícil por um regime democrático a caminho do socialismo».

. «O Governo pretende justificar uma política que, a ser concretizada, agravaria fortemente a exploração, em que se destacam medidas como a liberalização dos despedimentos sem justa causa; a introdução de maiores limites à contratação colectiva; o congelamento do salário mínimo até Janeiro de 1977; a proibição de actualização de salários segundo o aumento do custo de vida; as projectadas altas de preço; o pagamento do décimo terceiro mês em títulos; o aumento de descontos para a Previdência; o agravamento dos horários de trabalho, etc.»

. (...)

. «Não é com discursos deste teor que o Governo conseguirá obter a confiança dos trabalhadores e a sua mobilização entusiástica e indespensável nas grandes tarefas de reconstrução nacional.

A política anunciada reforçará certamente as forças reaccionárias, os patrões da CIP e da CAP, que pretendem aniquilar completamente o regime democrático consagrado na Constituição.»

REIVINDICAÇÕES

A Inter assegura, aliás, que «os sindicatos continuarão a estar na vanguarda da luta contra as reivindicações demagógicas e irrealistas, contra as reivindicações que agravam as distorções salariais herdadas do regime dos monopólios e provocam a divisão dos trabalhadores». Responde, assim, ao Chefe do Governo, que teria esquecido «o enorme saldo positivo do 25 de Abril na melhoria generalizada das condições de vida dos trabalhadores portugueses», utilizando «a linguagem da C. I. P. e da C. A. P. ao acusar os trabalhadores de **fúria reivindicativa**, atribuindo-lhes a culpa da baixa de produtividade e do aumento do absentismo».

«Deste modo» — acrescenta-se — «pretende o Governo justificar uma política que, a ser concretizada, agravaria fortemente a exploração, em que se destacam medidas como a liberalização dos despedimentos sem justa causa; a introdução de maiores limites à contratação colectiva; o congelamento do salário mínimo até Janeiro de 1977; a proibição de actualização de salários segundo o aumento do custo de vida; as projectadas altas de preços; o pagamento do 13.º mês em títulos; o aumento de descontos para a Previdência; o agravamento dos horários de trabalho; etc.

F.A.O.J.: que futuro?

. «Dois trabalhadores do FAOJ foram afastados — dr.ª Graça Guedes (chefe da DAC), destacada da Direcção-Geral do Ensino Superior, e dr. Octávio Quintela (chefe da DEP), em comissão de serviço. Porquê? Quais as razões que presidiram ao afastamento destes trabalhadores pelo secretário de Estado e ministro? A questão é tanto mais estranha quanto é certo que, ao mesmo tempo que se louva a **dedicação** dos mesmos, nenhuma razão é aduzida para o seu afastamento. Trata-se de um claro saneamento, por mais subterfúgios que se inventem para o tentar justificar ou mudar o nome. Porquê?» — interroga-se, num comunicado, um grupo de trabalhadores antifascistas, sob o título «Que futuro?»

. E acentua o comunicado:

. «Dois trabalhadores desta casa foram impedidos de tomar posse: o dr. Orlando Garcia, que há dez meses chefiava a Divisão de Formação Técnica, e o dr. Eduardo Tavares Costa que há seis meses vem exercendo as funções de Director da Casa de Cultura da Juventude de Lisboa. Estes trabalhadores foram assim impedidos de tomar posse da chefia de Divisões da DAC, anulando-se, desta maneira, um despacho do então ministro major Vítor Alves. Porquê?»

. Prosseguindo, lê-se no referido comunicado:

. «Foi também demitido das suas funções o Delegado Regional de Vila Real, dr. António Cabral (um poeta conhecido no País, nomeadamente no Norte, e há muitos anos conhecido pelas suas posições democráticas que bastantes complicações lhe valeram por parte das autoridades de Salazar e de Marcelo), há dois anos em exercício do cargo, homem de grande prestígio no seu distrito, havendo sido, há alguns meses atrás louvado publicamente pelo ministro e conselheiro da Revolução, maior Vítor Alves, pela isenção na actividade desenvolvida com os organismos juvenis do seu distrito.»

. Refere também o comunicado «Que Futuro?» a suspensão, por ordem superior, da distribuição dos cadernos culturais que o FAOJ vinha editando há mais de um ano, e gratuitamente distribuídos aos jovens de todo o País. Lamenta-se igualmente o inquérito à DEP (Divisão de Estudos e Planeamento), da qual dependia a organização dos cadernos já referidos, bem como ainda a organização das bibliotecas e a sua distribuição. «Que razões estarão na base deste inquérito?»

Depois de outras anomalias, outros atropelos, termina o comunicado com a seguinte interrogação: «Que futuro nos espera, que futuro tem o FAOJ? Que vai ser dele como Departamento de Estado? Que vai ser dos seus trabalhadores? (...) Vamos todos ficar de braços cruzados, a aguardar o próximo despedimento-saneamento ou... a próxima promessa de promoção?»

Partem as últimas brigadas ALFA

. As últimas brigadas do Movimento Alfa partem, hoje para as cooperativas e herdades alentejanas. A comissão coordenadora do Movimento lança um apelo no sentido de todos os estudantes inscritos para a segunda quinzena de Setembro, ou que ainda o não fizeram, confirmarem a sua ida, na sede do Movimento na Faculdade de Letras de Lisboa, das 10 horas às 12 e 30 ou das 15 horas às 17 e 30.

Na Faculdade de Letras realiza-se hoje, às 15 horas, um plenário onde serão prestadas diversas informações e onde se procederá à distribuição do cartão Alfa, a cada um dos participantes nas brigadas.

SINDICATOS AGRÍCOLAS A MÁRIO SOARES

A Reforma Agrária fica a dever-se aos trabalhadores e suas organizações

. O último discurso do Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares suscitou da parte dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas dos Distritos de Beja, Évora, Portalegre, Santarém, Setúbal e comissões de trabalhadores das unidades colectivas de produção vivas reacções, particularmente onde são atingidos os interesses dos trabalhadores.

Em comunicados agora difundidos, os órgãos representativos dos trabalhadores nessas regiões tomam posições face ao citado discurso: «Repudiamos por serem falsas e difamatórias, as acusações feitas pelo Primeiro-Ministro.»

. Num desses comunicados afirma-se que «aos trabalhadores e só aos trabalhadores e às suas organizações (sindicatos, comissões de trabalhadores, comissões directivas) se deve a realização grandiosa e histórica da Reforma Agrária que acabou com o desemprego e possibilitou o aumento de salários e férias, nas zonas onde se cumpriu a lei e se fizeram as expropriações; que aumentou a produção dos cereais; melhorou e aumentou os efectivos pecuários e o parque de máquinas; limpou e tratou os pomares e os montados de azinho e sobreiros que estavam ao abandono; que evitou mais roubos e mais sabotagens por parte dos latifundiários.

Depois de recordarem «os muitos entraves que certos ministros do Governo do sr. Mário Soares estão a colocar ao avanço e consolidação da Reforma Agrária, em vez de ajudarem como é sua obrigação», as organizações de trabalhadores que assinam o documento a que nos referimos adiantam provas daquilo que afirmam. Assim, provas «são as verbas absolutamente ridículas, por insignificantes, investidas na zona da Reforma Agrária e a inexistência de uma política de créditos. Em contrapartida falam em dar indemnizações e subsídios aos grandes agrários absentistas e sabotadores»; e prova «é o campo de acção que dão aos grandes intermediários parasitas, dada a ineficácia propositada do aparelho de comercialização estatal (...). Por exemplo, no caso dos fardos de palha, os intermediários compram os fardos de 11$00 a 15$00 no Sul e vendem-nos a 30$00 e 50$00 aos seareiros, rendeiros e agricultores do Norte».

PORQUÊS?

«Porque fala o sr. Mário Soares em desocupar herdades», porque se tem insistido em dar reservas aos agrários no meio das cooperativas e com vista a esfrangalhá-las?» — perguntam os signatários do documento.

E ainda: «Porque não se fala em expropriar as dezenas de milhares de hectares que faltam, de modo a que se possam formar novas cooperativas e que os pequenos agricultores, rendeiros e seareiros que queiram, possam receber um pedaço de terra para eles próprios trabalharem com a família? Porque (...) não se diz sequer uma palavra em relação aos grandes agrários e suas organizações fascistas, como a sinistra C. A. P. que já anda a fazer ameaças a respeito dos ex-grémios da lavoura?

. Mais se interrogam os trabalhadores «porque não diz o sr. Primeiro-Ministro sequer uma palavra em relação às ilegalidades cometidas pelos caciques das terras do Norte que se negam a cumprir a Lei do Arrendamento Rural e não têm reduzidos a escrito mais de 500 mil contratos de arrendamento?»

. «Desconhecerá o sr. Primeiro-Ministro os roubos de gado, os roubos e danos de máquinas, as grandes dívidas, os salários de fome, os despedimentos, as arbitrariedades de todas as espécies, mesmo os crimes da responsabilidade dos ex-latifundiários fascistas?».

ATÉ AO FIM

Noutro comunicado da responsabilidade dos Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas de Beja, Évora, Portalegre, Santarém e Setúbal, os trabalhadores referem audiências que já mantiveram com diversas instâncias governamentais, desde o ministro da Agricultura, durante alguns minutos, até ao comandante da Região Militar do Sul. Aos responsáveis foi apresentado um conjunto de problemas, de que se destacam:

. As expropriações e consequente eliminação dos latifundiários têm de ser levadas até ao fim, como primeiro passo da Reforma Agrária claramente consagrada na Constituição. As expropriações devem estar concluídas até ao final do corrente ano.

Na aplicação do direito de reserva dos agrários e na sua definição têm de participar os trabalhadores — como determina a Constituição. Não é de aceitar a marcação de qualquer reserva dentro da terra das cooperativas sem a participação dos trabalhadores.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Balanço em 31 de Dezembro de 1975

ACTIVO

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal		3 475 001 044$59	
Depósitos noutras Instituições de Crédito		513 194 332$48	
Promissórias de Fomento Nacional		38 000 000$00	4 026 195 377$07
Correspondentes no Estrangeiro		391 886 950$26	
Ouro, Moedas e Notas Diversas		79 665 682$31	
Carteira de Títulos e Cupões		2 451 436 246$77	
Carteira Comercial		23 414 111 455$99	
Letras sobre o Estrangeiro		663 988 341$33	
Correspondentes no País		126 213 122$78	
Empréstimos e C/C Caucionados		2 657 108 182$77	
Devedores e Credores		2 144 943 946$28	
Empréstimos a mais de 1 ano		2 452 047 377$47	
Outros Valores Realizáveis		3 285 300$72	34 384 686 606$68 38 410 881 983$75
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras			617 736 661$84
Despesas de Constituição e de Instalação			
Custo		69 644 268$40	
Amortização		36 849 768$51	32 794 499$89
Mobiliário e Material			
Custo		153 505 709$20	
Amortização		65 653 646$97	87 852 062$23
Imóveis			
Custo		313 112 354$77	
Amortização		52 877 559$09	260 234 795$68
Outros Valores Imobilizados			
Custo		2 645 540$30	
Amortização		2 186 860$13	458 680$17 999 076 699$81
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Transitórias e de Regularização			
Filiais, Agências e Dependências			2 306 240 277$04
Outras Contas Transitórias e de Regularização			2 164 440 692$15 4 470 680 969$19
			43 880 639 652$75
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia			10 069 278 175$93
Valores Recebidos em Caução			13 847 784 583$68
Devedores por Garantias e Avales Prestados		12 153 116 091$65	
Devedores por Aceites		21 218 836 339$70	
Devedores por Créditos Abertos		1 485 304 620$62	34 857 257 051$97
Outras Contas de Ordem			11 502 064 196$72 70 276 384 008$30
			114 157 023 661$05

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Depósitos em Moeda Nacional			
Ordem	16 007 343 423$03		
Pré-Aviso	400 654 554$91		
Prazo	19 266 427 577$09	35 674 425 555$03	
Depósitos em Moeda Estrangeira		256 015 109$72	35 930 440 664$75
Cheques e Ordens a Pagar		611 206 508$98	
Exigibilidades Diversas		112 329 103$51	
Correspondentes no Estrangeiro		9 958 245$42	
Correspondentes no País		20 991 501$17	
Devedores e Credores		538 861 845$05	1 293 347 204$13 37 223 787 868$88
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Transitórias e de Regularização			3 665 165 283$74
Provisões			1 205 492 679$67 4 870 657 963$41
CAPITAL E RESERVAS			
Capital			759 000 000$00
Reserva Legal			149 112 415$50
Outras Reservas			719 000 000$00 1 627 112 415$50
RESULTADOS			
Lucros e Perdas			
Conta Nova			73 011 739$42
Resultado do Exercício			
de 14/Março a 31/Dezembro/1975			86 069 665$54 159 081 404$96
			43 880 639 652$75
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia			10 069 278 175$93
Credores por Valores Recebidos em Caução			13 847 784 583$68
Garantias e Avales Prestados		12 153 116 091$65	
Aceites		21 218 836 339$70	
Créditos Abertos		1 485 304 620$62	34 857 257 051$97
Outras Contas de Ordem			11 502 064 196$72 70 276 384 008$30
			114 157 023 661$05

O Chefe da Contabilidade

A Comissão Administrativa

Conta de Lucros e Perdas

DÉBITO

Aplicação do saldo do período de 1 de Janeiro			
a 13 de Março de 1975			
Reserva Legal		21 583$60	
Conta Nova		194 252$52	215 836$12
Juros a nosso cargo		1 747 718 971$52	
Comissões a nosso cargo		30 133 460$85	
Contribuições e Impostos		54 061 993$03	
Despesas com o Pessoal			
Remunerações dos Órgãos Sociais	5 669 343$20		
Remunerações dos Empregados	653 570 455$58		
Encargos Sociais Obrigatórios	59 642 897$70		
Outros Encargos	22 646 609$94	741 529 306$42	
Despesas Gerais			
Publicidade	19 301 924$50		
Conservação de Instalações	4 225 280$66		
Conservação de Mobiliário e Material	5 467 538$20		
Outras Despesas	155 719 632$24	184 714 375$60	
Encargos Diversos		2 087 516$58	
Dotações para Amortizações	60 468 990$41		
Dotações para Provisões	222 346 109$85	282 815 100$26	3 043 060 724$26
Saldo			159 081 404$96
			3 202 357 965$34

CRÉDITO

Conta Nova		
Proveniente da aplicação dos resultados de 1974	72 817 486$90	
Proveniente da aplicação dos resultados do		
período de 1 de Janeiro a 13 de Março de 1975	194 252$52	73 011 739$42
Juros a nosso favor	2 540 181 814$68	
Comissões a nosso favor	320 807 180$40	
Resultados em Operações Cambiais	193 630 327$96	
Resultados em Operações sobre Títulos	353 812$42	
Rendimento de Títulos de Crédito	54 106 109$93	
Rendimento de Imóveis		
e de Participações Financeiras	2 057 106$70	
Receitas Diversas	18 209 873$83	3 129 346 225$92
		3 202 357 965$34

O Chefe da Contabilidade

A Comissão Administrativa

banca AO SERVIÇO DO TRABALHO

Nacional

Para breve a extensão do passe ao "metro"?

. Na sua última alocução ao País, o Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares afirmou que a actualização das tarifas terá como contrapartida «a progressiva melhoria de qualidade dos serviços e generalização dos passes sociais».

Sabe-se que em grande parte das cidades europeias os passes são comuns a todos os meios de transporte que actuam na mesma zona urbana. Assim, em Paris, o custo do passe mensal é de 250 escudos, enquanto numa cidade como Estocolmo o seu preço é de cerca de 500 escudos mas em ambas o portador pode utilizá-lo igualmente em qualquer tipo de transporte colectivo.

Por outro lado, sabe-se que no caso da Carris o passe social e as medidas de reestruturação em vigor desde o início do ano conduziram a um aumento de receitas. Este aumento de receitas vem-se acentuando progressivamente com o aumento de passageiros e atinge 55 por cento em Maio deste ano em relação ao mesmo mês de 1975.

Pergunta-se: está para breve a extensão do passe ao metropolitano? De facto, esta extensão viria melhorar o orçamento para transportes de milhares de portugueses e seria uma boa maneira de generalizar os passes sociais que devem incluir a C. P., fluviais e rodoviário nacional.

Suspensa a contabilidade do C.R.R.A. de Évora

A suspensão da Brigada da Contabilidade do Centro Regional da Reforma Agrária de Évora desencadeou uma crise interna naquele organismo. Um grupo de trabalhadores discordantes com o comportamento profissional e político da Direcção do Centro divulgou um comunicado que que acusam esta de ter manifestado, durante os nove meses de actividade, uma total «incompetência». O documento sublinha ainda que «a ausência de directrizes e o bloqueamento de iniciativas de certos sectores» conduziu o C. R. R. A. de Évora a uma completa «infuncionalidade».

A situação era de tal maneira caótica que os trabalhadores arrastavam-se pelos gabinetes sem terem nada que fazer, enquanto os casos apresentados pelas cooperativas se amontoavam durante meses à espera de solução — uma solução que nunca mais vinha porque havia funcionários, dentro do Centro, que não estavam interessados em resolver as questões...

Por outro lado, segundo nos informaram alguns trabalhadores discordantes com a actuação da Direcção do Centro, as secções mais importantes daquele departamento, nomeadamente a Intervenção, Reservas e Contencioso, são dirigidas por indivíduos aparentados com os agrários e rendeiros expropriados. É evidente que as cooperativas e os pequenos agricultores ficaram entregues em «más mãos». Por isso não admira que os casos se arrastassem indefinidamente...

Esta medida, porém, de acabar pura e simplesmente com a Brigada de Contabilidade, sem consultar os trabalhadores que a constituiam, revela uma falta de democracia interna no C.R.R.A. É sinal de que o regente agrícola Serrano utiliza métodos muito semelhantes aos dos directores de outros tempos...

Ainda mais grave. Segundo o comunicado, assinado por um grupo de trabalhadores do C.R.R.A. de Évora, esta medida veio na sequência das reuniões à porta fechada entre o director e subdirector com alguns dos chefes de secção da confiança da Direcção. Esta diz que «vai fazer uma reestruturação do Centro. Que reestruturação é essa que é feita nas costas dos trabalhadores?» — interrogam-se os funcionários que não foram ouvidos para tal medida.

Quando os cinco trabalhadores da Brigada de Contabilidade, agora extinta, foram falar com o director, Espadinha Serrano, este respondeu que não lhes dar satisfações e que «as ordens não são para se perceber, são para se cumprir».

No respeitante à «reestruturação», os trabalhadores que subrescreveram o comunicado temem que essa medida esteja relacionada com o seguinte comentário do subdirector, sr. Costa: «Sem a saída de vinte pessoas do Centro isto não funciona».

Tudo indica que o sr. Serrano tenha recebido directrizes no sentido de «fazer uma limpeza» no Centro. O trabalho desenvolvido pela Brigada de Contabilidade, que integrava funcionários de confiança dos trabalhadores das cooperativas agrícolas, incomodava possivelmente a direcção do Centro. A Brigada deslocava-se às cooperativas e dava uma ajuda na contabilidade. Entretanto, o Centro de Évora, tal como o de Beja, já há muito que vêm trabalhando para que a escrita das cooperativas não lhes escape ao controlo.

Convém recordar que o Sindicato Agrícola de Évora acusou a Direcção do Centro Regional da Reforma Agrária de estar a pagar dívidas aos agrários com o dinheiro das cooperativas.

Aliás não é a primeira vez que se registam complicações no C.R.R.A. de Évora. Desde que o sr. Serrano assumiu a direcção, o C.R.R.A. passou a ser notícia frequente na Imprensa. Foi precisamente, o sr. Serrano que esteve envolvido na polémica lançada por certa Imprensa da qual resultou a suspensão do ex-secretário de Estado da Estruturação Agrária, Vitor Louro. Mais tarde comprovou-se que as acusações imputadas pelo director do C.R.R.A. de Évora àquele membro do Governo eram falsas.

ANUNCIANDO REUNIÃO EUROPEIA

I.A.R.N. e indemnizações na agenda dos retornados

. A «falta de estrutura» do IARN que, quando foi criado não previa «uma planificação económica paralisada», nem o «pagamento de subsídios com atraso», e a questão das indemnizações aos refugiados, para os quais a FRAUL (Movimento Nacional de Fraternidade Ultramarina) tem propostas concretas, foram temas ontem abordados por aquela organização constituída por retornados das ex-colónias, que no decorrer de um encontro com os órgãos da Comunicação Social adiantou estar previsto para o fim do ano a realização em Lisboa da assembleia geral da Confederação Europeia dos Espoliados do Ultramar (CESOM), da qual o FRAUL é membro associado.

Joaquim Meneses, Alexandra Soares, Santos Tiago e César Cunha expuseram aos jornalistas os mais candentes aspectos da actividade do movimento e da CESOM, a qual congrega representações da Holanda, Itália, RFA, Israel, Portugal, Grã-Bretanha, Bélgica, França e Grécia. Sobre o movimento aqueles dirigentes referiram, designadamente, que neste momento se esforça por resolver diversos problemas ligados à emigração para a Venezuela de retornados das ex-colónias, e que os 1500 associados inscritos são insuficientes para responderem a todas as necessidades financeiras do da FRAUL.

Os dirigentes da organização, pelo que ontem foi sublinhado trabalham sem qualquer remuneração, esperando todos que o tenente-coronel Gonçalves Ribeiro tome posse no mais breve espaço de tempo, por forma a que solucione os problemas com que a FRAUL e os seus associados se debatem. Gonçalves Ribeiro, já nomeado para alto-comissário dos retornados, poderá intervir, conforme esperança manifestada pela FRAUL, junto do Conselho da Europa, e dos bancos portugueses ligados àquela organização.

APÓS UM ANO NO BRASIL

Vêm aí pesqueiros fugidos de Angola

RIO DE JANEIRO, 13 — Os navios de pesca portugueses que em Novembro do ano passado chegaram a esta cidade vindo de Angola, preparam-se para atravessar novamente o Atlântico, desta vez rumo a Portugal. De acordo com informações prestadas por indivíduos relacionados com os pescadores, os sete barcos que se encontram ancorados em frente de Niteroi deverão fazer-se ao mar nos fins de Outubro, isto é, sensivelmente na mesma altura em que pela primeira vez cruzaram o Atlântico rumo ao Brasil.

Sabe-se, por outro lado, que os barcos farão a sua segunda viagem transatlântica com tripulações reduzidas porque apenas virão três dos trinta negros oriundos de Angola que faziam parte das tripulações originais. Os restantes preferiram ficar no Brasil, trabalhando na ilha da Conceição. Os sete barcos que se presume venham a enriquecer a frota de pesca portuguesa são modernissimos e estão equipados com os últimos dispositivos electrónicos para a pesca de alto mar.

Portugal: 2.º lugar em matéria de inflação

. Em Julho do corrente ano, Portugal ocupava o segundo lugar entre os países da OCDE com mais elevada taxa de inflação anual, com 16,8 por cento, apenas suplantado pela Espanha onde o aumento do custo de vida se cifrou em 17,9 por cento e seguido pela Itália, com 16,5 por cento — segundo revelam as últimas estatísticas da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico.

Quanto à taxa de inflação referente apenas a Julho de 1976 cifrou-se para Portugal em 2,3 por cento o que constitui o mais alto valor registado nos referidos países, onde só a França, com 1 por cento, se lhe aproximou, quedando-se o valor médio para o conjunto dos 17 principais membros da OCDE, em 0,5 por cento.

Ainda de acordo com as estatísticas acima referidas, a inflação média anual atingiu os 8 por cento, sendo a mais baixa desde há três anos.

Mais um petardo no Porto

. PORTO, 13 — Na madrugada de ontem, foi arremessado, por uma abertura da porta da rua, um petardo de pequena potência para o interior do prédio n.º 74 da rua de Santo Ildefonso, 74, onde reside o sr. Jaime Filipe Morais Valverde. Estilharam-se alguns vidros e ficou ligeiramente danificado o tecto junto à porta.

No rés-do-chão, está instalado um estabelecimento comercial do sr. Jaime Valverde, militante do P.C.

Segundo nos disse, houve quem visse ter ali estacionado um automóvel pouco antes do rebentamento do petardo.

PUB

Poder Popular

Órgão do Movimento de Esquerda Socialista

Dois anos de vida! Dois anos de luta!

Por um congresso democrático de todos os sindicatos!

Esquerda Socialista

MES

Por uma central sindical única, democrática, apartidária e de classe!

11 Setembro 3 anos de ditadura

CHILE RESISTE VENCERÁ!

GDUP Ultrapassar as divergências! Consolidar a organização!

DE NOVO À VENDA — 5$00

ECONOMIZE!... NOS ÚLTIMOS DIAS DE SALDOS

EM TODA A ORGANIZAÇÃO DOS armazéns do CONDE BARÃO

Trabalho

DOIS MESES SEM SALÁRIOS

Patrão inglês não cumpre o prometido

O caso da firma de confecções Dann e Hellman, S.A.R.L., onde os salários dos 179 trabalhadores referentes a Julho e Agosto, juntamente com o subsídio de férias, ainda não foram pagos, é relatada num comunicado agora difundido pelo Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis de Lisboa.

A falta de salários, com todas as dificuldades que levanta aos trabalhadores é, entretanto, agravada pelo facto de o mês de Junho ter sido pago pela Secretaria de Estado do Emprego, «que para este efeito concedeu um empréstimo, em condições extremamente vantajosas, ao patrão».

Mas, mais grave ainda, em Maio tinha sido feito um acordo entre a entidade patronal, os trabalhadores e o Ministério do Trabalho, no qual constava o compromisso do patrão «montar uma nova linha de produção na fábrica, mantendo-se esta encerrada de 15 de Junho a 31 de Agosto».

Afinal, a promessa de reabrir a fábrica em Setembro não foi cumprida. E o patrão, um inglês, chega «ao ponto de alegar que assinou *inconscientemente* uma garantia bancária ao Banco Totta e Açores» — segundo se afirma no comunicado do Sindicato dos Têxteis».

Mais afirma o comunicado: «Ao fim e ao cabo, o que o sr. Harold Rose, cidadão inglês, patrão da Dann e Hellman pretende é que os bancos nacionalizados lhe paguem as suas dívidas, lhe comprem as suas máquinas, paguem os salários aos trabalhadores que ele, pela sua parte, se encarregará de tirar os lucros».

E quase a terminar: «O sr. Harold Rose troça das elis portuguesas, troça do Ministério do Trabalho, mas talvez não se fique a rir. Para já, o facto de não abrir a fábrica em Setembro, acarreta-lhe, na nossa opinião, uma acusação de «lock-out» (que é proibido pela Constituição Portuguesa)».

Mais uma agressão a um delegado sindical

A ofensiva do patronato contra os delegados sindicais eleitos pelos operários e, por vezes, contra os próprios dirigentes dos sindicatos (são inúmeros os casos de despedimento, assumindo as mais variadas formas a pressão exercida sobre estes trabalhadores), conheceu novo episódio, desta vez na fábrica de estofos de Edmundo Coelho dos Santos, da Marinha Grande. A mulher do patrão, após desacordo entre ambos quanto ao início do período de férias de um dos delegados sindicais na empresa, agrediu este último, causando-lhe ferimentos ligeiros.

Os 30 trabalhadores da fábrica deram já conhecimento do caso ao Sindicato das indústrias de Carpintaria e Marcenaria do distrito de Leiria.

Trabalhadores do Totta e Açores contra a reintegração do "director"

No seu último plenário, os trabalhadores do Banco Totta e Açores tomaram posição contra o que foi recentemente decidido pelo Ministério das Finanças quanto à situação do dr. Raul Caldeira. O Ministério notificou a Comissão de Trabalhadores do Banco, em 5 de Agosto passado, de uma deliberação da Comissão Interministerial de Saneamento e Reclassificação relativa a «Raul Júlio de Almeida Pimenta Marques Caldeira, director do Banco Totta e Açores», no sentido de «o mesmo ser reintegrado nas suas anteriores funções, embora sem prejuízo do apuramento de eventuais responsabilidades disciplinares».

Em moção aprovada, os trabalhadores reafirmaram, porém, o teor da deliberação tomada em RGT realizada em Julho do ano passado e reiterada em Outubro do mesmo ano, relativamente à pessoa em causa. Na primeira destas reuniões gerais, exigiram os trabalhadores «a imediata rescisão do contrato de trabalho do dr. Caldeira (que mais não era do que um simples contrato de prestação de serviços), sem qualquer indemnização». Na mesma moção, os trabalhadores recordam que o dr. Raul Caldeira foi admitido nos quadros do Banco em Setembro de 1969 para vir a exercer as funções de director de pessoal.

Dissolvida esta «direcção», desapareceram, segundo os trabalhadores, as funções para cujo exercício o dr. Caldeira fora admitido. E a moção continua: «Como verdadeiro administrador que era, ou se fazia passar já que além de ser representante directo do Grémio (o que só os administradores podiam ser) tinha um estatuto interno diferente de qualquer outro director (como seja não necessitar de qualquer isenção de horário de trabalho para exercer as suas funções, receber o seu vencimento numa única verba), deveria ter deixado o Banco imediatamente após a nacionalização da banca, em Março de 1975.»

Na sequência de todo este processo, os trabalhadores do Totta e Açores declaram, em moção aprovada, «a sua determinação em não permitir a reintegração neste Banco do dr. Raul Caldeira, reunindo-se em plenário para decidir das formas de luta a adoptar, caso o Ministério force aquela reintegração.

Rodoviários analisam situação

A secção de apoio a delegados sindicais do Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa promove uma série de reuniões com uma ordem de trabalhos geral, que abrange os seguintes pontos: «Dinamização da união sindical local; Congresso dos Sindicatos e divulgação e debate da contraproposta do C. C. T. V. apresentada pela Rodoviária Nacional».

Essas reuniões, destinadas aos trabalhadores rodoviários das regiões respectivas, realizar-se-ão, nos locais e datas a seguir indicados, sempre às 21 horas: no dia 14, em Mafra, nas instalações da União Sindical (Rua Frei Estêvão de Jesus Maria, lote 4, r/c esq.); no dia 15, em Vila Franca de Xira, na União Sindical (R. de Serpa Pinto, 126, 2.º); no dia 16, em Sacavém, na União Sindical (Praça da República, 66-A); e no dia 20, de novo em Mafra, no mesmo local.

PUB

Sindicato dos Marinheiros Mercantes

COMUNICADO

O Sindicato dos Marinheiros Mercantes de Portugal, enviou o seguinte telegrama aos Sindicatos reunidos em Coimbra:

Camaradas,

Participámos nos 4 encontros de Coimbra havidos até hoje.
E participámos porque concordámos com o seu espírito de unidade.

Afirmamos assim defender o seguinte:

— Necessidade de reforço dos Sindicatos.
— Reestruturação da Central Única tornando-a democrática e independente.
— Comissão Organizadora do Congresso representativo dos Sindicatos filiados e não filiados.
— Preparação do Congresso a partir dos locais de trabalho.
— Discussão das propostas pelos trabalhadores.

Foi neste espírito que nos encontrámos em Coimbra com outros Sindicatos.
Porém, à medida que se foi avançando muito se modificou.

— A primeira machadada foi a proposta de que como delegados ao Congresso só estariam membros dos Corpos Gerentes.
— A segunda foi de que as Direcções não se vinculariam às teses e propostas aprovadas em Assembleia Geral pelos sócios.

Estas duas propostas contrariam fundamentalmente a necessidade de participação dos trabalhadores no Congresso.

Aconteceu depois que se começou a verificar que quer o Projecto de Regulamento do Congresso quer a sua Comissão Organizadora segundo os Sindicatos presentes em Coimbra deveriam ser escolhidos por acordos com o Secretariado da Inter afastando assim os trabalhadores da sua discussão

Por último passou-se duma posição de crítica em relação ao Secretariado da Inter e à sua actuação, para uma posição de contestar a Intersindical, como estrutura do Movimento Sindical. Concordamos com a posição de crítica ao Secretariado mas não aceitamos a contestação de uma Central Única.

Nós não confundimos a actuação por vezes contrária aos interesses dos trabalhadores do Secretariado da Inter eleito num Congresso Antidemocrático e não independente, com a Intersindical — Central Única dos Trabalhadores Portugueses, que devemos defender a todo o custo.

Pensamos por outro lado que as posições por vós defendidas ultimamente, nomeadamente a não comparência na Reunião Geral de Sindicatos, compromete seriamente a Unidade do Movimento Sindical, hoje mais necessário que nunca para responder à ofensiva patronal organizada na C. I. P. e aos projectos governamentais que estão em forja de revisão da Lei Sindical, da Lei da Greve, das leis dos despedimentos e da unidade na unicidade.

Por todas estas razões não podemos mais participar nas vossas reuniões e no Encontro que se vai realizar dia 12 e 13 do corrente mês.

Estamos no entanto sempre abertos à discussão para a reestruturação da Central Única, Democrática e Independente como o fizemos na Reunião-Geral de Sindicatos no passado dia 4.

UM SÓ CONGRESSO, UMA ÚNICA CENTRAL DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE

A DIRECÇÃO

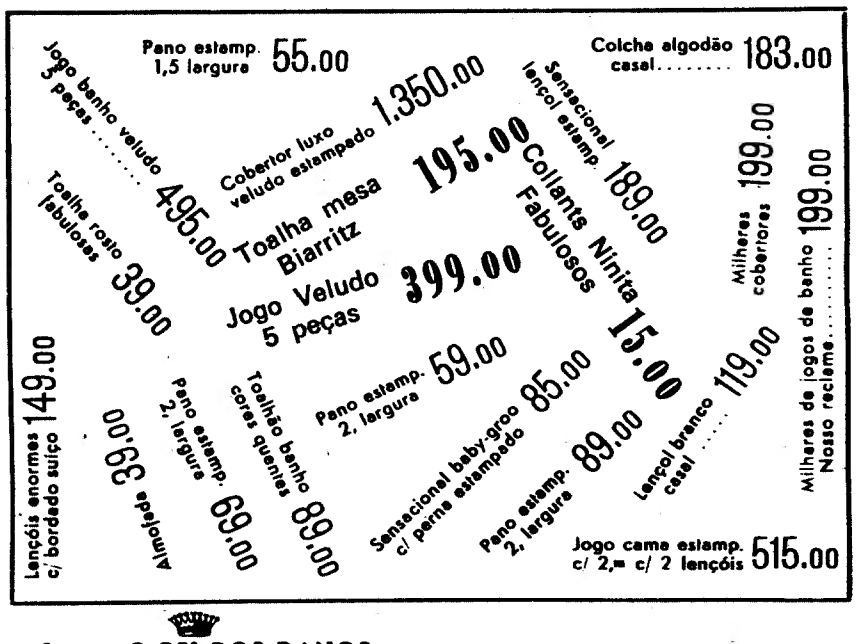
Saldos • Saldos • Saldos

ESPECTACULAR ÊXITO DA CAMPANHA DE

SALDOS

JOFRAMA

OS NOSSOS SALDOS TÊM SIDO O **DELÍRIO DAS NOIVAS E DONAS DE CASA!** E PORQUÊ?
PORQUE OS NOSSOS SALDOS **NÃO SÃO «MONOS»!**
SÃO ARTIGOS DE QUALIDADE A PREÇOS DE **SALDO**



Somos O REI DOS PANOS — e provamos — Temos nos nossos armazéns o maior **STOCK** de Panos de Lençol, estampado, cores e branco, nas larguras de 1,4 - 1,6 - 1,8 e 2, m, que estamos a vender mais barato que qualquer Fábrica deste País.

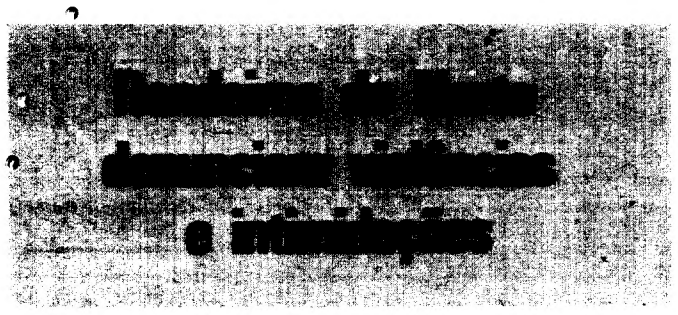
O CAMINHO DA AUSTERIDADE PASSA PELOS NOSSOS SALDOS

SEDE — **RUA DOS FANQUEIROS, 226-232 (frente à Rua da Assunção)**
FILIAIS | **RUA JOÃO DAS REGRAS, 4-B (junto à Praça da Figueira)** | **RUA DA MADALENA, 203-217**
Telefones: 86 28 99 - 87 21 56 - 87 33 40 - 86 85 72 - LISBOA-2

MANDAMOS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS E ILHAS

Saldos • Saldos • Saldos

Trabalho



. Realizaram-se este fim-de-semana diversas reuniões de pequenos agricultores e rendeiros em concelhos do Norte. Os problemas que afectam muitos milhares de pessoas ligadas à terra foram as-

sim debatidos nos concelhos de Penafiel, Barcelos, Amarante e ainda em toda a região de Basto, para além da reunião efectuada em Vila Nova de Gaia, pela Liga dos Rendeiros local.

A lei do arrendamento rural e as dificuldades que lhe são ainda levantadas por senhorios e absentistas, a situação social dos trabalhadores da terra e os prejuízos causados pelas secas foram problemas particularmente focados naquelas reuniões.

O encontro de Gaia que reuniu centenas de agricultores e rendeiros do concelho, aprovou os estatutos e constituiu uma direcção definitiva para a Liga de Rendeiros, tendo decorrido com enorme interesse e participação debatendo-se problemas concretos levantados pelos rendeiros.

Mais uma vez se referiram as tentativas feitas pelos senhorios para se apoderarem das colheitas, a sua recusa em fazer os contratos ordenados pela lei e as violências e intimidações que têm desencadeado contra os rendeiros face à passividade das autoridades locais, nomeadamente a G. N. R.

Foram assim referidos os casos de Fafe e Gaia, tendo um rendeiro do primeiro daqueles concelhos referido a marginalização e a ausência de regalias sociais que continua a abater-se sobre pequenos agricultores e rendeiros. A propósito da assistência social um rendeiro de Fafe perguntou: «O que fariam os capitães e os magistrados com pensões de 900 escudos por mês?»

Foi ainda dado conta neste encontro dos documentos enviados ao Presidente da República, C. R., Primeiro-Ministro e ministro da Agricultura em que se pede a suspensão da C. A. P. a melhoria das pensões e da protecção à velhice e a criação de uma caixa central de Previdência que equipare os trabalhadores do campo aos da cidade.

O programa da Ligade Agricultores e Rendeiros de Gaia, onde se encontram já filiados centenas de trabalhadores da terra, e que hoje será legalizada, refere nomeadamente: defesa da lei do arrendamento, medidas de crédito, fixação de preços, escoamento e comercialização, apoio à criação de cooperativas, fiscalização das leis sobre política agrária, etc..De salientar ainda, que um dos pontos do programa da Liga refere a necessidade de avançar a curto prazo, para uma cooperativa de compra e venda que esteja igualmente atenta aos problemas do acesso dos filhos dos homens do campo à escola a fim de poderem obter conhecimentos necessários à melhoria da agricultura e ao desenvolvimento das populações daquele sector.

AMANHÃ À NOITE

Debate televisivo sobre o Congresso sindical

—Intersindical estará presente

Um representante da Intersindical Nacional desmentiu esta manhã que tenha havido uma recusa da parte daquele organismo, no que respeita à participação num debate televisivo, programado para amanhã à noite, e no qual também deverá estar presente um representante do grupo de sindicatos da Carta Aberta. Da parte da Central Única de Trabalhadores a representação será da responsabilidade de um elemento do Secretariado.

No entanto, não nos foi possível confirmar junto da Radiotelevisão Portuguesa, a emissão de qualquer programa na noite de terça-feira, referente a problemas sindicais. Tal facto leva a pensar que o debate será incluído na rubrica «Terça à Noite», da responsabilidade de Joaquim Letria.

A notícia da «renitência» da Intersindical em participar naquele debate tinha sido veiculada pelo «Jornal Novo», no sábado, que especulava com uma informação que lhe teria sido dada naquele organismo, de que «não tinha conhecimento de nada».

«CARTA ABERTA» DE NOVO EM COIMBRA

À hora a que o nosso jornal começa a circular terá tido início nas instalações da Faculdade de Letras de Coimbra uma reunião promovida pelos sindicatos da «Carta Aberta», destinada a estudar a resposta a dar às deliberações tomadas na última reunião geral de sindicatos, realizada em Lisboa no dia 4, que focou os problemas decorrentes da organização do próximo Congresso sindical.

Recorde-se que, na última reunião da «Carta Aberta» apenas estiveram presentes 35 sindicatos.

NÃO AOS SINDICATOS PARALELOS

Trabalhadores têxteis, reunidos no sábado em Lisboa para debater questões sindicais, pronunciaram-se contra a participação dos sindicatos paralelos no congresso de todos os sindicatos, e sugeriram que «tudo o que diga respeito ao Congresso, incluindo as divergências, sejam amplamente discutidas em reuniões de fábricas, empresas e assembleias gerais, e que a vontade dos trabalhadores seja respeitada».

Os operários têxteis apontaram a defesa intransigente da unidade de todos os trabalhadores e a reestruturação da central sindical única já existente (Intersindical) como objectivos do Congresso. Para as próximas reuniões gerais de trabalhadores deverão ser convidados sindicalistas representando as várias correntes existentes no seio do Movimento Sindical.

TRABALHADORES DA UTIC QUEREM ESCLARECIMENTOS

Os trabalhadores da empresa UTIC reunidos em plenário, aprovaram uma moção em que decidem que os delegados sindicais organizem um plenário durante os próximos 15 dias, tendo como ordem de trabalhos o Congresso dos Sindicatos. A decisão foi tomada por terem em consideração « a importância que tem para os trabalhadores a manutenção da unidade do movimento sindical adquirida nas duras lutas do tempo do fascismo».

De acordo com a moção aprovada, os delegados da UTIC, durante o referido prazo, deverão divulgar na empresa toda a documentação existente sobre o Congresso dos Sindicatos e exigir das Direcções Sindicais que os representam, que se façam representar no plenário, para esclarerem a sua posição e ouvirem os trabalhadores sobre o assunto.

No plenário deverão tambm eshar presentsssssses representantes da Intersindical Naciona, da Comissão Organizadora Provisória, eleita na última reunião geral de sicdicatos, efectuada no dia 4, no Instituto Superior Técnico; e representantes da Comissão de Redacção da «Carta Aberta». No que respeita a participação, o plenário decidiu que a Comissão de Trabalhadores deverá participar na organização da próxima reunião, para que nela esteja presente um elevado número de trabalhadores.

Os funcionários da UTIC entendem que as direcções sindicais têm o dever de vir aos locais de trabalho discutir os problemas do Congresso dos Sindicatos, uma vez que, dispersos por treze organismos sindicais, para eles descontam mensalmente, cerca de cem contos.

Na mesma moção a que nos temos referido, afirma-se que a controvérsia sobre o Congresso dos Sindicatos parece pretender «fazer esquecer os trabalhadores os problemas da negociação dos Contratos Colectivos de Trabalho, do aumento do custo de vida, dos despejos daqueles que preecisam de uma casa para habitar e de outros importantes assuntos».

Considera-se, ainda, no mesmo documento, que «a polémica existente fora das estruturas do movimento sindical é aproveitada pelos inimigos dos trabalhadores, que os patrões desde há muito têm a sua central única — a CIP para os industriais e a CAP para os grandes agrários — que agora, através da intriga e da calúnia, pretendem dividir o Movimento Operário Sindical para melhor poderem continuar a exploração, aproveitando para esse trabalho os órgãos de Informação, muitos deles ao serviço dos capitalistas».

Noutra moção, os trabalhadores da UTIC exigem «o castigo devido ao fascista Spínola; o rápido julgamento dos «pides» e o regresso à prisão dos altos responsáveis dessa criminosa polícia, os quais em liberdade constituem um perigo permanente para as liberdades democráticas que pretendemos viver; que o desmantelamento das redes bombistas seja levado até às últimas consequências com o devido castigo para os seus autores e responsáveis».

Motoristas marítimos continuam em greve

Mantêm-se em greve os motoristas marítimos, até à solução do diferendo salarial que se arrasta há meses entre o Sindicato dos Motoristas do Mar e a associação de armadores.

Entretanto, das 58 traineiras de Matosinhos, 19 fizeram-se ao mar, esta madrugada, sem os maquinistas, o que corresponde, no dizer dum dirigente sindical por nós contactado esta manhã, a uma atitude de grande irresponsabilidade, dadas as consequências que poderão advir do facto. Na verdade, para além de contrariar a legislação cuja existência de cumprimento compete à capitania, a saída das traineiras sem o pessoal especializado tem um grave risco para a segurança quer dos barcos quer dos pescadores.

Entretanto, está em vias de ser criada uma comissão técnica que se irá debruçar sobre as tabelas salariais para o tempo de inactividade dos barcos. Tal hipótese tem sido avançada nas reuniões que decorrem na delegação do M.T. do Porto, com vista à solução do conflito.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

MOÇÃO

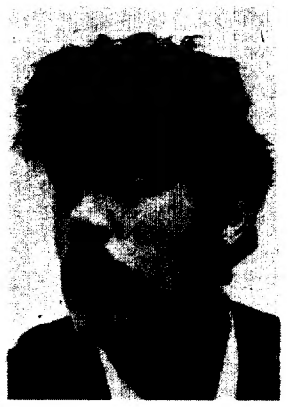
Os professores candidatos ao estágio de 76/77, reunidos em plenário em 10/9/76, denunciam a clamorosa arbitrariedade que consiste na classificação de 10 valores atribuida a todos os candidatos que não puderam, no prazo legal, fazer prova das suas habilitação e classificação académicas, **por culpa exclusiva dos serviços do próprio MEIC.**

Deste modo **exigem** a imediata integração no lugar a que a sua classificação académica corresponde.

OS PROFESSORES NÃO PODEM SER DUPLAMENTE VÍTIMAS DAS INCOMPETÊNCIAS DO MEIC.

Assina: A DIRECÇÃO
Antonino Poiares

UMA ESPINGARDA POR COMPANHEIRA



MANUEL GERALDO
Prosas dum atentado à venda nas livrarias

SALDOS

NA

STOP

Rua do Ouro 262

ÚLTIMOS DIAS

Estrangeiro

UM BELO TEXTO DE CABRAL:

"Porque, sabes, também há flores!"

«A Europa, cartesiana e sobredesenvolvida, quando se trata de guerras, exige sempre a mais objectiva objectividade: quer ver os feridos e os cadáveres. E lá vieram os aviões, bombardeando-nos a esmo, quotidianamente. E vimos juntos as mesmas aldeias arruinadas, as mesmas populações em fuga perante as bombas, os mesmos mortos queimados pelo **napalm**, aquele mesmo guerrilheiro escaldado ao terceiro grau, mas mesmo assim ainda vivo, as mesmas bombas feitas nos Estados Unidos da América, lançadas por aviões feitos na Alemanha Ocidental, equipados com rádios feitos na Grã-Bretanha, e as mesmas granadas lançadas de canhoneiras e fragatas feitas em França. Em campos fumegantes, lá estavam sempre a mesma coragem dos nossos lutadores, a sua teimosa determinação.

«E, pelo nosso lado, dissémos para nós mesmos: sim, felizmente-infelizmente há mortos e feridos, aldeias arruinadas, incêndios, muitos incêndios, porque, sem tudo isto, que valor poderia ter esta visita para além do de uma simples experiência pessoal? Como poderá ele convencer os seus compatriotas, aqueles fleumáticos britânicos, aquela Europa tão desconfiada, aquele «Times» tão respeitável, aquela opinião pública sempre tão bem informada, a menos que haja cadáveres devidamente nomeados e catalogados, bombas com etiquetas de origem, um caso de **napalm** com o grau de ferimento devidamente registado? Por conseguinte, agradecemos a esses criminosos aviadores de Portugal que aqui vieram bombardear-nos durante o tempo da sua visita.

«Mas houve outras realidades objectivas que não chegou a ver. Por exemplo, as flores de Quitáfine. Porque, sabes, também há flores: só não tivémos tempo de t'as ir mostrar. Flores azuis-amarelas-lilases, flores cor de arco íris, flores vermelhas como o Sol poente, e também brancas (mas não como os colonos), brancas e puras como a pomba de Picasso. E Lebete Na N'Kanha — desta vez não a militante do partido, mas a mulher, a jovem rebelde, fina como uma gazela, a mãe de família, a mulher cuja opinião é escutada pelo marido, a cultivadora de arroz. Mas, mais uma vez, não tivémos tempo para isso; não chegaste a falar com Lebete, a mulher. Mas apercebeste-te da cor dos seus olhos, da pureza do seu sorriso, da graça dos seus gestos? Poderá uma luta, mesmo a mais justa, como é a nossa, arrogar-se o direito de monopolizar o tempo a tal ponto que chegue a silenciar a voz de Lebete, a mulher? Querido hóspede, quantas mulheres tens tu? Só uma? Bem sei, e dizem-me que é bela e inteligente. Por isso não olhes para os meus pés, tornados tão grosseiros pela água salgada dos nossos pântanos; nem para as minhas mãos, que estão cheias das cicatrizes da colheita do arroz. Mas olha só para os meus olhos, que neles verás o passado, o presente e o futuro das mulheres do meu país.

«E as crianças também. Não só aquelas que viste, bem vestidas, bem perfiladas a cantar com vozes cheias de esperança o hino do nosso partido, da nossa nação ainda por nascer. Mas crianças sem roupas, crianças deformadas pela subalimentação, crianças que não têm brinquedos, mas têm estômagos entumescidos habitados por vermes, crianças que parecem crianças-balões. Também não tiveste tempo para falar com elas. Crianças solenes, a falar do nosso partido, da nossa luta, dos colonialistas, de todas as espécies de armas, a fazer perguntas dolorosas: «Vimos fotografias de crianças da terra dos brancos. Parecem felizes e não têm barrigas grandes. Porquê? E, contudo, crianças que continuam crianças, a razão da nossa luta, o futuro do nosso país.

«Viste também os nossos anciãos, simples militantes ou funcionários do partido. Barbichas brancas na rocha negra dos seus rostos: fez-te lembrar a neve nos cumes das tuas montanhas? Se assim foi, nada mau: porque a neve da experiência que nenhum sol poderá derreter, e que nós respeitamos mesmo quando a dialéctica da lógica não está sempre do seu lado. Os anciãos são os nossos museus, as nossas bibliotecas, os nossos livros de História — o presente e o passado. E falam bem, também: «A luta é a grande mentira que se transforma em verdade.» Souberam como acreditar nessa mentira até ela se transformar em verdade, apesar das suas dúvidas e das marcas indeléveis que o colonialismo deixou nos seus espíritos e nos seus corpos. Só conhecem alegria quando sonham com o futuro, mas começam a estar espantados com o presente. Como é que nós pudemos unir todos estes povos, todos estes grupos étnicos, de forma a que marchassem juntos como um só homem? Escuta os nossos anciãos: «Não pode ser obra de homens, tem de ser trabalho de Deus.» Talvez tenham razão, desde que em face de cada ameaça possamos conservar e fortalecer essa grande arma da nossa luta que é a unidade do nosso povo, de todos os seus grupos étnicos, de todos os seus estratos sociais.»

(Do prefácio de Amílcar Cabral à obra de Basil Davidson, «Libertação da Guiné», publicado em Portugal pela editora Sá da Costa colecção Terceiro Mundo).

Amílcar Cabral: um entre a cultura port

«Camaradas, eu jurei a mim mesmo, nunca ninguém me mobilizou, trabalhar para o meu povo. Eu jurei a mim mesmo que tenho que dar a minha vida, toda a minha energia, toda a minha coragem, toda a capacidade que posso ter como homem, até ao dia em que morrer, ao serviço do meu povo, na Guiné e Cabo Verde, ao serviço da causa da humanidade, para dar a minha contribuição, na medida do possível, para a vida do homem se tornar melhor no Mundo. Este é que é o meu trabalho.»

Amilcar Cabral, se fosse vivo, completaria ontem 52 anos. Mas, tal como previa no seu breve auto-retrato publicado acima, já morreu «ao serviço do seu povo» e para que «a vida do homem se torne melhor no Mundo».

Os seus restos mortais já regressaram à capital da pátria libertada; na Guiné e em Cabo Verde, dois povos irmãos libertados sob a orientação da organização política fundada por Cabral, o PA.I.G.C., celebraram ontem o Dia da Nacionalidade. Uma das primeiras medidas dos novos Estados foi proclamar Amilcar, «Fundador da Nacinalidade» guineense e caboverdiana e o dia 12 de Setembro como «Dia Nacional».

Das mais diversas partes do Mundo, acorrem à Guiné mensagens de saudação e solidariedade. Em Portugal, a obra de Amilcar Cabral, o próprio Amilcar, como pessoa e revolucionário, o que ele significou para a libertação do seu povo e de grande parte da África, e mesmo pelo contributo dado à libertação do povo português são hoje e continuadamente actuais. Por isso evocamos o que seria o seu 52.º aniversário, tentando, também, despertar nos leitores o interesse pela obra do fundador do P.A.I.G.C., cujas versões portuguesas já vão sendo, felizmente, publicadas. Acrescentamos à resenha histórica da vida de Cabral depoimentos de pessoas que ou o conheceram em vida ou lhe apreciam a obra assim como se publica um dos mais belos textos de Cabral (extraído do prefácio ao livro de Basil Davidson sobre a Guiné). Trata-se, como o leitor pode confirmar, de uma verdadeira peça literária cheia de ternura, humanismo, poesia e confiança na gente do seu chão.

GRANDE ACTIVIDADE POLÍTICA EM LISBOA

Amilcar Cabral nasceu em Bafatá, segunda cidade da Guiné-Bissau, a 12 de Setembro de 1924, filho de um professor promário, natural de Cabo Verde. Lá fez a instrução primária seguindo depois para S.Vicente, Cabo Verde onde começaria a cursar o liceu, que na altura ainda não havia na Guiné. Completou os estudos no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, como engenheiro agrónomo e elevadas classificações.

Mas a sua passagem por Lisboa não se limitaria aos estudos universitários: cedo manifesta uma grande preocupação em integrar-se nas correntes de pensamento político que então agitavam o Mundo; ensina a ler alguns portugueses em aulas de alfabetização de adultos abertas em associações democráticas; participa nas campanhas pela paz ao lado dos movimentos da juventude progressistas, se bem que não se teha comprometido tão profundamente nessas actividades políticas ao lado dos antifascistas portugueses como, por exemplo, se sabe do angolano Agostinho Neto e do guineense Vasco Cabral. Já nessa 1altura, em Lisboa, os esforços centrais de Amilcar Cabral incidiam no lançamento de bases para a organização dos estudantes africanos.

Nos períodos de férias, Cabral desloca-se a Cabo Verde, num deles, em 1949, conhece o primeiro choque frontal com o colonialismo: dirige um programa cultural na Rádio, feito com todas as cautelas e subterfúgios. O povo da Praia junta-se na praça principal, onde havia autofalantes ligados à emissão da Rádio a fim de ouvir o jovem estudante. O resultado não se fez esperar e a difusão do programa é proibida.

Orientado para a consciencialização dos estudantes africanos em Lisboa procura revitalizar a Casa d'África juntamente com outros jovens das colónias. Participa, igualmente, na animação cultural da Casa dos Estudantes do Império.Com Agostinho Neto e Mário de Andrade cria, em 1951, o Centro de Estudos Africanos, que no seu programa de reafricanização dos espíritos, exerce uma notável influência na futura constituição dos organismos políticos que iam dirigir a luta anticolonial.

Concluído o curso, Amilcar Cabral trabalha como investigador na Estação Agronómica de Lisboa. Mas nenhuma solicitação material, nenhum convite de empresas agrícolas ligadas à África, nenhuma proposta, por mais aliciante que 1fse, dirigida ao seu saber de técnico agrónomo o desviou do regresso à terra: à Guiné sub desenvolvida e oprimida, ao povo que ele vira cultivar o arroz e a mancarra e ser explorado, sem limites, pelos serventuários da Gouveia, da ultramarina e outras empresas coloniais.

Os dois anos de trabalho ocupados no recenseamento agrícola da Guiné — de 1952 a 1954 — permitiram-lhe medir, a palmo, o país, sentir o significado da revolta natural dos camponeses, diagnosticar as fraquezas do colonialismo e começar a organizar-lhe a sepultura.

EXPULSO DE BISSAU

Como político hábil que já era e como conhecia perfeitamente o meio urbano, cria um grupo desportivo, em Bissau. Nos intervalos, entre os jogos de futebol iam-se organizando umas reuniões para falar da

«Estamos certos, absolutamente certos de que, enquadrados pelo verde eterno das florestas africanas, flores vermelhas como o sangue dos mártires e amarelas como as colheitas da abundância crescerão sobre o túmulo de Kwame N'Krumah: porque a África vencerá» (Amilcar Cabral, Maio de 72)

a sólida ponte uguesa e a africana

Em 1966, com Fidel Castro, na Sierra Maestra, berço da libertação cubana. Mais tarde, a 13 de Maio de 1972, afirmaria em Conakry: «Para nós, combatentes da liberdade, as mais belas flores com que podemos homenagear a memória de Kwame N'Krumah são as balas, os obuses, os projécteis de toda a espécie que lançamos contra as forças colonialistas em África»

geografia e da história da África... A queixa de que nessas ocasiões falava contra a administração portuguesa chega aos ouvidos do governador. Valeu na circunstância o prestígio que o engenheiro Cabral tinha em toda a cidade e a fácil convivência que conseguia manter com o governador. Este que se afirmava liberal e tolerante chamou Amil-Cabral e aconselhou-o a deixar o País porque, senão, o escândalo cresceria e ele seria obrigado a prendê-lo. Cabral compreendeu e deixou Bissau indo fixar-se em Angola, juntamente com a espora Maria Helena (uma portuguesa de Trás-os-Montes) a trabalhar numa roça de açucar.

Evidentemente, esta mudança forçada mais arreigou no futuro fundador do P.A.I.G.C. as convicções de há muitos anos: mais que para o trabalho agrícola, a sua inteligência virou-se para o apoio aos angolanos que preparavam a fundação do M.P.L.A. Amilcar Cabral entretanto, desloca-se a Bissau e no período de férias de 1956, exactamente em 19 de Setembro, funda o P.A.I.G.C. (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) juntamente com outros cinco patriotas, entre os quais Aristides Pereira, e o seu irmão Luís Cabral.

A luta clandestina ia subindo de tom, quer em Angola quer na Guiné. Em Moçambique os movimentos anticoloniais principiavam a mexer. Até que no dia 3 de Agosto de 1959 o choque frontal acontece e a luta de morte é declarada. Meia centena de estivadores cairam às balas da tropa e da Polícia portuguesa no Cais do Pidjiguiti, em Bissau.

A notícia do massacre atinge Amilcar em cheio. Contou que leu a mensagem no avião, quando seguia de Lisboa a Luanda. A sua estadia em Angola ia terminar de imediato: foi tempo de arrumar as coisas, encerrar compromissos, dar um salto a Bissau (onde só podia permanecer 30 dias no ano, por imposição das autoridades portuguesas), reunir com os camaradas do P.A.I.G.C. e decidir, a 19 de Setembro de 1959, a preparação para a luta armada.

O ARRANQUE PARA A LUTA ARMADA

Tudo se precipita a partir de então. Os quadros do partido, um a um, abandonam Bissau e fixam-se em Conakry. Preparam-se, política e militarmente, para a luta. Regressam depois ao interior da Guiné, e iniciam a mobilização dos camponeses.

Amilcar Cabral desencadeia o processo de informação, a nível internacional, sobre a Guiné-Bissau. Em Janeiro de 60 participa na Conferência dos Povos Africanos, em Tunes, representando os povos em luta contra o colonialismo português. Encontra algumas dificuldades para se fazer ouvir, até que, em Junho desse ano, em Londres, e sob o nome de Abel Djassi, faz conferências e dá informações sobre a situação colonial. Basil Davidson que viria a tornar-se seu particular amigo dá-lhe apoio na «city». A luta do PA.I.G.C. começava a ser conhecida na Europa.

Em 1961 Cabral encontra-se entre os fundadores da C.O.N.C.P., (Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas), criada em Rabat no mês de Abril. A 4 de Fevereiro o M.P.L.A. tinha desencadeado a luta em Angola. Em Agosto é o P.A.I.G.C. que dá ordem de passagem à acção directa, à sabotagem e ao corte das comunicações. Em Junho de 62 a voz de Cabral já chega à O.N.U., aí apresentando uma comunicação intitulada «O povo da Guiné perante as Nações Unidas».

Finalmente a 23 de Janeiro de 1963 cumpre-se a ordem de Cabral e da Direcção do P.A.I.G.C.: a caserna de Tite é atacada, principia a luta armada que pegou o fogo da libertação a todo o território guineense.

Daí em diante e até ao fatídico 20 de Janeiro de 1973, em que Cabral é assassinado em Conakry, sucedem-se, em espiral, as batalhas pela posse da terra ocupada, as duras tarefas organizativas, os contactos internacionais frequentes e as comunicações teóricas do Cabral revolucionário ao Mundo atento.

Participações no Seminário «Frantz Fanon», na Itália (1964), com uma análise das estruturas sociais no seu país, na Conferência da O.S.P.A.A.L. (Tricontinental), em Havana, em Janeiro de 66, nas comemorações do centenário de Lenine (Moscovo, Abril de 1970), na Conferência de Solidariedade com os Povos das Colónias Portuguesas (Roma, Junho de 70), incluem-se no seu roteiro pelo Mundo. Dirigiu, pessoalmente, o I Congresso do P.A.I.G.C., no Sul do país (Cassacá), em Fevereiro de 74; acompanhou a abertura da Frente Norte e depois da Frente Leste; orientou a criação das Forças Armadas Revolucionárias do Povo; acompanhou, pessoalmente, a preparação das grandes operações; traçou directivas de combate; publicou, em 1965, as «Palavras de Ordem Gerais» onde se contêm os princípios básicos da guerrilha do P.A.I.G.C. e, em Setembro de 1969, dirige o Seminário de Quadros do Partido, em Conakry. As comunicações que então apresentou constituem, hoje, a principal fonte teórica do partido e uma autêntica lição sobre as ligações da teoria geral revolucionária à luta concreta do povo da Guiné-Bissau.

Em Dezembro desse mesmo ano de 1969 as edições londrinas «Satage-1» publicam uma recolha dos textos e discursos de Cabral; em Janeiro de 70 a editora Maspero, de Paris, publica o livro «O Poder das Armas». Em Fevereiro desse mesmo 1970, Cabral pronuncia, na Universidade de Siracusa uma conferência subordinada ao tema «Libertação Nacional e Cultura», em sessão de homenagem à memória de Eduardo Mondlane e que mereceria divulgação pelos serviços mundiais da UNESCO.

AMOU A CAUSA DA LIBERTAÇÃO DO HOMEM

Em 1972 Amilcar Cabral é já um cidadão do Mundo, o «leader» africano respeitado em toda a parte e ouvido com atenção até pelos principais aliados de Portugal. Viagens à Finlândia, à Inglaterra e à Irlanda são desse tempo; visitas oficiais à Coreia, China Popular e Japão completam as suas andanças pelo Mundo. Poucos meses antes da sua morte, Cabral é o primeiro representante de um povo em luta a usar da palavra na qualidade de observador perante a O.N.U. A sua intervenção é reproduzida na íntegra no relatório das sessões. Recebem-no, então, o secretário-geral da O.N.U., o presidente da Assembleia Geral, o comissário-geral adjunto da Comissão de Tutela e o presidente do Comité de Descolonização.

Seriam as últimas personalidades mundiais a cumprimentá-lo. A 20 de Janeiro de 1973 caia assassinado pelas balas de agentes do colonialismo infiltrados no P.A.I.G.C. Amilcar não assistiria, sequer, à proclamação da independência a 24 de Setembro de 73, no Boé: muito menos veria a sua terra totalmente livre e independente.

A sua personalidade de homem e de revolucionário encontra perfeita definição nas palavras que o próprio Cabral dedicou a Lenine e proferiu no Symposium d'Alma-Ata, no Kasaquistão, em Abril de 1970:

«Como ser humano integral», disse o fundador do P.A.I.G.C., «soube amar e odiar. Amar a causa da libertação do homem de toda a espécie de opressão, a aventura maravilhosa que é a vida humana, tudo o que há de belo e construtivo no nosso planeta. Odiar os inimigos de classe, os oportunistas, a cobardia, a mentira, todos os factores de aviltamento da consciência social e moral do homem. É que ele sempre considerou o homem como o valor supremo do Universo.»

Os restos mortais do revolucionário e «leader» imortal do Terceiro Mundo foram transladados, para a Bissau libertada, no dia 2 do corrente. Mas conforme diz e repete o seu povo «Cabral cá môri», ou seja, Cabral não morreu. É certamente que o povo da Guiné-Bissau comemorando ontem o Dia da Nacionalidade, ao dar corpo e voz, cada vez com decisão mais forte, à palavra de ordem com que Amilcar Cabral terminou os trabalhos do Seminário de Quadros do P.A.I.G.C. em Conakry: «Abaixo o imperialismo».

OPINIÕES SOBRE O HOMEM E O POLÍTICO:

"Para os revolucionários portugueses Amílcar era um irmão"

«A delegação portuguesa aqui presente, representando o Presidente da República, o Movimento das Forças Armadas, o Governo Provisório, o Conselho Português para a Paz e a Cooperação, e todo o povo português, sente a maior honra em se associar a esta homenagem solene e internacional, ao camarada Amílcar Cabral, grande combatente, filho do povo irmão da Guiné e Cabo Verde, aos quais nos ligam tantos laços históricos, culturais e de luta contra o inimigo comum. Prestar esta homenagem é para nós um acto de justiça e um dever revolucionário.

«Ao fazê-lo repudiamos cinco séculos de ocupação colonial, de exploração desenfreada, de esmagamento cultural; repudiamos dez anos de guerras coloniais, de repressão, de massacres, de bombardeamentos, de aldeamentos estratégicos. Mas também recordamos que, embora em graus e modalidades diferentes, a mesma opressão se abatia sobre o povo português através da exploração capitalista, da repressão fascista sobre as massas trabalhadoras e estudantis, do aniquilamento das liberdades.

«Ao prestar esta homenagem repudiamos a conspiração que levou ao ignóbil assassinato de Amílcar Cabral. Queremos dizer-vos que nunca esqueceremos o sofrimento e a raiva que a notícia da sua morte provocou entre nós e os protestos que, em pleno fascismo ele desencadeou no nosso País. Amílcar Cabral era profundamente admirado em Portugal pelas suas qualidades de homem, de pensador, de político, de diplomata, de guerrilheiro. E para os revolucionários portugueses, Amílcar Cabral era um irmão.

«O seu contributo foi grande, não só para a revolução africana mas também para a revolução portuguesa. Talvez melhor que ninguém, ele ajudou-nos a compreender que as lutas de libertação nacional são factores de profunda transformação social e no nosso país sentimos agora que, ao libertarmos, transformamos também as próprias bases estruturais da nossa sociedade. Talvez melhor que ninguém, ele ajudou-nos a compreender a estreita ligação entre as lutas dos povos do Terceiro Mundo e as lutas do movimento operário e popular nos países capitalistas: e nós agora sabemos por experiência como é decisiva esta aliança.

«Camaradas:

Amílcar Cabral foi morto porque se recusou a deixar-se prender. É que há valores no mundo que valem mais do que a própria vida. Neste seu acto final, Amílcar Cabral personificou a luta de um povo, de um continente e mesmo da humanidade inteira. Ao cair, ele é o homem universal que dá a vida pela liberdade.

Por isso ele não é um homem sózinho. Por isso também esta nossa homenagem não vai só para a sua memória, como ainda para o PAIGC, para os povos irmãos da Guiné e Cabo Verde e para todos os combatentes da liberdade e da paz. De qualquer maneira, a melhor homenagem que lhe poderemos prestar será exprimir aqui o nosso compromisso de solidariedade militante e revolucionária para com todos os oprimidos e explorados da terra.

E permitam-me que termine citando uma frase de uma publicação clandestina editada então em Portugal: «Amílcar Cabral morreu. Como Che Guevara, como Eduardo Mondlane, como tantos outros. Por todo o mundo os revolucionários são assassinados. Mas ainda ninguém conseguiu matar a revolução».

(Luis Moita no Conselho Mundial da Paz, em Bissau, em nome da delegação portuguesa).

«HONRA DO CONTINENTE NEGRO»

«Amílcar Cabral, herói da Guiné-Bissau, honra do continente negro, ficará na história do seu país e da África pela grandeza do seu espírito, pela largueza da sua visão, pela constância dos seus propósitos e da sua acção. Dotado de penetrante inteligência, os seus escritos revelam a riqueza e fecundidade de um pensamento que se não limitou a assimilar o essencial das linhas-forças dos teóricos da revolução e da luta de guerrilhas. Amílcar Cabral foi, ele próprio, autor de trabalhos valiosos que bem evidenciaram a solidez de uma cultura, a capacidade de reflexo aprofundada, o realismo de um sentir amadurecido, um entranhado apego ao seu país e à imensa terra africana. De Amílcar Cabral se pode dizer com propriedade que foi um revolucionário no conceito mais autêntico que a palavra encerra. Um homem cuja actividade e estatura moral transcenderam os limites apertados do seu país para se avantajar na exacta dimensão do mundo explorado e subdesenvolvido. Senhor de tão excepcionais qualidades, quem se pode admirar que fosse a personificação de um espírito sereno e determinado, modelo de constância, protótipo do guia historicamente talhado?

Mesmo nas horas mais difíceis, Amílcar Cabral repetida e inequivocamente distinguiu o povo português do Governo que ao longo de cinco decénios o oprimiu e explorou. Contra este assentava as baterias dos seus fundados e convincentes argumentos. Do povo português se considerava aliado, companheiro de desdita, irmão de luta contra o fascismo e o colonialismo, seus e nossos inimigos.»

(João Gomes, deputado do PS, na Assembleia Constituinte).

«JAMAIS SEPAROU A REVOLUÇÃO DO SENTIDO DA BELEZA»

«Lamentavelmente nunca tive a chance de encontrar, pessoalmente, o camarada Amílcar Cabral. Mas eu o encontro todos os dias, quando o estudo, porque Amílcar Cabral é um dos homens que eu estudo séria e profundamente. Eu até diria que as obras de

Continua na pág. 12

PUB

REVISTA "FLAMA"

Com o objectivo de esclarecer os assinantes, anunciantes, leitores e público em geral, a seguir se dá nota de alguns aspectos que se consideram de divulgação oportuna:

1 — A SEFLA — Sociedade Editorial Flama, S. A. R. L., actual proprietária da revista, foi constituída por escritura de 29.12.1972 com o capital de 10 000 contos, que tem actualmente, a seguinte distribuição: Crédito Predial Português — 20%; MERMUI — Mercados Múltiplos, S. A. R. L. — 40% (participação financeira do C. P. P.); Livraria Internacional, Lda. — 20%; SONACIN — Sociedade Nacional de Investimentos Financeiros, S. A. R. L. — 19,5% e dr. Pedro Cabo Fernandes — 0,5%.

A revista «Flama» foi assim adquirida, pela Sefla, à UNIÃO GRÁFICA, tendo transitado o director e o seu corpo redactorial e administrativo, que actualmente se mantêm quase na totalidade, com alguns trabalhadores em regime de pluriemprego, acumulando o director com a direcção de outra revista.

A Sefla, que edita somente a «Flama», possui unicamente, em andar alugado, um escritório e um pequeno laboratório, estando ligada por contratos de confecção e distribuição à Sociedade Nacional de Tipografia, S. A. R. L. (Século), sendo o seu quadro de pessoal efectivo constituído por 16 elementos da Redacção e 11 administrativos e auxiliares.

A actual administração é formada por 3 elementos que são directores do C. P. P., e que graciosamente o representam, bem como a MERMUI — Mercados Múltiplos, S. A. R. L., visto que os representantes dos restantes accionistas renunciaram aos seus cargos e houve que completar o «quorum» necessário à responsabilização e continuação da empresa.

2 — Satisfazendo uma reivindicação dos trabalhadores da empresa, deliberada na R.G.T. de 7.5.1974, a direcção e redacção da revista reforçaram a sua autonomia de actuação nas áreas respectivas, ficando reservados essencialmente à administração os pelouros administrativo e financeiro. Tanto a administração da Sefla como os órgãos de gestão do C. P. P. têm tido a preocupação de dialogar quer com a direcção quer com os trabalhadores da «Flama». Exemplifica esta actuação o 2.º parágrafo da acta da reunião efectuada em 27.10.1975, devidamente assinada:

«Neste encontro, que decorreu em ambiente de cordialidade, fraqueza e compreensão, foram esclarecidos os pontos em análise, ficando entendido que, da parte do C. P. P., tem havido naturalmente a melhor atenção e preocupação com os problemas da Sefla, dada a sua crítica situação económico-financeira, com as responsabilidades que daí advêm para o C. P. P., que tem sido o seu único financiador.»

Nesta reunião referiram-se as diligências efectuadas junto dos Ministérios da Comunicação Social e das Finanças e considerou-se recomendável contactar o Ministério do Trabalho de modo a contemplar o factor «emprego».

3 — A evolução das receitas, encargos e responsabilidades, é a que consta do quadro seguinte (em 1000 esc.):

ANO	TOTAL RECEITAS	TOTAL ENCARGOS	PREJUÍZO	RESPONSABILIDADES C/ TERCEIROS (dívidas)
1973	8.183	13.456	5.273	9.115
1974	9.478	15.098	5.520	13.798
1975	4.540	15.719	11.179	24.434
1976 (1.º Semestre	1.715	7.593	5.878	30.206

A quebra de receitas deve-se ao menor volume de vendas — 4501 c. em 1974; 2952 c. em 1975 e 1341 c. em 1976 (1.º semestre) — **o que mostra a regressão da procura por parte do público, ideia reforçada com a quebra das assinaturas (900 c em 1974; 508 c. em 1975 e 158 c. em 1976/1.º semestre) e da publicidade (5076 c. em 1974; 1588 c. em 1975 e 374 c. em 1976/1.º semestre).**

— Relativamente à cobertura dos encargos pelas receitas, transcreve-se a parte final do Relatório e Contas de 1975, elaborado e **publicado em obediência à legislação que regulamenta as sociedades:**

«Como o custo da confecção da revista em 1975 foi de 7413 c. e os encargos totais subiram a 15719 c., verifica-se que as receitas anuais apenas cobriram cerca de 57p daquele custo e cerca de 27% dos encargos totais».

4 — Tal evolução das assinaturas, vendas ao público e publicidade, **traduzem uma nítida quebra de interesse do público, conclusão que não surpreende** pois, já em Abril de 1975, a administração da Sefla, director da revista e representantes dos trabalhadores, se debruçaram com o C.P.P. sobre a situação, tendo reconhecido a crise que a empresa evidenciava e a necessidade de levar o assunto ao conhecimento do Governo, solicitando a sua orientação. Neste sentido, o Ministério da Comunicação Social ouviu o Conselho de Informação e efectuou diligências junto da Sociedade Nacional de Tipografia (Século) com vista à fusão da «Flama» com o «Século Ilustrado», tendo emitido parecer em 16.7.1975, do qual se transcreve a seguinte passagem:

«**... Foi o assunto levado ao Ministério da Comunicação Social, que não vê qualquer hipótese de solução para os problemas económico-financeiros da empresa. Quanto ao interesse da revista parece não justificar o seu crescente prejuízo financeiro em virtude de existir no mercado uma revista muito semelhante «O Século Ilustrado» com a qual a «Flama» se poderia fundir caso fosse obtido o acordo da S. N. T., acordo que não foi conseguido por este Ministério.**

... Trata-se, portanto, de um periódico que, tendo vivido no passado na dependência e influência dos grupos económicos que o financiaram, não soube, após a nacionalização da banca, mesmo passando a dispor de total autonomia técnica e mantendo-se o apoio financeiro, encontrar formas de diálogo com o público que se traduzissem num aumento da sua preferência e num volume de receitas que pudessem, pelo menos, igualar as despesas, libertando assim a banca nacionalizada dos elevados prejuízos já referidos.

Estas situações em que os bancos, para além da sua actividade específica, controlavam empresas industriais e de serviços, inseriam-se num sistema económico que, certamente, os portugueses estão interessados em ultrapassar.

No entanto, para além da revista em si própria, existe um outro problema muito importante — a manutenção do emprego dos trabalhadores que não auferem rendimentos noutras empresas — mas para esses está assegurado o pagamento dos salários, conforme foi comunicado pela administração da Sefla aos trabalhadores e à direcção, no próprio momento em que lhes transmitiu a suspensão da revista. Os mesmos foram, em igual data, informados quanto à convocação de uma assembleia geral extraordinária de accionistas a realizar nos prazos legais.

Isto o que se nos oferece comunicar de momento, com o objectivo de melhor esclarecer a actual situação da revista «FLAMA»:

O CONSELHO DE GESTÃO DO «CREDITO PREDIAL PORTUGUÊS»
ADMINISTRAÇAO DA «FLAMA»

Estrangeiro

Cabral: o homem e o político

Continuação da pág. 11

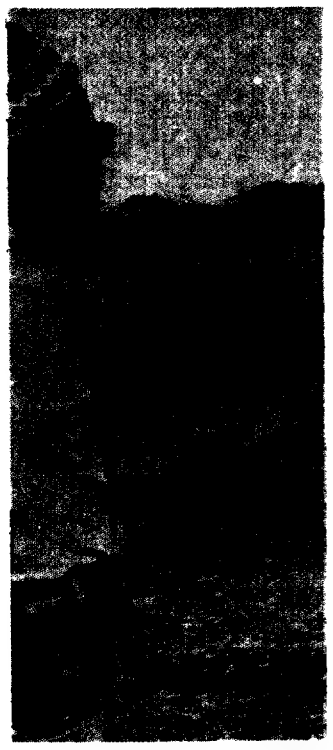
Amílcar são para mim uma espécie de Bíblia. Eu contagio-me do pensamento fantástico deste homem extraordinário. Um homem que jamais separou a revolução do sentido da beleza. Um homem que jamais disse às mulheres do seu povo que deviam ficar sujas e feias porque é isso que serve para a revolução, mas que, pelo contrário, sempre dizia a elas «tratem-se e cuidem-se». Um homem que jamais separou o sentido da criação e da recriação na luta pela libertação. É nesse sentido que Amílcar transpirava o seu povo e o seu espírito através da sua experiência formidável. Esse espírito está aqui plantado, nascendo e renascendo dentro de nós. Essa crença na capacidade que os seres humanos têm de refazer-se, refazendo no mundo. (...)

. «Do meu tempo, por exemplo, eu só conheço três pensadores em quem podemos beber, formidavelmente, a compreensão lúcida e crítica da cultura como facto e factor, como dizia Amílcar, de transformação e de libertação. São eles: Amílcar Cabral, Gramsci, um filósofo marxista italiano morto nos anos trinta, e Mao Tsé-tung. Nestes três pensadores a cultura sobressai não como um «bibelot», como um puro adorno, mas com a força de transformação».

(Paulo Freire, em Bissau).

«DEFENDENDO INTRANSIGENTEMENTE A PUREZA DO PARTIDO»

«Muito se tem dito e escrito sobre a contribuição dada por Amílcar Cabral, através das suas análises sobre a nossa luta e através da sua acção de dirigente de um partido em luta armada, para o enriquecimento



do arsenal das armas teóricas dos povos na luta anticolonialista e anti-imperialista. Mas muito resta por dizer. Isso porque, infelizmente, as solicitações quotidianas da luta não permitiram que o homem de pensamento que foi Amílcar Cabral registasse a riqueza imensa do seu saber, das suas reflexões e das suas experiências que abarcavam os mais diversos aspectos da nossa vida e da nossa luta. Lembrando-nos, ao acaso, queremos evocar aqui a análise profunda e justa que Cabral fez e que conduziu à adopção das decisões históricas do 1.º Congresso do nosso Partido, realizado em Cassaca, em Fevereiro de 1964. A luta atravessava então uma fase difícil. Após um ano de acções armadas, tornava-se então necessário eliminar certos aspectos negativos que poderiam conduzir à destruição irremediável do nosso Partido e da luta, como consequência da acção de elementos que agiram durante os primeiros tempos da guerra em violação flagrante dos nossos princípios e contra os interesses verdadeiros do nosso povo. Defendendo intransigentemente, perante o Congresso, a pureza do Partido e dos objectivos da luta, Amílcar Cabral deu em Cassaca toda a medida não só da sua coragem de homem e de revolucionário mas também da sua visão extraordinária ao propor e fazer adoptar o princípio da centralização do comando da luta armada, a criação da Milícia Popular e do Exército Popular que integram as FARP e as diversas decisões que iriam transformar a vida do nosso povo nas áreas já libertadas, com o aparecimento das escolas de tabanca, com o início do trabalho de alfabetização, com a criação dos primeiros hospitais e postos sanitários assim como dos primeiros depósitos dos Armazéns do Povo.»

(Aristides Pereira, em 24/9/74)

«VAI CONTINUAR COM AS GERAÇÕES FUTURAS»

«O camarada Amílcar Cabral, além de estratego e de dirigente político, foi também um artista porque soube, no decorrer da luta, criar um homem novo, um homem dotado de uma consciência nova, um homem que compreendeu qual a sua responsabilidade dentro da sociedade. Todos nós aqui presentes fomos alunos e discípulos do camarada Amílcar Cabral, todos nós fomos educados por ele. Os quadros do nosso Partido, os quadros das nossas Forças Armadas foram criados pelo camarada Amílcar Cabral. Ele criou-nos como a um filho, como um pai que pega a mão do filho para lhe ensinar a dar os primeiros passos, mostrando-nos todo o interesse que há em seguirmos, nós, jovens, o caminho do nosso Partido e a realidade do nosso Povo, deixando todo o bem-estar que talvez podíamos desfrutar no quadro do colonialismo português e dedicar a nossa vida inteiramente ao interesse do nosso Partido, servindo assim o nosso povo, sob a bandeira do PAIGC. Portanto, Amílcar Cabral não foi só um político ou um diplomata, mas também um artista, porque soube criar um homem novo, e inculcar no espírito dos outros os seus pensamentos, porque sabia que esses pensamentos podiam ter força, podiam ter utilidade no futuro, se conseguisse, de facto, transmiti-los aos outros jovens».

«É essa a grande obra do camarada Amílcar Cabral e que nos permite afirmar que ele jamais morrerá. A sua obra vai continuar com a nossa geração e com as gerações futuras ao longo dos séculos».

(Francisco Mendes em 18/9/75).

«FILHO DE TODOS OS POVOS OPRIMIDOS»

«Combatente pela libertação dos povos, pela sua dignificação, Amílcar Cabral que lutou em África, que lutou na Europa ao lado do povo português, podia ter morrido em defesa do interesse de qualquer outro povo que não fosse o seu, em qualquer campo de batalha onde se jogasse o destino do homem explorado: em Cuba, ao lado de Fidel e de Che, no Vietnam, no Laos, no Cambodja ou no Médio Oriente. Internacionalista é certo, mas também homem possuidor de grande sentido das realidades, Amílcar Cabral escolheu como terreno de luta aquele que ele conhecia melhor, mais profundamente. Homem de pensamento e de acção, compreendendo a última conexão entre uma e outra, Amílcar Cabral escolheu como terreno de luta o seu país, a Guiné e Cabo Verde, porque nele ele sentiu e viveu concretamente com o seu povo a miséria, a opressão, o obscurantismo, a exploração vergonhosa e a dominação brutal a que ele estava sujeito, desprovido de tudo e a quem os colonialistas queriam até mesmo tirar a sua dignidade. E também porque não lhe era possível bater-se simultâneamente em várias frentes. Estudioso profundo e conhecedor das sociedades africanas de seu estádio real de desenvolvimento das suas culturas, Amílcar Cabral conheceu também, além da realidade da Guiné, de Cabo Verde e de Angola, a própria realidade do país colonizado, a realidade portuguesa. Isto permitiu-lhe uma profunda caracterização do colonialismo português, as suas formas de acção, dos seus métodos e o encontrar também sempre as melhores tácticas a usar em cada momento, de acordo com uma estratégica prensa bem definida, que correspondia aos interesses da luta do seu povo e de todos os povos africanos em luta contra a dominação colonial portuguesa. Como grande estratega militar da luta armada de libertação nacional ele foi o obreiro incontestável de inúmeros e retumbantes sucessos das nossas gloriosas Forças Armadas Revolucionárias do Povo.

Amílcar Cabral não é apenas o filho do nosso povo. Ele é o filho de todos os povos oprimidos e atrasados do mundo, assim como é o filho de todos os povos progressistas e que foram capazes de construir uma sociedade nova liberta da exploração do homem pelo homem e do medo do amanhã.»

(Vasco Cabral).

Estrangeiro

Considerações políticas na origem do anúncio da doença de Tito?

BELGRADO, 13 — (R) — Considerações políticas poderão estar na base da altura escolhida para o anúncio de que o presidente Tito, de 84 anos, se encontra doente, sofrendo de uma afecção aguda do fígado, na opinião de observadores diplomáticos nesta capital.

Os diplomatas não duvidam de que o marechal Tito, esteja, na verdade, doente, muito embora parecesse jovial em público, no sábado.

No entanto, aqueles diplomatas sentem que a altura do anúncio pode ter sido cuidadosamente escolhida por motivos de política externa.

Devido à doença do marechal Tito, a visita oficial de quatro dias do presidente francês, Valéry Giscard d'Estaing, cujo início estava marcado para a próxima 4.ª-feira, foi adiada.

A visita oficial do presidente romeno, Nicolae Ceausescu, da mesma duração, teve lugar como estava programada, e terminou ontem, pouco antes de a doença ter sido revelada.

O presidente Tito recebeu Ceausescu, na 4.ª-feira, no aeroporto de Ljubljana, apesar do facto de, desde 1973, devido à sua idade, normalmente aguardar que os chefes de Estado visitantes chegassem à sua residência antes de lhes dar as boas-vindas.

O anúncio de ontem afirmava que a sua doença fora descoberta durante um exame médico nessa mesma 4.ª-feira. Declarou-se que o exame foi efectuado em relação com o regresso do presidente da cimeira dos Não-Alinhados, em Colombo, muito embora ele tivesse regressado da conferência duas semanas e meia antes.

Diplomatas salientaram que a descoberta da doença no próprio dia da chegada de Ceausescu impossibilitou o seu adiamento, ao passo que houve tempo de cancelar a visita de Giscard d'Estaing.

Conjecturaram aqueles diplomatas que os médicos de Tito o tenham aconselhado a ocupar-se apenas de uma das visitas.

Àparte o facto de Ceausescu ter a visita marcada em primeiro lugar, os diplomatas notaram que a viagem do presidente romeno fora já adiada uma vez, em Outubro passado, e outro adiamento seria indesejável.

É de referir também que, de acordo com círculos da Europa de Leste, o chefe do Partido Comunista Soviético, Leonid Brejnvev, e os presidentes Tito e Ceausescu, que tomaram posições de independência relativamente ao Kremlin, tenham achado útil reunir-se em avanço dessa visita.

Além disso, as conversações com o presidente Giscard d'Estaing, planeadas no princípio deste ano, antes da cimeira Não-Alinhada, podiam ameaçar tomar uma nota discordante porque a conferência de Colombo pediu o embargo de petróleo à França como represália pelas vendas, pela França, de armas à África do Sul, de acordo com os aludidos diplomatas.

A mais recente comparência em público do presidente Tito foi precisamente ontem, a despedir-se de Ceausescu em frente da sua residência oficial.

Não parecia doente ao observar o sentido durante a execução dos hinos nacionais, inspeccionou a guarda de honra e trocou apertos de mão, rindo entre membros da delegação romena.

Um funcionário jugoslavo que se avistou com o marechal Tito, na 6.ª-feira à noite declarou que provavelmente, não necessitará de tratamento hospitalar. No entanto, funcionários recusaram-se a fazer comentários à sua saúde para além do anúncio, segundo o qual Tito necessita de tratamento e várias semanas de repouso.

Não obstante a ausência de alarme nos círculos oficiais, observadores opinam que a descrição da sua doença como aguda sugere que está a causar ansiedade, já que as autoridades de um modo geral têm minimizado afecções menores como ciática e reumatismo que o têm apoquentado nos últimos anos.

Cientistas esperam reverter o processo de envelhecimento

. SAN FRANCISCO, 13 (ANOP) — Os cientistas que estudam os ínfimos «ganchos» que ligam material genético no interior das células e provocam o envelhecimento nas pessoas, afirmaram na passada quinta-feira que estão prestes a descobrir um agente químico que dissolverá essas ligações, revertendo o processo de envelhecimento.

«Não estou interessado em conseguir reduzir cinco anos aqui e cinco ali», disse o dr. Johan Bjorksten, de Madison, no estado de Wisconsin, o qual é um dos pioneiros do estudo do envelhecimento «estou a jogar para a «sorte grande».

A «sorte grande», segundo este cientista, é uma média provável de vida de 800 anos — a duração que a indústria de seguros de vida calcula que poderíamos ter se nos conseguíssemos manter tão saudáveis como quando temos 16 anos.

Bjorsten acrescentou que os cientistas, encarando os factos com realismo, poderão esperar conseguir um sucesso da ordem dos 10 por cento, o que significaria um aumento de duração de vida de 80 anos.

Durante uma conferência de Imprensa que concedeu na sociedade americana de Química, Bjorksten declarou que o envelhecimento ocorre, quando duas moléculas de um gene — a unidade básica da hereditariedade — ficam ligadas por um processo denominado «cross-linking» (que significa «ligação cruzada»).

Procurando esclarecer este processo, Bjorksten wxplicou que «se se algemarem dois homens grandes, eles serão atrapalhados pela limitação e não conseguirão efectuar o seu trabalho com a eficiência normal. Mas se a esses dois acorrentarem ainda mais um, o problema complica-se ainda muito mais».

É isto que ocorre quando as moléculas são ligadas, disse — as células que contém as moléculas não funcionam tão bem como anteriormente.

Se forem células da epiderme, a pele torna-se «encortiçada». Se forem de uma artéria, esta perde a sua capacidade elástica que lhe permite alargar e encolher consoante o fluxo de sangue e este fenómeno leva a ataques cardíacos e outras afecções.

O que os cientistas têm de encontrar — esclareceu — é um enzima — um produto químico especial — que dissolva as «ligações» que unem as moléculas. Quando tiverem feito esta descoberta, estará encontrada a fórmula que permite reverter o processo de envelhecimento.

Segundo Bjorksten, já foi descoberto um enzima que parece ser eficaz para a maioria das células, mas o cientista destacou que seria um milagre se o primeiro que criaram fosse o que procuram.

Por seu lado, Rolf Martin, um cientista da Universidade de Nova Iorque especulou que com pesquisas intensivas «penso que dentro de cinco ou dez anos teremos resolvido este problema».

Martin salientou que a cura do cancro só aumentaria em média a duração da vida em dois anos, enquanto que 15 a 20 anos é o mínimo que poderemos tentar conseguir».

Os dois cientistas afirmaram que até as suas pesquisas estarem terminadas, as pessoas podem prolongar a sua existência conduzindo uma vida saudável e acrescentaram que as notícias de que a vitamina «E» atrasa o processo de envelhecimento foram confirmadas pelas suas experiências, mas advertiram contra o excesso do uso desta vitamina que poderá ser prejudicial.

Carta de arrependimento de Lefèbvre para o Papa

. ROMA, 13 — O arcebispo rebelde francês, Marcel Lefebvre, assinou uma carta de arrependimento, antes de se avistar no sábado com o Papa Paulo VI, para lhe explicar o seu ponto de vista tradicionalista, segundo círculos afectos ao prelado.

Acrescentaram que o Papa insistiu num gesto formal de arrpendimento antes de se reunir com o arcebispo, de 70 anos, que em Julho passado foi destituído de todas as suas funções eclesiásticas.

Afirma-se que a carta foi entreegue ao Papa na sexta-feira. Os mesmos círculos revelaram que monselhor Lefebvre escreveu lamentar ter provocado «pesar e dor» ao Papa, e que jamais tencionara ofender o Papa.

O arcebispo Lefebvre, que caiu em desgraça junto do Vaticano pelas suas críticas às reformas litúrgicas introduzidas pelo segundo concílio do Vaticano, há 10 anos, teve uma audiência com o Papa na residência de Verão deste em Castelgandolfo.

Os dois, segundo aqueles círculos, não entraram na substância da sua disputa. O arcebispo aproveitou a ocasião para explicar o seu pensamento e oubir a opinião do Papa.

Um comunicado oficial do Vaticano afirmava que o Papa pediu ao arcebispo «que reflectisse sobre a grave situação por ele criada no seio da Igreja, bem como na sua responsabilidade pessoal perante o grupo de fiéis que o seguem...»

. Os aludidos círculos salientaram que, na verdade, as posições do arcebispo e do Papa não mudaram, mas a reunião abriu caminho ao diálogo entre o Papa e os tradicionalistas.

A rebelião de monsenhor Lefebvre no seio da Igreja veio a lume quando o Papa o suspendeu de todas as funções eclesiásticas após o prelado francês ter desafiado as instruções papais ordenando vários padres no seu seminário de Econe (Suíça).

Este mês o arcebispo celebrou missa latina em Lille (França), que o Papa denunciou como acto de subversão.

Desvio de avião por croatas ameaça relações Jugoslávia-E.U.A.

. BELGRADO, 13 — A Jugoslávia avisou que a reacção do Governo dos Estados Unidos ao desvio de um avião americano por separatistas croatas fez perigar as relações entre Belgrado e Washington.

Este facto é tornado evidente no comentário do editor diplomático da agência noticiosa oficial jugoslava Tanjug. Tais comentários geralmente reflectem a atitude do Governo em política externa.

«Enganados estão todos aqueles que nos Estados Unidos pensam que as relações americano-jugoslavas podem ser mantidas normalmente ao mesmo tempo que os E. U. A. toleram actividades terroristas antijugoslavas», lê-se no aludido comentário.

O mais alto diplomata jugoslavo em Washington, o encarregado de Negócios Radomir Petkovic, entregou um violento protesto ao Departamento de Estado pela divulgação por jornais americanos de um comunicado dos assaltantes.

SEPARATISTAS ACUSADOS

NOVA IORQUE, 13 — (R.) — Cinco separatistas croatas, foram hoje formalmente acusados em Nova Iorque de pirataria aérea pelo desvio de um Boeing 727 da Trans World Airlines para Paris.

Um informador do Departamento de Investigação (FBI) identificou os cinco como Zvonko Busic, de 30 anos, sua mulher, Julienne Eden Busic, de 27, Petar Matavic, de 31, Mark Vlasic, de 29 e Frane Pesut, de 25.

Os quatro homens nasceram na Jugoslávia e Julienne nasceu nos Estados Unidos. Todos eles eram residentes americanos, declarou o informador.

Passaram a noite detidos no Centro Correccional Metropolitano em Nova Iorque depois de terem desembarcado do DC-8 da Força Aérea Francesa, que os trouxe de Paris com as mãos algemadas atrás das costas.

Os cinco enfrentam possíveis sentenças de entre 20 anos e prisão perpétua, se forem condenados por pirataria aérea.

As autoridades disseram que o grupo poderia ser processado por outras acusações.

Os separatistas croatas declaram à Polícia que haviam colocado uma bomba na grande Estação Central de Nova Iorque. O engenho explodiu posteriormente, matando um polícia e ferindo três outros.

Os cinco enfrentam a acusação de assassínio em primeiro grau pelo atentado bombista, a qual, pelas leis de Nova Iorque, envolve uma pena de morte.

O avião que trouxe os assaltantes de Paris após a sua rendição às autoridades francesas aterrou numa zona afastada do Aeroporto Kennedy.

Os 14 reféns que regressaram aos Estados Unidos foram interrogados por agentes do FBI.

Uma das bombas falsas escondidas numa panela de cozinha utilizada pelos assaltantes para apressar o avião foi levada pela Polícia para um centro de verificação, mas foi declarada inofensiva.

Enquanto isto, agentes da Polícia e do FBI procuravam hoje uma bomba que poderia ter sido colocada pelos cinco extremistas croatas.

A bomba foi mencionada numa carta descoberta na sexta-feira na Grande Estação Central de Nova Iorque, onde foi encontrado o outro engenho que explodiu mais tarde.

A carta dizia que a bomba seria detonada se as exigências dos cinco assaltantes, actualmente sob custódia em Nova Iorque depois de terem sido enviados de avião de França, não fossem satisfeitas.

Informadores da Polícia e do FBI disseram não estar seguros da existência de uma segunda bomba, mas estavam a trabalhar na convicção de que existiria.

«CARLOS» NA JUGOSLÁVIA?

BELGRADO, 13 — (R.) — Crê-se que «Carlos» Martinez, o guerrilheiro internacional que comandou o ataque à sede da OPEP, em Viena, em Dezembro passado, foi localizado na Jugoslávia durante a última semana, segundo círculos diplomáticos ocidentais.

No entanto, crê-se também que «Carlos» — venezuelano cujo verdadeiro nome é Ilich Ramirez Sanchez — já abandonou o país.

As forças de segurança jugoslavas foram alertadas há cerca de uma semana para o facto de se suspeitar de que «Carlos» e pelo menos dois outros guerrilheiros planeavam passar vários dias na Jugoslávia, mas desconhece-se o motivo da sua vinda a este país, segundo os mesmos círculos.

«Carlos» é também procurado pela Polícia francesa pelo assassinato de dois oficiais de segurança franceses e de um informador libanês em Paris em Junho do ano passado.

Caleidoscópio

■ BRASÍLIA, 13 (ANOP) — Uma delegação do partido oficial brasileiro chefiada pelo presidente Ernesto Geisel partiu ontem à noite com destino ao Japão, a bordo de um avião especial da Varig.

■ ROSÁRIO (Argentina), 13 (ANOP) — As autoridades da cidade argentina de Rosário, a 350 quilómetros a norte de Buenos Aires, reconheceram oficialmente ontem à noite, que um atentado guerrilheiro provocou a morte de pelo menos doze polícias.

■ SOUTH LAGUNA, (Califórnia), 13 (ANOP) — O major leneral Robert K. Taylor que comandou a unidade da Força Aérea dos Estados Unidos que lançou a primeira bomba atómica no final da Segunda Guerra Mundial, morreu com a idade de 74 anos, anunciou ontem um porta-voz da família.

■ DEAUVILLE (França), 13 (R) — Um grupo de ladrões assaltou o casino de Deauville às primeiras horas de hoje e pôs-se em fuga com pelo menos três milhões de francos — declarou a Polícia.

■ TÓQUIO, 13 (R) — O tufão mais destrutivo que atingiu o Japão em dez anos passou hoje por Kyushu, no Sudoeste do país, aumentando para 94 o saldo de vítimas em inundações e aluimentos de terras relacionados com o furacão, segundo a Polícia.

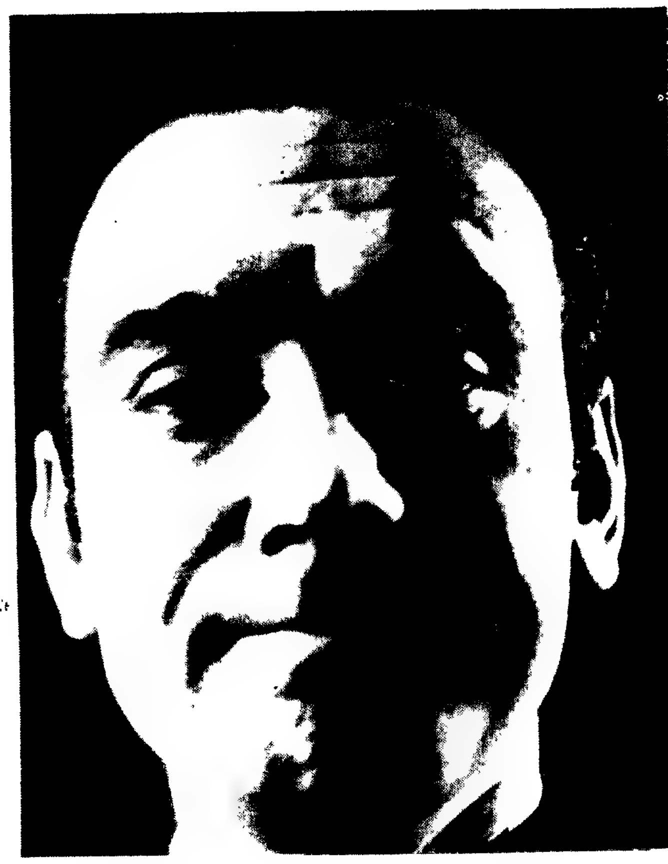
■ SPRINGFIELD (Massachusetts), 13 (R) — A Polícia declarou hoje que havia detido três pessoas sob a acusação de conspirarem para assinarem o senador Edward Kennedy.

■ PARIS, 13 (R) — Apesar da chuva, centenas de milhares de pessoas acorreram a uma gigantesca feira, no sector norte da capital francesa, para assistir à «Festa de L'Humanité», o comício-festival anual organizado pelo órgão do Partido Comunista Francês.

■ PASADENA (Califórnia), 13 ANOP) — A Viking-2 tomou as primeiras amostras do solo marciano na planície da Utopia e lançou-as para dentro do recipiente onde vão ser submetidas a três testes biológicos. A colheita de outras amostras para nova série de experiências está marcada para hoje.

Televisão

Hoje



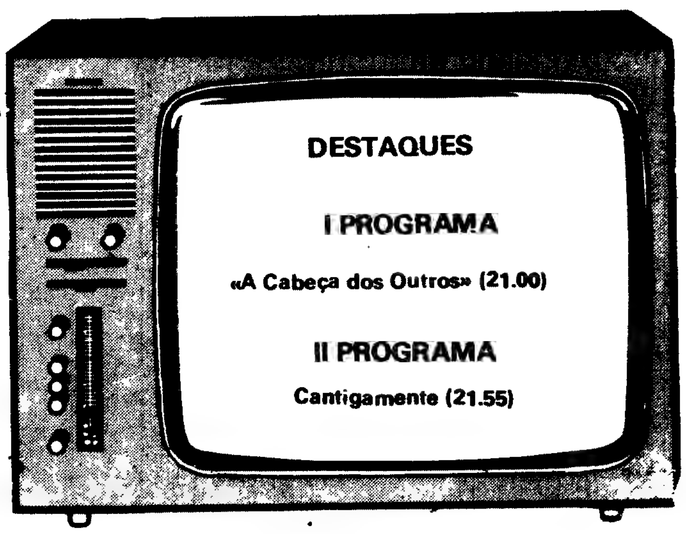
Raul Solnado em Cantigamente

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«A Pedra Branca»**
19.35 **Teledesporto**
19.55 **Canções Brasileiras**
20.30 **Telejornal** — 1.ª edição
21.00 **«A Cabeça dos Outros»**
23.15 **Telejornal** — 2.ª edição
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«Beatles Show»**
20.25 Os Kuba
20.55 **«S.O.S.»** — série policial.
21.55 **Cantigamente**
23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

19.00: Abertura; **19.25**: Corpo Musical; **20.30**: Telejornal — 1.ª edição; **21.05**: «O Grande Amor de Balzac»; **22.10**: Terça à Noite; **23.00**: Telejornal — 2.ª edição; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura «Wickie, o Viking»; **20.25**: Folclore Português; **20.55**: Passatempo; **21.50**: Telejornal; **22.25** «Mac in Austria»; **22.45**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus 12-B - Rua Marqu... 9

Canal da Crítica

Por **MÁRIO CASTRIM**

ESPIRAL — PARA UM DOSSIER DO CRIME

. Foi no serão de sábado, 11 de Setembro. A RTP desta vez, viu bem: seria demasiado escandaloso não falar do Chile. Seria cumplicidade gritante silenciar.

Assim foi que a «Espiral» se desenrolou diante dos nossos olhos. Assim foi que diante dos nossos olhos se desenrolou a tragédia e a lição. José Júdice, apresentador do programa, além de banalidades sem qualquer interesse, não deixou de dar a sua facadinha anti-soviética, através de uma citação de Mário Soares. Não há dúvida: este pobre Júdice tem futuro na actual Televisão Portuguesa. Mas saiba ele e saibam todos que a rafeirice não compensa.

Escrevi acima a lição e fi-lo de propósito. A experiência política de cada um de nós enriquece-se com o conhecimento da experiência alheia e, no que respeita ao Chile, há muito por onde aprender.

Aprender é o que de nós exige esta «Espiral», em particular, e a experiência chilena, no geral. Aprender para agir. Para nos libertarmos de uma sensação de pânico ou de angústia. Para evitarmos comparações abusivas, mas também para procurarmos determinadas situações semelhantes ou equivalentes nos dois fenómenos de libertação: o de Allende e o do M. F. A., no desenrolar do seu processo, até ao ponto em que nos encontramos.

Alguns núcleos sensíveis não terão deixado de levar à meditação dos telespectadores portugueses. Três me parecem dos mais relevantes: a influência do imperialismo, o problema da informação e a força negativa do movimento ultra-esquerdistas.

Hoje ninguém mais se atreve a negar o envolvimento da CIA no banho de sangue chileno. Ninguem — nem os próprios americanos. Hoje ninguém se atreve a negar a participação do imperialismo no golpe — nem os próprios governos (e subgovernos) imperialistas. Participação que atingiu todos os sectores — desde o económico ao político passando pela formação de milhares de quadros para agir no interior do Chile.

Chegou-se à sofisticação do tratamento em computador. Criou-se nos Estados Unidos um círculo de altos cérebros que imaginou um Chile de laboratório. O país em questão chamava-se **Pátria** e a sua capital era **Cúpria**. Perfuraram-se cartões relativos a 12 sectores desse país considerados os mais relevantes: *governo, direita reaccionária, direita centrista, esquerda, oligarquia latifundiária, proprietários, classe média, proletariado, estudantes, capitalistas estrangeiros, embaixadas de países capitalistas, militares.* E o computador deu as respostas...

Assim assistimos ao círculo de desinformação organizado pela Imprensa capitalista e ao cerco económico. Os créditos desapareceram para regressarem logo depois do golpe (Banco Inter-Americano um primeiro de 65 milhões de dólares, ainda em Setembro; Outubro, Estados Unidos 24 milhões e Brasil 12 milhões; Novembro, um crédito «standby» de 90 milhões, mais 20 milhões por diversas instituições bancárias dos Estados Unidos; ainda em Novembro, mais um crédito de 24 milhões de dólares concedido pela Manufacturer Hanover e depois outro de 20 milhões; a China do ex-vivo Mao Tsé Tung viria a conceder a Pinochet um crédito de milhões de contos, além de valioso apoio moral).

A gigantesca operação que levou à desvalorização do cobre (profundo golpe vibrado no coração democrático do Chile) só não se pode dizer que foi obra de um espírito demoníaco porque foi obra do imperialismo — o que vem a dar na mesma. O instrumento, desta vez, foi uma insignificante companhia suiça que ameçou lançar no mercado mundial uma porção fabulosa do metal chileno. A cotação veio por aí abaixo e a economia chilena também...

A informação foi outra arma terrível nas mãos do pinochetismo. A direita tinha ao seu serviço a Televisão, a Imprensa, a rádio. A certa altura, resolveu o imperialismo promover o auxílio «por todos os meios» à Imprensa e canalizar para ela toda a publicidade...Tão descaradamente que a reacção chilena achou prudente amansá-lo: *Não façam ondas. Estamos a avançar...*

O papel do *ultra-esquerda*, por sua vez, não pode ser esquecido em toda esta conspiração contra a democracia chilena. *A frase revolucionária* sem raizes na realidade; os incentivos ao avanço sem o reforço dos laços populares e sem a cautela na defesa dos flancos; o culto do espontaneismo, do basismo, com tudo quanto isso implica de ausência de direcção política e, logo, de desorganização; o alargamento incontrolado que facilita a infiltracção dos inimigos de classe; o culto do sectarismo que conduz ao isolamento e, portanto, à derrota; a campanha anti-unidade popular, com o fim de desprestigiar as organizações nelas integradas e ferir a união popular e sindical; organizações de acções paralelas à margem da unidade popular que serviam de óptimos pretextos à propaganda da direita; as iniciativas que chegaram a ser festivamente aprovadas pela reacção — eis alguns pontos que deverão merecer a atenção dos estudiosos do fenómeno chileno.

«Espiral», decerto, não concede, a este ultimo ponto o desenvolvimento necessário, até porque a finalidade dele pareceu consistir principalmente na criação de um estado de repulsa face ao regime fascista que domina o Chile, pelo que se tornava indispensável eliminar determinadas arestas, determinados aspectos de fricção. Mas não devemos, aqui e agora em Portugal, esquecer as dolorosas lições que, ao longo de dois anos do nosso processo, sofremos do ultra-esquerdismo, como poderoso elemento de desestabilização que foi. Como factor de desagregação da esquerda que foi — e cmntinua a ser.

Importante emissão aquela de sábado. A justificar uma reprise que desejamos para muito breve. Quando ouvimos certa personagem, como ontem ouvimos, a falar dos «partidos democráticos» — entre eles o seu, o C. D. S.... — não nos sai da memória dos olhos a imagem de Pinochet a dizer, já depois do golpe, já depois de consumado o crime: *Aqui somos todos democratas...*

É preciso aprender. Aprender sempre, e bem. Por isso insisto na repetição de «Espiral».

PALÁCIO FOZ
RESTAURADORES

Selecção de filmes do Festival da Figueira da Foz 1976 — 13 a 17 de Setembro

2.ª 15 h. — **Winstanley**
de Browalowa Lou e Mollo
Inglês
18. h. — **O fim do caminho**
Gyula Maar
Húngaro
21 h. — **A viagem dos artistas**
de Theo Angelopolus
Grego
3.ª 15 h. — **Central Bazaar**
de Dwoskin
Inglês
21 h. — **La Sicilia**
de Jean Louis Comolli
Francês

Filmes falados ou legendados em francês ou inglês

Uma Organização do Secretariado do Festival da Figueira da Foz, com apoio da Direcção Geral de Acção Cultural

Incidentes no Festival de San Sebastian

SÃO SEBASTIÃO — (F.P.) — As forças de segurança espanhola intervieram energicamente no sábado em São Sebastião para dispersar uma manifestação reunida diante do palácio onde decorre o 24.º Festival Internacional de Cinema.

A polícia abriu fogo sobre a multidão com balas de borracha e lançou granadas lacrimogéneas. Os manifestantes gritando «Polícias assassinos» convidavam a população para a greve geral no País Basco no dia 13, segunda-feira, em sinal de protesto pela morte de um jovem basco, Jesus Maria Zuabalan. O jovem foi morto na quarta-feira passada pela guarda civil durante as festas de Fomtarrabia.

Foi anulado o jantar de gala oferecido pela municipalidade aos convidados do festival, tendo os manifestantes pedido que ninguém vestisse «smoking» para assistir à sessão inaugural do Festival preenchida com a projecção do filme «O Inocente» de Luchino.

Count Basie

LOS ANGELES (CALIFÓRNIA) — (ANOP) — O compositor e músico de jazz Count Basie, que, a semana passada, sofreu um colapso cardíaco, tem acusado melhoras — anuncia o Centro Médico Cedars — Sinai.

Paul Clarke: morte aos 28 anos

. LONDRES, 13 — (F. P.) — Paul Clark, de 28 anos, primeiro-bailarino do «Festival Ballet» de Londres, morreu ontem, vitima de ataque cardíaco.

Clark dançara pela ultima vez na passa sexta-feira no encerramento da temporada, de «ballet» e deveria interpretar o papel do famoso bailarino soviético Nijinski, num filme sobre a vida do actor Rudolfo Valentino, no qual actua o bailarino Rudolfo Nureyev, declarou um porta-voz do «Festival Ballet».

MODERNISMO E ARTE NEGRO-AFRICANA NO MUSEU DE ETNOLOGIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, MUSEU DE ETNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN COM A COLABORAÇÃO DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ABERTO DIARIAMENTE, DAS 16 ÀS 21 HORAS
AO SÁBADO ENCERRA ÀS 24 HORAS
FECHA À SEGUNDA-FEIRA
AV. ILHA DA MADEIRA — RESTELO

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA AFRICANA

Desporto

NACIONAIS DO CHUTO

Os números do Bonfim mais a Luz e o Restelo

Júlio Rodrigues

. Os oito golos do Bonfim (sete para os sadinos e um para o Varzim, que inaugurou o «placard» com um tento de Horácio) dominaram a jornada número dois do «Nacional» maior, não obstante o rescaldo da jornada, sobretudo para os que apostaram (desacertadamente) no Totobola, possa assumir escândalo em função das igualdades arrecadadas na Luz e no Restelo, respectivamente pelos bracarenses e pelos estorilistas.

Paradoxalmente, tanto os pupilos de Medeiros como sos subordinados de Lino ameaçaram, passe o termo, abandonar Belém e Benfica com os dois pontos em compita no bornal. Valeu ao «jovens do Restelo» e aos encarnados empatarem nos trechos terminais da contenda, para que o escândalo, já parcial, não sobrepusesse «arquitectonicamente» o mosteiro de Mafra ou a altura do «Cimianto». De qualquer dos modos, particularmente em relação aos pupilos de Mortimore, a igualdade de ontem é sintoma de frustração que se poderá prolongar, já em dose suplementar, a Dresden, enquanto empatar no seu reduto, para o Belenenses, reiterando o resultado da jornada anterior, não é de temer «toque de finados». Ainda a procissão vai no adro...

...Mas, mesmo no adro, temos já os aveirenses, que enfiaram quatro e uma «contraproposta» ao Montijo, juntamente com o Porto e o sensacional Estorial, na «calha» do Sporting, que ontem, em Guimarães, com Salif Keita a folhear as melhores páginas da sua técnica e da sua perspicácia futebolísticas, isolado no comando (4 pontos). Leoninos que no pretérito domingo se desenvencilharam superiormente (mesmo com Dona Fortuna como arrimo) dos encarnados. Singularmente, uma equipa que não se apresentava, nos esconsos da teoria passível (e possível) de prática, como predestinada (basta atentar nas suas murchas actuações por Rabat e terras espanholas) na vanguarda, enquanto, na cauda, os alcatarenses se colocaram pronunciadamente ontem, na sequência, aliás, do pálido comportamento assumido há uma semana, contra os vimaranenses.

Os mesmos números do encontro de Aveiro (4-1) emergiram no Bessa, com todas as consequências que daí resultam para o Académico, que além dos três tentos que no último domingo introduziu a Vaz (Setúbal) pode «agregar» o auto-golo de Gervásio e a consolação (no Porto) de Vala. Derrotado, também, por números flagrantes (3-0), temos o Atlético (a justificar a cauda), em Portimão, enquanto o F.C. do Porto, quatro dias após uma segunda parte (na Luz) em que ameaçou encalinhar-se celeremente para a sua melhor forma, não passou o obstáculo meirimmescamente montado no «Mar», em benefício pontual do Leixões.

Mas se as igualdades alcançadas peloEstoril e pelo Braga sobrepujaram, por surpreendentes, os restantes desfechos (mesmo a avalancha do Bonfim e apetitosa e oportuna do «fisico» e imperturbável Hagan), outros aspectos ressaltaram da jornada de ontem, desigandamente no capítulo da finalização, onde Formosinho, Jacinto João, Keita e Sousa, todos com dois golos, demonstraram estar com pontaria no corpo e precisão no remate.

No escalão imediato, que engloba três zonas (Centro, Sul e Norte), assinale
se a vitória do Marítimo em Almada, bem como os triunfos do Lusitano de Évora e do Barreirense sobre, respectivamente, o Farense e o Oriental, na Zona Sul; o sensacional triunfo do Feirense em Portalegre, e os empates do Académico de Viseu, Covilhã, Santarém e Peniche nas suas deslocações a Torres Vedras, Marinha Grande, Albergaria-a-Velha e Coimbra (União). O Feirense, mercê dos golos apontados na 1.ª jornada (contra o Torriense) e da vitória contra o Desportivo ascende à liderança na sua «região», a mais desencontrada geograficamente.

Espinho, Salgueiros, Famalicão e Lamas, no Norte, Alcochetense e Olhanense, no Sul, e Caldas e Sanjoanense, ha Zona Centro, impuseram-se, como se prognosticava, aos seus adversários. Famalicão, Lamas e Régua (4 pontos), na Zona Norte, Feirense (isolado), logo seguido pelo Covilhã, Peniche, União, Sanjoanense, Viseu e Estrela, com 3 pontos, no Centro, e Alcochetense e Marítimo, a Sul, dominam as vanguardas classificativas da II Divisão Nacional.

Do lance resulta, com Moinhos a cruzar e Nené a não perdoar, o primeiro golo dos encarnados. A vantagem no «placard» foi de pouca dura e, por pouco, não ia acontecendo escândalo

BRAGA EMPATA NA LUZ: 2-2

Benfica: nem sorte, nem disciplina

Neves de Sousa

. Não há dúvida: qualquer (muita) coisa funciona mal, está a empanar a antiga máquina, neste Benfica recém-vestido ao estilo inglès. Foi a desastrosa passeata por terras brasileiras, num desmanchar de feira que quase ia reduzindo a zero a boa recordação de pequenas maravilhas anteriores. Foi, depois, uma titubeante estadia em plagas espanholas, sem honra nem glória por aí fora. Aconteceu, em seguida, o desplante da aceitação de «borlas» para ir aos Camarões, como se por cá, por uns escudos despendidos, não se pudessem efectuar testes ante convidados a porem em dia a quotização dos sócios sem problemas de andamentos em aviões a caírem de podres, horas a fio, consumidas em aeroportos de terceira tão depressa sol como gelo, a vintém o espectáculo. Finalmente, veio o campeonato: com o confragedor zero em comportamento global verificado em Alvalade, face a um Sporting que desbaratou totalmente a fraca resistência física dos rapazes de vermelho. Para cúmulo, quando se imaginava que o Braga tivesse de servir de alavanca para o restabelecimento da cordial ligação entre o departamento mais profissional do Benfica e os associados do emblema da «águia», eis que a Luz assiste, perplexa e atónita, a toda uma «débacle» que só não vai inscrever-se pior que o empate porque o árbitro César Correia, teatral e talvez pouco justamente, se lembrou de castigar com drástico «penalty» uma simples carga de Mendes a Chalana, ao mesmo tempo que contemporisava incrivelmente com o destrambelhamento nervoso de Barros que, a reflectir a indisciplina que parece grassar entre os comandos de Mortimore — Rui Silva, prolongou até ao exagero uma manifestação de animosidade para com milhares de espectadores afectos ao seu emblema que lhe será difícil, sem toque de varinha de condão, voltar às boas graças de quem já lhe perdoara, com o encobrimento do manto da desculpa, a ímpetos juvenis e certas culpas que (decerto) voltam agora a saltar do arquivo...

TRADIÇÃO

O Benfica, entrou perante o Braga vestido de branco: como anjinho, especialmente no remate e na cobertura do verrinoso contra ataque dos bons alunos de Mário Lino. Ao longo do jogo, conquistaria 10 «cantos» sem uma vez sequer passar por igual dor de cabeça: mas, no computo geral, era tão fraca a sua pontaria e (sobretudo) a força que empregava nos disparos, que logo aos lances de entrada se vislumbrou o andar da carruagem. Isto é: matreiro e sagaz, o jovem mestre açoriano urdiu uma teia em que moscas (mortas) orientadas (episodicamente) por Rui Silva ficaram manietadas como em espartilho para loucos varridos. E o empate aconteceu, provavelmente imerecido para o número de vezes que o Benfica colocou à prova a defensiva minhota mas, por igual, plenamente justificado pela falta de capacidade ofensiva dos donos do palco, lado a lado com os deslizes cometidos por uma defensiva que mais parece passador de puré.

Repetiu-se, afinal, a história antiga: depois de Cabrita, aconteceu a Hagan. Depois de um Porto que vergastou irremediavelmente um Benfica dirigido momentaneamente por subalterno, sucedeu coisa muito semelhante às mãos e aos pés deste Braga que, sabiamente, soube explorar essa quase tradição do Benfica cair ou levar um violento empurrão sempre que no seu terreno, por ausência em missão de espionagem além-fronteiras do técnico de primeira, as hostes ficam entregues a segundo comandante. Se eu fosse ao dr. Borges Coutinho mandava a equipa a bruxa quando fosse véspera de repetir a dose...

ESQUEMA

Muito sereno, muito bem esplanado em três/quintos do relvado, o futebol bracarense deu rédea solta ao Benfica, acantonando-se na defensiva à espera de apontar o cutelo e, em seguida, marchar com a velocidade de pernas que falta aos «encarnados» para brusco assalto ao desprotegido (e infortunado) Bento, em crise de reflexos. À frente de Fidalgo, o «escorraçado por não servir», que estava doido por um bom exame perante os antigos patrões, Mário Lino colocou três leões (Mendes, Ronaldo e Manaca), directamente protegidos por uma linha de vanguarda possante (Fernando e Pinto), esta mesma acolitada por Paulo Rocha, lugar-tenente desse jovem e atrevido portento de imaginação e belicismo útil que é o macaista Marinho, um homem que vai escrever futebol em bonita carreira. Mais para o meio do terreno, em primeira linha de arame farpado, ficaram Zezinho e Chico ganhos que tão depressa fisgavam a bola na cobertura à retaguarda como a endossavam, subtil ou energicamente, para a alça bem oleada de Chico Gordo

Em contrapartida, perante um Marinho esplendoroso e um Mendes a todo o vapor, face a um Fidalgo nobre no apego à luta e um Manaca a enjeitar economias e a dar tudo por tudo em cada lance, no diálogo com um alegre Chico e um traquina Chico Gordo, na «conversa» com gente desta igualha, os benfiquistas, contagiados pelo alvo anonimato das camisolas, davam muitos pontapés para a frente, construíam golpes e mais golpes mas sempre os faziam embater na muralha bracarense, embora Sheu (enquanto teve pulmões...) e o sensacionalíssimo Chalana, dos 18 anos a ferverem em entusiasmo e talento para bem jogar a bolinha, dessem um lamiré que (infelizmente para os ocasionais discípulos de Rui Silva) não era do mesmo diapasão do esgotado Pietra (angustiosamente a suplicar água aos 38 minutos de sorumbática actividade), com o mesmo tom musical do pouco rotinado José Domingos (incrível a agressão a Mendes, que «valeu» dois pontos no queixo do defesa de Braga) e, notoriamente de outro ritmo mais belo que

Continua na pág. 16

Jornada n.º 2 dos secundários

. Mas houve mais (para além daqueles a que por imperativo profissional, e de acordo com um critério que esperamos tenha a boa aceitação dos nossos prezados leitores, demos realce condigno), como podem ver neste desdobramento dos «Nacionais» do chuto:

. II Divisão (Zona Norte): Paços de Ferreira-Lourosa, 1-0; Espinho-Vila Real, 2-1; Salgueiros-Fafe, 2-0; Penafiel-Riopele, 0-0; Famalicão-Paredes, 1-0; Gil Vicente-Tirsense, 3-0; União de Lamas-Chaves, 1-0; Régua-Vilanovense, 2-0. Próxima jornada: Paços de Ferreira-Espinho; Vila Real-Salgueiros; Fafe-Penafiel; Riopele-Famalicão; Paredes-Gil Vicente; Tirsense-União de Lamas; Chaves-Régua; Lourosa-Vilanovense.

Zona Centro: Caldas-Torres Novas, 1-0; Torriense-Acd. de Viseu, 1-1; Portalegrense-Feirense, 1-2; Marinhense-Covilhã-Alba; U. Leiria-Sanjoanense, 2-0; Sanjoanense-Estrela, 1-0; União de Tomar-U.Santarém, 0-0; U.Coimbra-Peniche, 1-1. Próxima jornada: Caldas-Torriense; Ac. Viseu-Portalegrense; Feirense-Marinhense; Covilhã-Alba; U. Leira-Sanjoanense; Estrela-U.Tomar; P.Santarém-U.Coimbra; Torres Novas-Peniche.

Zona Sul: Alcochetense-Esperança, 2-0; Sesimbra-U.Montemor, 0-0; Lusitano-Farense, 2-0; Barreirense-Oriental, 2-0; Odivelas-C.U.F., 0-0; Olhanense-Juventude, 1-0; Sintrense-Vasco da Gama, 0-0; Almada-Marítimo, 1-2. Próxima jornada: Alcochetense-Sesimbra; UMMontemor-Lusitano; Farense-Barreirense; Oriental-Odivelas; C.U.F.-Olhanense; Juventude-Sintrense; Vasco da Gama-Almada; Esperança-Marítimo.

III Divisão (Série A): Desp. Aves-Mogadourense, 4-2; Vianense-Mondinense, 5-1; Bragança-Cabeceirense, 1-0; Tadim-Monção, 2-2; Joane-Esposende, 0-2; Maria da Fonte-Forjães, 5-3; Mirandela-Limianos, 0-0; Bairro Latino-Rio Ave, adiado. Próxima jornada: Desp. Aves-Vianense; Mondinense - Bragança ; Cabeceirense-Tadim; Monção-Joane, Esponsede-Maria da Fonte; Forjães-Mirandela; Limianos-Bairro Latino; Mogadourense-Rio Ave.

Série B: Trancoso-Arrifanense, 0-1; Vildemoinhos-Lamego, 1-0; Leça-Cucujães, 5-1; Infesta-Lordelo, 3-0; Leverense-Freamunde, 2-0; Oliveirense-Avintes, 1-0; Paços de Brandão-P.Castelo, 3-1; Viseu Benfica-Valecambrense, 0-0. Próxima jornada: Trancoso-Vildemoinhos; Lamego-Leça; Cucujães-Infesta; Aliados-Leverense; Freamunde-Oliveirense; Avintes-Paços de Brandão; P.Castelo-Viseu Benfica; Arrifanense-Valecambrense.

Série C: Vilanovense-Águeda, 1-0; Mangualde-Esperança, 1-0; Marialvas-Anadia, 0-0; Ala Arriba-Tabuense, 1-0; Covilhã Benfica-Febres, 1-1; O.Bairro-Anca, 2-0; Tondela Naval, 0-0; Gouveia-Guarda, 0-1. Próxima jornada: Vilanovense-Mangualde; Esperança-Marialvas; Anadia-Ala-Arriba; Tabuense-Covilhã Benfica; Febres-O.Bairro; Ança-Tondela; Naval-Gouveia; Águeda-Guarda.

Série D: Bombarralense-Matrena, 0-2; Almeirim-Lousanense, 4-0; Cartaxo-Alcobaça, 1-1; Batalha-Ponte de Sôr, 2-2; Marrazes-Pombal, 2-1; Alferrarede-Nisa Benfica, 1-1; Alcanenense-Vienense, 3-1ç, benf. C.Branco-Campomaiorense, 2-2. Próxima jornada: Bombarralense-Almeirim; Lousanense-Cartaxo; Alcobaça-Batalha; Ponte de Sôr-Marrazes; Pombal-Alferrarede; Nisa Befica-Alcanense; Vieireise-Benfica C.Branco; Matrena-Campomaiorense.

Série E: Nacional-O.Elvas, 1-4; Alhandra-Cova da Piedade, 0-3; Trafaria-Desp. Olivais, 1-4; Benavente-Loures, 0-1; Lisboa e Olivais-Casa Pia, 1-2; Bucelense-Vilatranquense, 2-1; Elvense-Alverca, 1-1; Estrela-Sacavenense, 0-1. Próxima jornada: Nacional-Alhandra; Cova da Piedade-Trafaria; Desp. Olivais-Benavente; Loures-Lisboa e Olivais; Casa Pia-Bucelense; Vilafranquense-Os Elvenses; Alverca-Estrela; O.Elvas-Sacavenense.

Série F: Desp. Beja, Amora, 0-1; U.Santiago-Quarteirense, 1-0; Ait. Reguengos-Paio Pires, 2-2; Rosairense-Silves, 1-1; Moura-Luso, 2-2; Lusitano V.R.-Costa da Caparica, 2-1; Seixal-Odemirense, 2-0; Torralta-Aljustrelense, 0-0. Próxima jornada: Desp. Beja U.Santiago; Quarteirense-Atl. Reguengos; Paio Pires-Roseirense; Silves-Moura; Luso-Lusitano V.R.; C.Caparica-Seixal; Odemirense-Torralta; Amora-Aljustrelense.

Esta revista contém cenas eventualmente hilariantes

HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos — Matinées às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)

Desporto

BELENENSES, 1 - ESTORIL PRAIA, 1

Em torno do futebol "azul" voltam a sorrir os figurões

Daniel Reis

. Regressou o futebol ao estádio do Restelo, com uma «avant-première», para se defrontarem Belenenses e Estoril Praia.

Como antestreia, foi bastante má (para os da casa evidentemente) dado que na quarta-feira, ali mesmo, encontrarão uma das mais poderosas equipas europeias da actualidade, o Barcelona de Cruyff, Neeskens, Sotil, Heredia, Ascensi, etc. Se havia alguém com exageradas esperanças entre os adeptos «azuis» esta ante-estreia, provavelmente, tê-las-á reduzido às suas verdadeiras proporções.

Mas se o futebol regressou ao Restelo, outros regressos por lá vimos, à sua volta, desde os figurões que a maré revolucionária despejara no outro lado do Atlântico, até aos «secundários» que mamaram na teta fascista com eficácia e brilho, por vezes ao mais alto nível, e, estranhamente, já ostentava o mais rasgado dos sorrisos ao intervalo do jogo de sábado à tarde.

. Deixando-nos disto, entremos no jogo para afirmar desde já que, embora o encontro Belenenses-Estoril não tenha pertencido ao reino das maravilhas, também não desmereceu por aí além do valor potencial que é atribuido às duas equipas. O grupo do Estoril Praia adequou-se melhor ao que dele se espera desde a estreia feliz contra o Boavista: isto é, com boa presença física, bom entendimento entre os diversos elementos e sectores, intencionalidade no ataque. O Belenenses também não baixou tanto que justifique a desilusão que parecia campear no Restelo entre a «claque» da casa.

E, bem vistas as coisas, o Belenenses até fez jus à vitória, pelo maior volume atacante do seu futebol e pelas oportunidades de golo criadas e igualmente desperdiçadas. Isto mesmo que não se refira a forçada inferioridade da equipa pelas ausências de alguns elementos base, nomeadamente Artur Jorge e Godinho.

As principais incidências na primeira parte tiveram como protagonistas Jesus e Eurico: enquanto o primeiro desperdiçou aos 30 minutos uma espectacular ocasião de golo que Vasques lhe preparara, o segundo esteve envolvido em três ou quatro lances demasiado rudes — derrubando quer Sambinha quer Amaral — até ver o cartão amarelo, que o árbitro lhe mostrou aos 34 minutos, e que lhe valeu ser oportunamente substituído por Fernando Martins, antes que fosse expulso.

O golo dos visitantes surgiu aos 11 minutos da segunda parte e foi marcado por Oscar, um cabo-verdiano que se tranferiu da Covilhã e está a fazer um esplêndido começo de campeonato. A bola veio-lhe parar aos pés, após lance pela esquerda (Cepeda): tentou um primeiro remate, que foi repelido por Quaresma, mas à segunda tentativa a bola foi direitinha ao canto superior esquerdo da baliza de Meio, sem quaisquer hipóteses para este.

Com o golo, o Estoril ganhou consciência de que tinha boas hipóteses perante este Belenenses e passou a equilibrar mais o jogo aproveitando, até, a desmoralização do grupo da casa que atacara mais, criara oportunidades e se via agora a perder.

O «forcing» final do Belenenses adequaria o resultado à sua mais correcta verdade do jogo, já que era manifestamente difícil conseguir, ainda, o volte face e a vitória. O empate surgiu em cabeceamento de José Rocha (que entrara no início da segunda parte) a transformar positivamente espectacular fuga de Cardoso pelo lado esquerdo e o cruzamento arrancado sobre a linha de cabeceira.

. BELENENSES — Melo, Sambinha, Quaresma, Luis Horta e João Cardoso; Esmoriz, Isidro e Jesus; (José Rocha); Vasques (Alfredo), Amaral e Gonzalez.

ESTORIL PRAIA — Ferro Pais, Fernando, Amilcar e Carlos Pereira; Eurico (Fernando Martins), Nelson Reis (Quim) e Oscar; Manuel Fernandes, Clésio e Cepeda.

GOLOS — Óscar e José Rocha.

Ardor e estética num lance disputado a meio do campo no jogo do Restelo

LEIXÕES, 0 - F.C. PORTO, 0

Fibra (leixonense) e força (portista)

Sérgio de Matos

. Por capricho do sorteio o calendário do «Nacional» da I Divisão determinou que Leixões e F. C. do Porto se defrontassem no Estádio do Mar, logo na segunda jornada da competição. Confronto sempre expectante e de desfecho imprevisível, qualquer que seja a condição e a classificação dos contendores. O «derby» entre Matosinhenses e portistas teve, desta vez um poderoso subsídio de expectativa de concretizar, enfim, as suas legítimas ambições; o Leixões dirigido pelo discutido técnico Meirim, disposto, ao que parece, em devido tempo a fugir às angustias que o tem flagelado, nas ultimas temporadas. Leixões, que, além do mais, surgiu, nesta temporada, profundamente remodelado, e que apresentava, nos preliminares deste duelo com os portistas a perspectiva de estrear dois reforços brasileiros, Josefa e Zézé, considerados valores positivos.

Jogo no Estádio do Mar: Árbitro: Adelino Antunes, de Lisboa.

Leixões: Benje, José Manuel, Adriano, Guilherme e Jacinto; Leitão, Sá, Josefa e Varela; folha e frasco.

F. C. Porto: Torres; Murça, Teixeira, Freitas e Tai; Octávio, Rodolfo e Cubillas; Seninho, Duda e Gomes.

Substituições: Tai, por Oliveira, aos 13 m., e Octávio por Ademir, aos 73 m. Cartões amarelos; Guilherme, aos 60 m., e ao massagista leixonense, Nelson Costa, aos 81 m.

Correspondendo à grande expectativa que o encontro encerrava, afluiram ao «mar» algumas dezenas de milhares, de espectadores que emolduraram, completamente, as bancadas do Estádio, e com o calor das suas manifestações ajudaram a transformar este jogo num inesquecível espectáculo de futebol.

Desde o início da partida, as duas equipas apresentaram esquemas de jogo diferentes. Uma, a do C. F. Porto, jogando marcadamente ao ataque, invadindo constantemente a área do Leixões, não conseguindo, porém, concretizar positivamente os seus intentos. A outra, a equipa do Leixões, que perante o ímpeto atacante do F. C. do Porto se remeteu obstinadamente à defesa, tentou por vezes e de qualquer forma, afastar a bola da baliza à guarda de Benje, limitando-se, portanto, a jogar em contra-ataques, aliás pouco perigosos, por falta de apoio.

Na verdade, foi esta a tónuca do jogo: O F. C. do Porto atacando em avalancha, mas com certas falhas, ora afunilando muito o seu jogo, com Seninho, ora tentando tabelinhas impossíveis entre Cubillas e Gomes, dado que o Leixões se defendia com a quase totalidade dos seus elementos, e já porque só frasco, e por vezes folha, tentavam (em esforços isolados) rematar contra a opressiva maré do domínio portista. Entretanto, Benje ia assinando uma enorme exibição, à altura dos seus melhores tempos. Foi, porém, evidente que a manobra ofensiva portista emperrou várias vezes, ou malogrou-se por falta de uma maior rapidez nas trocas de bola, além de que, também, no capítulo de remate, só no trecho final do jogo investiu com a agressividade que antes lhe faltara. Verdade se diga que, perante um Leixões superdefensivo, seria efectivamente muito difícil executar um outro tipo, de futebol, defendendo-se por vezes um tanto atabalhoadamente, e deixando-nos mesmo certas interrogações quanto áquilo que será a sua actividade futura.

Por outro lado, há que salientar a exagerada rudeza de alguns leixonenses, caso particular de Bailão (que logo nos primeiros minustos mostrou notória vontade de arrumar Cubillas de qualquer maneira), com a inevitável «contraproposta» dos portistas. Enfim, um jogo empolgante no seu aspecto atlético, mas por vezes decepcionante no seu conteúdo espectacular. Saliência individual para os portistas Freitas, Teixeira, Octávip e Rodolfo, e para os Leixonenses Benje (o melhor)), Adriano, Guilherme, Bailão e Erasco.

Arbitragem por vezes demasiado contemporizadora com os excessos de certos jogadores.

Benfica-Braga

Continuação da pág 15

a displicência de Nené e Barros. Nos demais, Bento era sempre colhido a frio e fora de tempo de entrada, enquanto Artur está desamparado (fora de forma e condição anímica), Bastos Lopes parece emperrado nas dobradiças, Moinhos passa o tempo a esfarrapar-se sem produto imediato e, tanto Toni como Sheu mal aguentam uma hora a passo de ganso quanto mais o suplemento corrido a três velocidades. Nada a encobrir: sem força nem mentalização psicológica para as andanças superiores, este Benfica vive cada minuto de labor em estado de pânico, suspenso da saudade (Humberto Coelho, Jordão, ainda Eusébio segundo os próprios responsáveis-mores pelo clube campeão nacional...)

BARROS

Porém, o maior escândalo da Luz girou em torno de Barros, o «stopper» que, não estando em ponto de bala para os bons cometimentos futebolísticos que é capaz de assinar, perde a razão e o raciocínio por dá cá aquela palha. Verdade que, em certo (grande...) sector de associados benfiquistas, ninguém perdoa a mais leve falha ao «team-menino-bonito» dos seus olhos. E, vai daí, os assobios ou o silêncio gozador, vão até aos jogadores em azar mais os reduzindo a cisco. Só que o bom do Barros que, apesar daquele feitio fechado e introvertido deve ser rapaz divertido no círculo de amizades, não leva a bem que o povo não se arroje aos pés de qualquer «divo» com pernas de barro. Da bancada de apaniguados rubros, veio uma vaia ta para o «onze», um extravasar de nervos que até se pode compreender como reacção ante o comportamento de filho único e querido. Barros é que, de chofre, pareceu ter recebido procuração de todos os colegas ou, então, uma injecção de sangue do Viren, dessas que, em dose cavalar, até fazem amarinhar pelas paredes. O leixonense arranca em voo picado até à lateral, apostrofa os atónitos admiradores da «águia», barafusta em alta gritaria, bate no peito como tocado por S. Vito. Aí, a multidão parecia um dragão: quando Barros voltou para o lugar, já o árbitro (após, desnecessariamente ter ido consultar o fiscal de linha) mostrara ao sucessor do correctíssimo Humberto Coelho o cartão amarelo.

GOLOS

O descontrolo de Barros afectou todo o Benfica

Todavia, no retorno para a 2.ª metade, um centro de Moinhos (desferido com toda a gana) embateu nas pernas de Nené e, ao minuto e meio, abria o «placard». Pensou-se que seria o abrir da torneira: nada disso, como se notou no clamoroso falhanço de Zezinho frente a uma baliza encarnada e, logo, no pontapé livre de Manaca que restabeleceu o nulo por entre uma sebe mal semeada.

Voltaram os assobios, que cresceram quando Chico deu de bandeja para Chico Gordo e o remate, mal defendido por Bento, tabela no guardião da casa e entra lentamente nas malhas, perante a passividade dos mais interessados em desfazer o erro. Mas, lá veio a benesse de César: Chalana, conduzia a bola e driblava todo o Mundo, entrando pela esquerda, quando lhe aparece pela ilharga Mendes, ao desarme: o rapazinho aparece no chão e (verdade se diga) quase instantaneamente o director farense assinala a grande penalidade (forçada?) que Nené marcou como não fez perante a Checoslováquia. Era o nulo final: Marinho (charneira defesa-ataque) tal como Chalana (soberbo), de braço dado com Fidalgo e Mendes, Chico e Sheu, mereciam um pouco mais.

Ainda esteve em campo outra gente: o argentino Beck a render Paulo Rocha, Romeu a substituir Sheu. Nada de melhor. E houve outros «amarelos» de advertência: para Manaca e Mendes. Nada de grave. O importante, a imagem que ficou, isso é que ninguém arreda tão cedo do espectador da noitada na Luz: um Benfica periclitante e indisciplinado, cedendo na conversa em mesa-redonda com gente de barba rija e gás nas pernas. O que não era hábito...

A CAMINHO DE DRESDEN

Esta manhã, abalou para a Alemanha Democrática a turma benfiquista que vai confrontar-se com o Dresden, na próxima quarta-feira, no jogo abre-latas da «Taça dos Campeões Europeus», edição-76.

O «team» rubro segue desfalcado de unidades vitais: Toni e Pietra (castigados pela UEFA com um espectáculo a cumprir na bancada) ficaram por cá. Assim, embalaram para a justa com o Dínamo de Dresden, os seguintes futebolistas: jogadores (16): Bento, Artur, Barros, Bastos Lopes, Chalana, Nené, José Domingos, Shéu, Moinhos, Álvaro, Eurico, Romeu, Diamantino, Malta da Silva, Messias e José Luis.

Portanto registam-se três grandes ausências: Toni e Pietra cada um castigado com um jogo, pela UEFA, e Vítor Martins, lesionado.

Muitas reticências envolvem o desfecho do cortejo com os coriáceos atletas da RDA, especialmente em face do deficiente comportamento assinado pelos benfiquistas neste neste abrir da cortina tenporal. Na antiga capital da Saxónia, que Benfica irá actuar? O que, de uma hora para a outra (em volte-face sempre possivel em quem possui créditos da melhor água) pode escrever coisas muito belas ou uma decrépita «águia» a permitir que o massacre mais dramático bata à porta?

. Mortimore, o contestado técnico britânico que os colegas portugueses acham que está indevidamente usurpando um lugar que deveria pertencer a gente lusa, tem que fazer balanço ao deve-haver e cogitar bem as linhas com que vai coser este Benfica cheio de remendos forçados, mas (também) a meter água por todas as costuras e, o que tem sido mais patente, ainda sem frescura física para os cometimentos que tem no mapa operacional para os tempos mais próximos.

Enfim: confie-se (uma vez mais) no titular do futebol nacional. O Benfica lá vai, pé ante pé. O «Diário de Lisboa», através do seu enviado especial Neves de Sousa, dará palavra para os leitores da história que ficar escrita em Dresden.

Desporto

LÁ FORA

CATALUNHA

O belga Roger de Vlaeminck venceu a primeira parte da quarta etapa da Volta à Tatalunha, com o tempo de 53 minutos e 10 segundos. O percurso desta primeira fase era de 41,4 quilómetros. Classificação: 1.º, Roger de Vlaeminck, Bélgica, 53,10; 2.º, Javier Elorriaga, Espanha, m.t.; 3.º, Marino Basso, Itália, m.t.; 4.º, Alessio Antonini, Itália, m.t. e 5.º, Cees Priem, Holanda, m.t. A segunda parte da quarta parte, corrida entre Mollet e Manresa, na distância de 112,6, foi ganha pelo italiano Alfredo Chinetti. Classificação: 1.º, Chinetti, 2 horas, 55 minutos e 28 segundos; 2.º, Dan Hertog, Holanda, m.t.; 3.º, De Vlaeminck, 2.55,39; 4.º, Perino Gavazzi, Itália, m.t. e 5.º, Perurena, m.t.

Classificação geral individual: 1.º, Martinez Heredia, Espanha, 18 horas, 56 m. e 2 s.; 2.º, De Witte, Holanda, 18.56,10; 3.º, De Vlaeminck, 18.58,47; 4.º, J. Enrique Cima, Espanha, 18.58,58; 5.º, Pedro Torres, Espanha, 18.59,01; e 6.º, Perurena, Espanha, 18.59,06.

PETERSON

O piloto sueco Ronnie Petterson, ao volante de um «March», ganhou o 47.º «Grande Prémio de Itália», de Formula Um, décima-terceira prova do Campeonato do Mundo de pilotos, disputada hoje no Autódromo de Monza. Em segundo lugar, classificou-se o suiço Clay Regazzoni, em «Ferrari». Seguiram Jacques Lafitte, da França, em «Matra», o austríaco Niki Lauda, em «Ferrari», Jody Schekter, da África do Sul, em «Tyrrell», e Patrick Depailler, da França, com um «Tyrrell». Niki Lauda está à frente do Campeonato do Mundo de pilotos, com 61 pontos, seguido do britânico James Hunt.

PORTUGAL

SANTA CLARA

No Estádio Universitário de Coimbra, efectuou-se um festival de atletismo que serviu para comemorar o 53.º aniversário do Santa Clara e homenagear os seus campeões, distinguindo especialmente os seus atletas José Carvalho e Aniceto Simões, que estiveram nos Jogos Olímpicos de Montreal, integrados na selecção nacional. A aujência dos atletas convidados, Carlos Lopes e Fernando Mamede, tirou certo brilho ao festival. Os resultados das provas foram os seguintes:

110 metros barreiras: 1.º José Carvalho, do Santa Clara 14,8; 2.º Eugénio Pereira, do Santa Clara, 16,2; e 3.º Joaquim Lobo, do Santa Clara 17.

100 metros: 1.º Vitor Mano (Benfica) 10,7; e 2.º José Silva (Benfica) 10,9.

200 metros: 1.º José Carvalho, do Santa Clara, 22,3; 2.º António Cachola, Benfica, 22,3; e 3.º Alfredo Lima, do Porto, 23.

1.500 metros: 1.º Carlos Cabral, Sporting, 3.57,8; e 2.º Rafael Marques, Fátima, 4.04,3.

3.000: 1.º Anacleto Pinto, Benfica, 8,17; 2.º José Simões, do A.C.M., 8.32,8; e 3.º Gabriel Pires, do Académico, 8,53.

GUIMARÃES, 1 - SPORTING, 3
Keita abriu o livro

GUIMARÃES — Jogo no Estádio Municipal, dirigido por Mário Luís, de Santarém, tendo as equipas apresentado:

V. Guimarães: Rodrigues; Ramalho, Celton, Torres e Alfredo; Ferreira da Costa, Pedroto e Abreu; Pedrinho, Tito e Rui Lopes.

Sporting: Conhé; Inácio, Laranjeira, José Mendes e Da Costa; Camilo, Fraguito e Baltasar; Keita, Manuel Fernandes e Manoel.

Ao intervalo: 0-0.

Marcadores: Keita (52 e 89 m), Manuel Fernandes (75) e Rui Lopes (58).

O Sporting viajou até Guimarães como favorito, embora os vimaranenses, que também ganharam na primeira jornada do «Nacional» (em Alcântara) tivessem uma palavra (a sua) a dizer). A provar este estado de espírito do conjunto de Caiado, está o facto de ser ele o que mais forçou o ataque nos primeiros minutos da partida, claramente no intuito de surpreender os «leões». Na verdade, o Sporting andou algo confundido, nomeadamente no primeiro quarto de hora. Mas conseguiu subir de rendimento.

Keita (que ontem abriu o livro), esteve directamente ligado à transformação operada nos «leões», com velocidade de execução, perfurando com certa facilidade a defesa vimaranense, que não atinava com a forma de o deter.

Esta supremacia leonina não deixou, contudo, os pupilos de Caiado de braços caidos e Abreu, tevemesmo umaoportunidade de obter um golo para a sua equipa, mas o juiz da partida considerou-o fora de jogo aquando do remate.

Os «leões» viram que em lhes poderia servir, e voltaram a baixar de rendimento, devido às retenções do esférico para trás e para os lados. Rui Lopes foi feliz num lance por ele criado, e o golo (muito contestado pelos «leões» e pelos seus adeptos), conseguindo com uma bola que passou em arco por entre os postes, trouxe novas perspectivas à partida. Só que o Sporting não é só Keita. Manuel Fernandes substituiria o seu colega na marcação de mais um tento (o segundo), ao concretizar um lance bem imaginado e em que intervieram cinco «leões» na sua criação e sequência.

BOAVISTA, 4 - ACADÉMICO, 1
"Nogueira nacional" na semente do "score"

Abel Ferreira

Nogueira, que o Boavista «importou» esta época, e que originário de Alcântara foi, pode dizer-se, sem correr riscos de desvios ou injustiças para com os outros interpretes, tornou-se o forjador do êxito dos axadrezados. Correu o campo todo com alegria e força física até certo limite, serviu os companheiros com rara visão nas entregas (a recordar Alves), ensaiou alguns remates (um deles à base do poste), «esteve» em quatro golos, os dois verdadeiros da primeira parte (e outros dois falsos), transformados por Mané em Pontapé de bicicleta a fazer jogo perigoso um, e em situação milimetrica de fora de jogo, o outro. Toda a acção, (influentíssima) de Nogueira aconteceu na primeira parte (periodo do arranque do Boavista para o êxito (já em 2-0) e, no primeiro quarto de hora, do segundo tempo. Depois estoriou. A partir desta altura, porém, surgiu Barbosa a mexer os cordelinhos e a impulsionar o ataque numa fase em que o Boavista «adormecia», na vantagem, talvez também com o pensamento na longa viagem à Roménia.

Por fim, o ex-leixonense Albertino, que saiu da apatia do primeiro tempo para uma exibição em que a sua capacidade físico-técnica compensou da fadiga ou menos aplicação, que caracyerizava o labor dos axadrezados. Albertino marcou dois golos do segundo tempo e, se já muitas preocupações não havia, elas desvaneceram-se por completo. O Boavista contou sempre com um jogador em grande plano (Nogueira em todo o primeiro tempo, e Barbosa e Albertino no segundo) acompanhados de perto por Mané, Salvador e Francisco Mário e daí a cadência exibicional evidenciada que manteve de princípio a fim.

A defesa axadrezada cometru alguns deslizes mas a falta de profundidade do ataque estudantil não lhe causou dissabores de maior apresentando sempre uma disposição aparente de 4x4x2, o Boavista logo que ganhava a posse da bola robustecia a frente de ataque com os avanços de Nofuieira e Francisco Mário ou Albertino e Barbosa. A juntarem-se aos «pontas de lança» Mané e Salvador. Conseguiu, assim, povoar o meio campo e o ataque e criar inúmeros lances de golo: os quatro transformados, os dois falsos, um chuto à base do poste, e, ainda, um outro lance de finalização fácil (era só tocar no esférico), em que Barbosa com a baliza à mercê em vez da acertar na bola na zona de «penalty» em situação frontal, atingiu Albertino numa perna.

O Académico favoreceu, de resto, tal quantidade de ocasiões de golo ao adversário, ao jogar sempre aberto. Em termos práticos as suas intenções malograram-se, contudo, porque nem foi uma equipa de ataque por falta de valores, nem soube defender por igualmente não dispôr de gente e quantidade e saber, para evitar a «goleada». O imprepara[do] co de Rui Rodrigues (que um «penalty» agarrando e rubando Salvador sem que falta tivesse sido marcada) e a vertente da sua capacidade física, que não perdoa num jogador da sua idade, originou muitos «buracos» na zona frontal por onde marcou os seus dois golos Albertino e o outro de Chico Mário. O sector defensivo dos estudantes, por outro lado, não recebera a colaboração requerida dos homens do meio campo para cobrir os adversários desse sector, e as infiltrações destes no ataque.

A diferença de três golos está certa. Jogando aberto como o fez, sem espírito de entreajuda dos meios campostas ao sector defensivo, e defrontando um adversário que assinou uma exibição de bom nivel, o Académico não podia aspirar a menor desnível.

Arbitragem certa (Nemésio Castro, de Lisboa) na anulação aos dois golos do Boavista e errando, contudo, ao não assinalar o «penalty» referido.

AS EQUIPAS:

Boavista: Botelho, Trindade, Mário João, Artur e Amaral (Carolino aos 79 m), Barbosa (Branco aos 79 m), Francisco Mário; Albertino e Noguiera, Mané e Salvador; **Académico**: Marrafa, Belo (M. Campos aos 46 m.), Rui Rodrigues, José Freixo e Martinho: Gervásio, Gregório, Vala e Rachão (Manuel António aos 46 m.), Joaquim Rocha e Rogério.

Ao intervalo: 2-0. Marcaram os golos: F. Mário, aos 31 m.; Salvador (com toque final de Gervásio) aos 37 m., Albertino, aos 71 e 73 m. e Vala aos 75 m.

"MUNDIAL" DE HÓQUEI EM PATINS
Portugal-sem-Livramento empatou com a Alemanha (3-3)

Portugal sem Livramento não é (a prova pode estar no empate que anteontem, em Oviedo, consentimos ante os poderosos germânicos) o mesmo que Portugal-com-Livramento. Não surpreende, dados os progressos revelados pelos hoquistas da RFA nos últimos anos, que tenhamos parcialmente hipotecado as nossas primeiras possibilidades neste «Mundial» que decorre em Espanha, ao permitirmos que os alemães, temporariamente liquidados com dois golos de Chana (estava o resultado, então, em 3-1 a nosso favor), recuperassem no último minuto os dois de desvantagem com a imediata consequência de um ponto que nos escapou ao bornal.

O «DL» foi o primeiro órgão da Informação a prever a ausência do categorizado e decisivo hoquista que é Livramento, e a sua lesão, à primeira vista ligeira, agravou-se já em Oviedo, retirando-nos muitas possibilidades no primeiro confronto. Um precioso ponto se volatilizou, assim, da tabela, e quando são decorridas duas jornadas (três jogos), essa «fuga» já se torna evidente. Mais clara, ainda, se atentarmos no facto dos espanhóis, embora com dificuldades, terem superado (2-1) os norte-americanos, que parece serem, igualmente, outra novidade na prova maior do patinado mundial. Os enozelandeses, que também defrontaram os espanhóis, opuseram, proporcionalmente, a mesma resistência que os japoneses ao nosso «cinco», cilindrados pela elucidativa conta de 23-2 (Espanha-Nova Zelândia: 16-0).

Entre um e outro resultado, mas por números mais amenos (e amoldados ao desnivelamento das duas equipas), os portugueses derrotaram os brasileiros por 6-2 (mais dois golos sofridos que, acrescidos ao três dos alemães e aos dois dos japoneses totaliza o desolador «contra» de sete tentos encaixados), enquanto os possantes holandeses eram surpreendidos pelos australianos (0-0), os transalpinos concediam um empate aos franceses a três tentos e a Alemanha, sem disfarçar as consequências do esforço despendido contra os portugueses, derrotavam tangencialmente (2-1) os argentinos.

JAPÃO E BRASIL

Ontem, jornada número dois do Campeonato do Mundo, Portugal alcançou duas vitórias, uma delas substancial, dado que bateu o Japão, equipa incipiente, como é óbvio por 23-2.

Tudo certo, até porque aos 18 minutos do primeiro tempo o «cinco» luso já ganhava por 10-1, sendo apenas de assinalar que os nipónicos fizeram um tento em cada um dos períodos de jogo.

Chana esteve em evidência ao aumentar no seu activo de rematador nada menos do que 11 golos.

O jogo pouca história teve pois os japoneses, com uma técnica deveras rudimentar nunca se renderam à supremacia portuguesa e isso valeu-lhes a obtenção de dois golos.

À noite, Portugal defrontou o Brasil, e acabou por vencer por 6-2, com 3-1 ao intervalo.

Arbitrou o francês Bossenou, tendo alinhado e marcado os seguintes elementos: PORTUGAL — Ramalhete; Rendeiro, Garrancho, Chana (5), Sobrinho, Cristiano, Salema (1) e Reis.

BRASIL — Paulo Peres (Flávio); Sílvio, Agra, Frei, Requena, Paulo Cardoso (1), Pércio (1) e Correia.

Os brasileiros bateram-se com denodo e criaram algumas dificuldades ao «cinco» luso não só pela sua voluntariedade como ainda pela própria sorte de que disfrutaram em alguns lances.

Para que conste, e se possm fazer contas, eis os resultados das duas jornadas já efectuadas: Brasil-Estados Unidos, 4-2; Itália-França, 3-3; Espanha-Nova Zelândia, 16-0; Espanha-Estados Unidos, 2-1; Alemanha-Argentina, 2-1; Holanda-Austrália, 0-0.

Encontros para hoje (terceira jornada do «Mundial»): Japão-França (18 horas); Portugal-Austrália (19); Itália-Alemanha (20); Nova Zelândia-Estados Unidos (22); Espanha-Holanda (23) e Argentina-Brasil (24).

MÁQUINAS, MOBILIÁRIO METÁLICO E EM MADEIRA
PARA ESCRITÓRIOS
ATELIER DE DESENHO, POSTO MÉDICO
MOBILIÁRIO DOMÉSTICO: MÓVEIS, ELECTRODOMÉSTICOS, ESTOFOS, DECORAÇÕES, UTILIDADES, ETC.
IMPORTANTE
LEILÃO
POR MOTIVO DE ENCERRAMENTO, SERÁ VENDIDA PELA MAIOR OFERTA TODA A MONTAGEM DE GR. ORGANIZAÇÃO, C/ INÍCIO AMANHÃ, ÀS 15 HORAS
AV. CASAL RIBEIRO, 17 — LISBOA
Estando tudo em Exposição AMANHÃ, das 10 às 13 horas
SOC. DE LEILÕES AFRA FILHOS, Lda

SETÚBAL
Máquina de costura Bernina e de tricotar Toiota. Cursos grátis, corte, bordados e tricot. Praça do Exército, 16 (Antigo L. St.ª Maria).

TERRA SANTA
TEL AVIV · JERUSALEM
GALILEIA · TEBERIADES
13.900$ pensão completa
Partida a 3 OUTUBRO

HOSPITAL DISTRITAI DA COVILHÃ
AVISO
A Comissão Instaladora do Hospital Distrital da Covilhã, torna público, que se encontra aberto concurso para admissão de:
1 Técnico de Administração Hospitalar
Aceitam-se inscrições para o referido concurso, até ao dia 20 do corrente.
Covilhã, 3 de Setembro de 1976
A COMISSÃO INSTALADORA

Geral

A administração da E.C.A. boicota trabalho dos médicos

A nova administração da ECA, fábrica de concentrados de tomate de Alvalade do Sado, parece apostada em arranjar problemas com os trabalhadores. Depois de todas as complicações criadas com a reintegração dos «saneados» que teve como resultado manifestações de protesto, algumas delas sob a forma de paralisação de trabalho, a administração da ECA impediu a entrada, na fábrica, dos médicos que iam ali prestar serviço voluntário.

Aliás, o posto médico foi criado pela comissão de trabalhadores e instalado numa casa, situada dentro das instalações da ECA onde vivia anteriormente, o guarda da fábrica. Ora a comissão de trabalhadores, em Outubro, tinha informado o guarda de que a sua presença era indesejável na medida em que não lhes merecia confiança. Uma atitude perfeitamente admissível na medida em que, segundo nos informaram, a comissão de trabalhadores tinha em seu poder documentos comprovativos de que o guarda em determinada altura da sua vida se fora oferecer para a P. I. D. E.

Começou, portanto, a funcionar na casa abandonada pelo guarda o posto médico. Agora a comissão de trabalhadores manifesta-se apreensiva pela posição tomada pela administração face à questão dos médicos que vêm, de propósito, de Lisboa prestar serviço na fábrica de Alvalade do Sado e na União de Cooperativas Seara Vermelha.

O Portinho da Arrábida é um caso de "posse abusiva"

O secretário de Estado do Ambiente, prof. Manuel Gomes Guerreiro, efectuou uma visita de estudo à zona do Parque Natural da Arrábida, para analisar problemas existentes na região, particularmente a sua degradação pela proliferação, nos últimos tempos, de barracas clandestinas, especialmente junto ao Portinho da Arrábida, o que originou cortes abusivos de arvoredo.

«O Potinho da Arrábida é um caso flagrante de posse abusiva, afirma o secretário de Estado do Ambiente, embora de boa vontade, por um grupo, necessariamente pouco numeroso, e que até se nomeia de «utentes do Portinho». Só que um lugar aprazível, ainda por cima rodeado por uma formação vegetal única no País e por um mar límpido e rico, próprio para desporto e recreio, ambos com enorme interesse científico reconhecido por todo o mundo, depende afinal de uma gestão de um grupo que em seu benefício ocupa, corta, faz muros, utiliza betão, abre caminhos em encostas revestidas, faz vivendas permanentes, suja e conspurca e principalmente intervém agressivamente modificando, quando não destruindo, a seu geito, uma riqueza que a todos pertence».

"Curso prático" de cadeia

BENAVENTE, 11 — Esta vila foi ontem cenário duma aventura duplamente rocambolesca, quando dois indivíduos, Jaime Palhota e Carlos Borges Fernando, se apossaram dum autocarro de dois pisos da empresa J. Candido Belo e passearam pelas ruas da cidade até que o ramo dum eucalipto deteve a marcha do autocarro que já ia descontrolado.

O que dá a tudo isto um caracter inédito é que um dos condutores, o Jaime Palhota, era o substituto do Delegado Procurador da República do tribunal da comarca.

BARES · BOITES
RESTAURANTES
TÍPICAS
DANCINGS

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 264621/264946.**

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197**

Portugal na "Farnborough Internacional-76"

Portugal está presente, até ao próximo dia 13, pela primeira vez, na «Farnborough Internacional 76», exposição de aeronáutica que todos os anos se realiza alternadamente em Paris e nesta localidade inglesa.

A participação portuguesa conta com um stand próprio no qual se expõem meios de defesa e ataques aéreos, fabricados pela Cometna; bancos para helicópteros e aviões fabricados pela Alar e um simulador de voo para treino de tripulações de helicóptero de confecção e fabrico nas oficinas gerais de Material de Aeronautica de Alverca.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons.23/4 %	—	275$	—
Cons.3 %	—	300$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350$	—
Centenários	—	800$	—
Tes. 5 %	—	785$	—
Tes. 10 %	500$	500$	505$
Extern. 1.ª - s.	—	450$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450$	—
Extern. 3.ª - s.	—	460$	—
Extern. 3.ª - c.	—	500$	—
Caut. 3.ª - s.	—	—	140$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Ix. 6 %	—	730$	—
C.M.L. 5 3/4 %	—	740$	—
C.P. 5 1/2 % — 67	—	600$	—
C.P. 5 1/2 % — 68	—	590$	—
C.P. 5 1/2 % — 69	—	610$	700$
Corr. 5 3/4 %	—	750$	—
Metr. 5 3/4 %	—	810$	—
Tur. 5 3/4 %	—	850$	—
C.P. 6 3/4 %	—	750$	—
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	—	—	—
G. 5 % — 59	—	640$	680$
G. 5 % — 62	—	—	—
G. 5 % — 63	—	—	—
G. 5 % — 64	—	—	—
G. 5 % — 65	—	—	—
G. 6 % — 67	730$	720$	—
G. 6 % — 69	—	700$	—
G. 7 %	—	870$	900$
H.E.A.A. 5 %	—	550$	—
H.E.C. 5 %	—	700$	—
H.E.C. 6 %	—	710$	—
H.E.D. 5 %	—	580$	—
H.E.D. 6 %	—	710$	—
H.E.N.P. 5 %	—	740$	—
H.E.S.E. 5 %	—	—	—
H.E.S.E. 6 %	—	670$	—
H.E.Z. 5 % — 57	—	630$	—
H.E.Zèz. 6 %	—	730$	—
N. Elec. 5 %	—	570$	—
N. Elec. 6 %	—	650$	—
Termoel. 5 %	—	550$	—
U.E.P. 5 % — 60	—	—	—
U.E.P. 5 % — 63	—	700$	—
U.E.P. 6 %	—	700$	—
U.E.P. 7 %	—	—	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	—	690$	—
A.P.T. 5 % — 58	—	670$	—
Lisnave 6 %	—	730$	—
Nitratos — 60	—	610$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7 %	—	800$	—
Sacor 5 % — 54	—	—	—
Sacor 5 % — 60	—	750$	—
Sid. 5 % — 2.ª	—	630$	—
Sid. 5 % — 3.ª	—	620$	—
Sid. 5 % — 4.ª	—	620$	—
Socel 5 %	—	—	—
R. Fabril — 67	—	720$	—
R. Fabril — 68	—	710$	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	—	—	—
Rev. 5 % — 57	—	—	—
Rev. 5 % — 59-60	—	—	—
Moçambique 5 %	—	—	—
Sonefe 5 %	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima 29,5º
RÉGUA
Mínima 7,5º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, por vezes muito nublado durante a tarde, a norte do Rio Tejo. Vento fraco a moderado de noroeste. Probabilidades de aguaceiros durante a tarde, a norte do Rio Mondego.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	14º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	16º
FARO	17º
FUNCHAL	22º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
6.35	3,8 m		
18.51	3,7 m	12.09	1,3 m
Dia 14			
7.07	3,6 m	0.26	1.3 m
19.26	3,5 m	12.47	1,5 m
Dia 15			
7.45	3,5 m	1.05	1,6 m
20.12	3,3 m	13.33	1.7 m

AMANHÃ

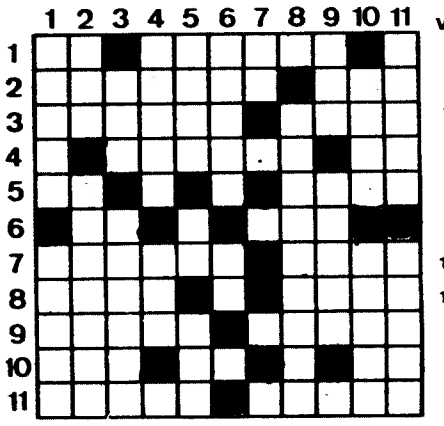
NASCER AS 7.17
OCASO AS 19.46

DIA 16 DIA 23 DIA 30 DIA 8

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11469



HORIZONTAIS

1 Artigo defenido. Necessitados.
2 Recuperas. Rio de Portugal.
3 Incinerar. Avistavam.
4 Dai marradas. Abreviatura que se usa em música.
5 Medida itinerária do Japão. Maio.
6 Ruim. Botequim.
7 Marcara. Sílica.
8 Larvas das feridas dos animais. Rio da Alemanha.
9 Pedaços de qualquer coisa. Toma nota de.
10 Rema para trás. Preposição. Nesse lugar.
11 Cidade de Itália. Rasgados.

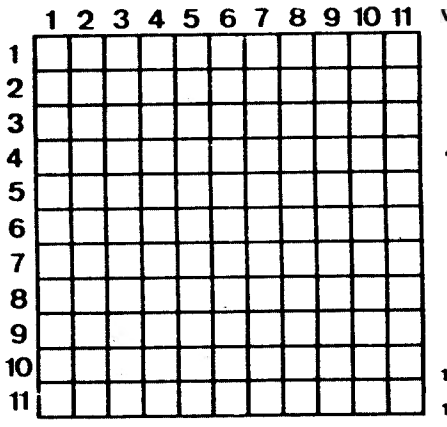
VERTICAIS

1 Calcular. Jamais.
2 Ente. Desonestos.
3 Possui. Acometes.
4 Vergel. Guarnição de asas.
5 Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. Viração. Catedrais.
6 Argila. Campeão.
7 Reis.
8 Freguesia do concelho da Lousã.
9 Vai para fora. Furioso.
10 Fúteis. Freguesia do concelho de Amarante.
11 Prazo. Lavrais.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7629



HORIZONTAIS

1 Cidade da Ibéria. Cidade de Espanha.
2 Querida. Compra is garrotes de um ano para revender daí a dois anos para exportação.
3 Utensílios domésticos. Artigo indefinido. Base aérea portuguesa.
4 Campeão. Ósmio (s.q.).
5 Olé. Claridade.
6 Instrumentos para atirar setas. Meta em mala.
7 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Ruído. Criminosa.
8 Cargo de ministro de Estado. Prendeis com elos.
9 Levar à sirga. Escuridão (fig).
10 Aqui. Missiva. Nesse lugar.
11 Equipam. Coa.

VERTIAIS

1 Barbeada. Fardo.
2 Magnetes naturais. Continuar.
3 Interjeição designativa de uma pancada ou queda. Poente.
4 Preposição latina que designa movimento. Gavinha Dança indígena de Cabo Verde.
5 Ilha da Polinésia. Tostaram.
6 Miriare.
7 Mãe de Rómulo e Remo. Louco.
8 Sufixo que designa estado. Víscera. Cânticos em honra da Virgem ou dos Santos.
9 Recusa. Cidade da Suiça.
10 Mexerico. Bácoro muito novo que se alimenta de leite.
11 Guarnecesse de asas. Vila e sede de concelho (Guarda).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7628

HORIOONTAIS:

1qTa. MUITO. Pá.
2 Ulo. Ara. Mac.
3 Raça. Lura.
4 Ir. Barca. AR.
5 Ras. Ris.
6 Ode. Avó. Amo.
7 Ias. Crá.
8 FALAR. POUCO.
9 Ab. Beras. Ar.
10 Colem. Cerca.
11 Asara.

VERTICAIS:

1 Turismo. Faca.
2 Alar. Diabos.
3 Oc. Real. La.
4 Aba. SABER.
5 Úa. Asa. Rema.
6 Irar. Ve.
7 Ta. Cró. Paca.
8 Lai. Cosem.
9 Mu. Saru. Ru.
10 Pará. Macaco.
11 Acarto. Oras.

Provérbio: MUITO FALAR POUCO SABER

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11468

HORIZONTAIS:

1 Abate. Pecam.
2 Sam. Ame. Rio.
3 Anão. Gere.
4 Dar. Imã. Par.
5 Acres. Paira.
6 Aoro. Esta.
7 Lar.
8 Às. Bantã. Am.
9 Notar. Asara.
10 Cair. Siar.
11 Araias. Banda.

VERTICAIS:

1 Asada. Banca.
2 Banaca. Soar.
3 Amarrou. Tia.
4 Er. Bari.
5 Ea. Isolar.
6 Mim. An.
7 Pé. Aperta.
8 As. Assa.
9 Crepita. Ain.
10 Airara. Arad.
11 Moera. Amara.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Infante Santo, R. do Olival, 29 (T.661003)
ALVALADE
Lusitana, Av. de Roma, 18-A (T.725443); **Rio de Janeiro**, Av. Rio de Janeiro, 4-C (à Av. dos Estados Unidos da América) (T.721409)
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Av. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (T.41961/54672)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P.Norte, 11-A (T.311216)
BAIXA
Frazão, R.Portas de Santo Antão, 70 (T.328180)
AOLIDE
Ronil, R.Rodrigo da Fonseca, 153 (T.683438)
CAMPO DE OURIQUE
União, R.Saraiva de Carvalho, 145-F (T.663643)
ESTEFÂNIA
Estefânia, R.Pascoal de Melo, 90 (T.44438)
APA
Neves, R.da Bela Vista a Lapa, 37 (T.661251)
LUMIAR
Douro, Al. das Linhas de Torres, 93-A (T.791131)
PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de Freitas, 10-A (à Igreja da Penha de França) (T.842518)
PIHELEIRA
Mariuz, C.da Picheleira, 140-A (T720703/728395)
DÃO VICENTE
Santo António, R.Leite de Vasconcelos, 72-C (T.862333)
XABREGAS
Conceição, C.de D.Gastão, 30 (T.381279)

TURNO J-2

TODA A NOITE

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (T.711780)
AMEIXOEIRA
São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras — Charneca) (T.790969)
ARROIOS
Nunes, R.Ângela Pinto, 82 (T.49756)
AVENIDAS NOVAS
Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283 (à Feira Popular e Av. 28 de Maio) (T.763016)
BAIRRO ALTO
Andrade, R.do Alecrim, 125 (T.323443/323446/322328)
BELÉM
Gomes, R.da Junqueira, 326 (T.638193)
BENFICA
Benfiluz, E.de Benfica, 444-A (T.782606)
CAMPOLIDE
Nova, R.de Campolide, 297-C (T.687475)
CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, R.de Campo de Ourique, 131 (T.686640)
CONDE REDONDO
Salutar, R.Conde de Redondo, 9-B (à Gomes Freire) (T.533411)
LAPA
Eduardo Césra, R.das Trinas, 102 (T.662631)
OLIVAIS
Olivais, R.Alves Gouveia, 19 (T.311237)
SÃO MAMEDE
S.Mamede, R. Escola Politécnica, 82-B (T.660280)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.ta 28 de Maio, 3-A (T.935518); **Carmele**, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); **Helénica**, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); **S.Jorge**, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T.950045)
CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-A
MEM MARTINS
Química, E.de Mem Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Calentim (T.960456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nito, Av. C.G.Guerra, 64 (T.2112070)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039)
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058)
NOVA OEIRAS
Leal
S.DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948)
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052)
AMOREIRA
Amoreira (T.262313/267314)
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260391)
CASCAIS
Cordeiro, av. C.G.Guerra, 40 (T.280170/281419); **A.Costa**, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
QQQQQÇZNuno Álvares, Av. D.Nuno Álvares Pereira, 39 (T.2850504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Moderna, R.D.Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T.2073443)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R.Padre Manuel Bernardes (T.2764466)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Higiene, R.José Joaquim Marques, 142 (T.2310370)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Oliveira, L.da Misericórdia (T.22488); **Louro**, R.Frei António Chagas, 24-A (T.24491)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 21

ATÉ ÀS 22 HORAS

Campos, R.Padre Luís Cabral, 943, Foz; **Alves Moreira**, Av. Rodrigues de Freitas, 167; **Clérigos**, R.dos Clerigos, 36; **Cruz**, R.de Costa Cabral, 1082; **Monte dos Burgos**, R.do Monte dos Burgos, 802; **Aliança**, R.da Conceição, 2; **Guarani**, R.Pedro Hispano, 367; **Menezes de Lima**, P.Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227

TODA A NOITE

Lidador, R.do Lidador, 171; **Estacio**, R.Sa da Bandeira, 120; **Botelho**, R.da Alegria, 863; **Maia**, R.do Campo Alegre, 192

COIMBRA

Luciano e Matos, R.da Sofia, 7 (T.22147); **Machado**, R.Bernardo Albuquerque (T.23767); **Sitália**, L.da Sé Velha, 13 (T.23234)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30 (18 anos)
«Vamos trocar de Mulheres»
MARIA MATOS 21.30 (18 anos)
«O Director da Ópera»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«As coisas que o padre faz»
TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Circulo de Giz Caucasiano»
TEATRO VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»
TEATRO ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A Grande Cenada»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
19.00 e 24.00 (18 anos)
«O Estranho John Kane»

SATÉLITE
19.00 e 21.15 (13 anos)
«Frame»DeusesAstronautas?»

EIROPA
21.30 (10 anos)
«Os Canhões de Navarone»

PARIS
21.15 (13 anos)
«Os Jovens Leões»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Ternura e Violência»

OLÍMPIA
21.00 (13 anos)
«Os Dois Filhos de Trinità»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Última Golpada»

LUMIAR
21.15 (13 anos)
«Os Escrevos»

IDEAL
21.15 (13 anos)
«Os Rebeldes»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«O Campeão»

CALEIDOSCÓPIO
21.00 (13 anos)
«E Tudo o vento levou»

RESTELO
21.00 (18 anos)
«Amores Sem Freio»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«A Esposa Virgem»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Emmanuelle, a Antivirgem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Segundos para uma Fuga»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«O Senhor é Viúva?»

SA DA BANDEIRA
22.30
«Gargante Funda»
ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«O Último Adeus»
TRINDADE
21.15 (10 anos)
«Lawrence da Arábia»
S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«História d'O»
VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Mulher Indomável»
BATALHA BÉBÉ
21.30 (13 anos)
«Amor em Tom Erótico»
COLISEU
21.30 (13 anos)
«Bobby»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santigao»
ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«O Estranho Mundo de Daisy Clover»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Convém Fazer Bem o Amor
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os 120 Dias de Sodoma»
OLÍMPIA
21.15 (6 anos)
«Os Barbeiros da Sicília»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«Herbie um Carocha do Diabo»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«As Confidências de um Leito Muito Acolhedor»

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Os Inseparáveis»

S.TEOTÓNIO
«A Grande Ilusão»

GIL VICENTE
21.15 (6 anos)
«Canção da Noruega»

cinemas ●cinemas● cinemas

CASTIL
Tel.63019415.00 17.00 19.00 21.15

Se gostou da Helga não perca
MICHAEL E HELGA
c/ Ruth Gassmann, Felix Franchi
Não acons. menores 13 anos
2.ª semana

IMPÉRIO
Tele. 555134/5 15.15, 18.30, 21.15

O filme imortal que lançou Barbra Streisand!
FUNNY GIRL
(Uma rapariga endiabrada)
2.ª Semana
com Omar Shariff
Um filme de William Wyler
Óscar melhor actriz — 70 mm écran gigante
Grupo C 14 anos

POLITEAMA
Tel. 323806 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores 18 anos
5.ª semana - Lotações esgotadas
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA
Tel. 727778 15,30, 18.30, 21.15

Não acons. menores 18 anos
HITOIRE D'O
3.ª Semana
com Corine Glery, Udo Kier

MUNDIAL
Tel. 538743 14., 16.30, 19., e 21.30

Interdito a menores de 18 anos
SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
Contém cenas eventualmente chocantes

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 Às 21.15

Não acons. men. 13 anos
A VINGANÇA DE MONTE CRISTO

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 15.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos
Uma história imortal! um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard
14.ª semana

EDEN
Tel. 320768 14.00, 16.30, 19, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
O primeiro grande filme de artes marciais e terror!
KUNG FU CONTRA OS 7 AMPIROS DE OURO
um filme de Roy Ward Baker
2.ª Semana

ODEON
Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Maiores de 14 anos
5.ª SEMANA DE ENCHENTES
Um filme que revive o drama das mães solteiras
O DIREITO DE NASCER
com Aurora Bautista e Julio Aleman
5.ª SEMANA DE ENCHENTES

APOLO 70
Tel. 76331114.00 16.30 19.00. 21.15

Não acons. menores 18 anos
YAKUZA
4.ª semana
Hoje às 24 h (Grupo D m/18 anos)
OS BONS E OS MAUS

CASINO ESTORIL
Tel. 264521/264996 18.15 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
PATO COM LARANJA

S. JORGE
Tel. 554153 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. menores de 13 anos
George C. Scott
E TUVO O BANCO LEVOU
3.ª semana
(Rank Shot) Colorido-Panavision

RESTELO
Tel. 610376 21.00

Interdito a men. de 18 anos
HISTÓRIA DE UM PECADO

AVIS
Tel. 47163 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
18.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel. 535134 15.30 18.30 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444
Tel. 779095 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. men. 13 anos
CHAMADA PARA A MORTE
Ray Milland e Grace Kelly num filme de Hitchcock

CARLOS MANUEL SINTRA
Tel. 2930304 21.15

Não acons. men. de 13 anos
ALBURDIA NO OESTE

UNIVERSAL
Tel. 774402 14.30, 20.30

14.30 e 20.30
A greve na luta de classes
GREVE OCUPAÇÃO
de Karmix
16.30 e 22.30
O SOL DA TERRA
Biberman

CONDES
Tel. 32252314.00, 16.30 18.45, 21.15

Não acons. menores 18 anos
A MULHER POLÍCIA FAZ CARREIRA
Com Mário Carotenuto

BERNA
Tel. 776098 15.15, 18.15, 21 15

Não acons. a menores de 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! ... Largue-os em território nazi!
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
um filme de Robert Aldrich
4.ª Semana

LONDRES
Tel. 80131314.00. 16.30, 18.45 21.15

Não acons. a menores de 18 anos
O filme de Igmar Bergman
O AMANTE
(The Tould)
com Bibi Andersson e Eliott Goul

ROXY
Tel. 48550 15.00, 18.00 e 21.15

Para todos
A alegria entra-lhe no coraçãc
A CANÇÃO DA NORUEGA
c/ Torlav Maurstad
Christina Schollin

TIVOLI
Tel. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos
3.ª Semana
HISTOIRE D'O
Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel

ALVALADE
Tel. 897480 15.00. 18.00.21.15

Grupo B M.10 anos
O melhor filme para oferecer aos seus filhos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

PATHÉ
Tel. 821933

14.15, 16.30, 18.45, 21.15, 24.00
Interdito a menores de 18 anos
O amor para além dos corpos
HISTOIRE.D'O
3.ª Semana
Com Corine Clery, Udo Kier, Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS
Tel. 574313/574313

14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores 18 anos
8.ª Semana de lotações esgotadas
CHOVE EM SANTIAGO
10.ª Semana
O Chile de Allende a Pinochet

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00:** A nova canção espanhola; **17.30:** Orquestras; **18.00:** Música portuguesa; **19.00:** Música variada; **20.00:** Jornal da noite; **20.30:** Instrumentistas; **21.00:** Contraponto — editorial — apontamentod de teatro; **24.00:** Fecho.

2.º Programa

16.00: Obras de Schönberg; **17.15:** Solos de cravo; **17.31:** Música de câmara; **18.20:** Cantata «Confitebor Tibi Domine», de Johann Christian Bach; **18.50:** Obras de Milhaud; **19.20:** Sonata em lá maior, D. 959, para piano, de Schubert; **20.00:** Orquestras de câmara; **20.35:** Sonata em sol menor op. 65, para violoncelo e piano, de Chopin; **21.00:** O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; **22.00:** Música sinfónica; **23.00:** Obras de Bach; **23.38:** Música sintónica; **01.00:** Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (294 m)

16.00: Emissão nacional; **16.15:** Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo(repetição); **16.40:** Mulher, agora e aqui, pela Comissão da Condição Feminina; **17.10:** Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30:** Teatro em variante, por Fernando Midões; **17.50:** Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins — Portugal-Austrália; **21.00:** Música, só música; **21.30:** Quando o telefone toca; **23.03:** Nocturno; **23.06:** Hora luterana; **02.00:** Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; **18.00:** Entardecer — de vez em quando; **19.30:** Romance de uma cidade; **20.00:** Cartas a ninguém; **21.00:** Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00:** Canções; **18.00:** Apenas música; **19.00:** Em órbita; **20.00:** Orquestras; **21.00:** Concerto; **22.00:** Auditório; **24.00:** Prisma; **02.00:** Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde. **18.00:** Noticário Regional. **18.05:** Trechos seleccionados. **18.15:** Igreja em notícia — Palavra do Dia. **18.30:** Transmissão do terço. **19.00:** Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença. **19.25:** Leitura do rograma. **19.30:** Noticiário. **20.00:** Objectivo. **21.05:** Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença. **22.00:** Quando o telefone toca. **22.30:** Temas vivos. **23.05:** Trifónico. **23.30:** Estante giratória. **00.00:** Meditando. **01.45:** Flash noticioso. **02.00:** Encerramento da estação.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

ANTÓNIO BARRETO:

Ligação ao Mercado Comum não implicará saída da E.F.T.A.

. O ministro do Comércio e Turismo, António Barreto, regressou ontem a Lisboa, após uma curta estada em Genebra, onde presidiu à reunião do comité Consultivo da EFTA.

O ministro informou os órgãos de Comunicação Social de que tinha sido apenas discutido um dos pontos da ordem do dia, relativo ao reforço de contactos no seio da Associação Euripeia de Livre Câmbio. Ainda dentro deste assunto, foi abordado «um aumento da aproximação entre a Associação Europeia e as comunidades europeias do Mercado Comum». As conclusões a que se chegou, durante esta reunião do Comité Consultivo, serão agora apresentadas ao Conselho Ministerial que reunirá, em Lisboa, em Novembro.

Sobre as relações de Portugal com a EFTA, António Barreto afirmou: «Desde que este Governo Constitucional anunciou a sua intenção de reforçar as suas ligações intitucionais e qualitativas com as comunidades europeias e por conseguinte com o Mercado Comum, tem vindo a criar-se esse equívoco de que Portugal deixaria a EFTA para se integrar no Mercado Comum e que, portanto, perderia as relações que tem, actualmente, com os seus parceiros na Associação Europeia de Livre Comércio. Não é de todo verdade e, durante as negociações que se vão desenrolar, uma das questões fundamentais que se vai tratar será a de não perder nada do adquirido e, portanto, as nossas relações manter-se-ão com os seis países da Associação.»

. O ministro afirmou ainda que está totalmente fora de questão transformar a EFTA numa organização do tipo da Comunidade Europeia porque «essa é que conta para uma relativa harmonização das políticas económicas, das políticas sociais».

SOUSA GOMES NO PORTO

"O Governo vai exigir o pagamento das dívidas à Previdência"

. Falando aos jornalistas ontem no Porto, após uma visita que fez ao brigadeiro Pires Veloso, o eng. Sousa Gomes, ministro do Plano e Coordenação Económica, declarou que existe da parte do Governo um esforço «para não tornar as medidas de austeridade excessivamente pesadas, mas tentar dimensioná-las de facto a um esforço de razoabilidade».

Referindo-se a uma possível política de racionamento de bens de consumo, Sousa Gomes afirmou que «o racionamento só será aplicado como última medida e, em princípio, em bens em que seja possível obter alternativas de consumo», precisando que, se tivermos necessidade de aplicar racionamento a alguns bens alimentares, será só naqueles que são importados e que possam ser substituídos por bens produzidos internamente.

Sobre a gasolina, revelou que o Governo ainda não se pronunciara em defenitivo mas que o estudo apresentado «mostra que importa aguardar os resultados das medidas já tomadas ao longo deste ano, nomeadamente o aumento que se verificou já em 1976, e que tornou a nossa gasolina uma das mais caras da Europa, para se poder daí partir para outras medidas, se necessário». O ministro acrescentou que «houve efectivamente alguma contenção no aumento do consumo que se vinha verificando nos últimos anos».

Abordando o plano de desenvolvimento para Trás-os-Montes, e depois de sublinhar que não são só os aumentos que interessam mas sobretudo «um novo espírito de disciplina no trabalho» de se conseguir que a produção acompanhe de facto as necessidades, que se elimine a indisciplina nas empresas e o absentismo e se consiga dar possibilidade de se cumprir prazos dos contratos, Sousa Gomes afirmou que «há a decisão inabalável de prosseguir o empreendimento do Cachão e de tornar a sua estrutura adaptada à sua viabilidade definitiva» revelando ainda que há também o desejo de pôr imediatamente em funcionamento a exploração das minas de Moncorvo.

O ministro disse também que o Governo vai exigir o pagamento das dívidas à Previdência «embora propondo esquemas moderados que permitam esse pagamento, talvez em diferido, ou seja, criando condições que permitam que as entidades patronais cumpram efectivamente os seus deveres». Acrescentou que a partir deste momento o Governo «será muito severo para todas as situações que criem novos compromissos às empresas feitos à custa do não pagamento dos compromissos à Previdência».

Revelou ainda que está a ser estudado o aumento das contribuições à Previdência para aprovação a muito curto prazo visto haver um défice de doze milhões de contos, sendo portanto «incomportável a manutenção das regalias existentes».

Nota

«AS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS»

A notícia do último «Expresso» sobre o desmantelamento da rede bombista é assaz significativa. Depois de malabarísticas considerações (os últimos atentados aproveitariam «por igual à direita e à esquerda») o conhecido semanário refere-se às defesas que os detidos em Caxias estariam a construir...

Sobre o ex-comandante da P. S. P. do Porto escreve-se: «O major Mota Freitas, e isto nem será grande especulação, dirá provavelmente que entrou na rede para, por dentro, conhecedor de todos os fios que a tecem, a poder desfazer completamente. Assim a P. J. do Porto teria estragado tudo.»

. Assim, o homem que até indicava alvos aos «operacionais», entrou na rede para a desfazer... Se calhar também foi preso para benefício das investigações!

. Quanto aos restantes diz o «Expresso» que «estariam a desenhar a sua defesa baseada em sentimentos nacionalistas e anticomunistas, usando como cópia de actuação métodos usados por elementos de esquerda no regime de Salazar/Caetano».

E a brilhante investigação do semanário de Pinto de Balsemão conclui deste modo, também significativo: «Em suma a P. J. do Porto não se apresenta hoje tão optimista como inicialmente acerca da possibilidade de «levar as investigações até às últimas consequências». Especula-se que ao fazê-lo, provocariam um tremendo impacto no actual estádio da sociedade portuguesa. Não se sabe onde poderiam levar.»

. Esperemos que a Judiciária do Porto, justamente louvada pelo Conselho de Polícia, pela sua acção no desmantelamento da rede bombista não se assuste com os conselhos do «Expresso» quanto ao problema das «... últimas consequências».

Álvaro Benamor vai hoje a enterrar

O funeral de Álvaro Benamor, que faleceu ontem na sua residência da Lapa, depois de uma doença prolongada, sai hoje às 14 horas da Basílica da Estrela para o cemitério dos Prazeres.

Álvaro Benamor, que tinha 69 anos de idade, estreou-se, ainda estudante universitário, na peça «Romance», já integrado na companhia «Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro», em que permaneceu grande parte da sua vida. Galardoado duas vezes com o prémio «Eduardo Brasão», foi director durante muitos anos da rubrica «Teatro das Comédias» da antiga Emissora Nacional e professor de Arte de Representar do Conservatório Nacional de Lisboa.

Pisou o palco pela última vez interpretando um papel na peça «A dança da morte» de Strindberg, ao lado de Carmen Dolores e Augusto Figueiredo.

NA HOMENAGEM A NORTON DE MATOS:

"Tenhamos a coragem de não permitir o regresso odiado do fascismo"

. *Tenhamos a coragem de, todos juntos, com as mãos dadas, nunca mais permitir que nesta terra volte um regime detestado como foi o fascismo português* apelou o presidente da Assembleia da República, dr. Vasco da Gama Fernandes, durante as cerimónias de inauguração do busto de Norton de Matos, em Ponte de Lima.

O busto do ministro da República, do diplomata, oposicionista ao regime fascista e candidato às eleições presidenciais fora oferecido por um grupo de democratas portugueses residentes no Brasil para ser colocado na terra do general, Ponte de Lima. As cerimónias realizaram-se ontem e prolongaram-se por todo o dia tendo comparecido, além do presidente da Assembleia da República, o professor Henrique de Barros, ministro de Estado (em representação do dr. Mário Soares, que não se pôde deslocar ao Minho), o presidente do Partido Socialista e deputado, dr. António Macedo, eng. Tito de Morais, secretário de Estado da População e do Emprego, governadores civis de Viana do Castelo e do Porto, respectivamente, Paulo Teixeira e Cal Brandão e outras individualidades da administração pública e velhos resistentes antifascistas.

A banda de música abriu as festividades desfilando pelas ruas da vila na parte da manhã, posto o que milhares de pessoas se concentraram no jardim fronteiro à casa onde nasceu o general e onde se situa o busto agora inaugurado. Falaram, na ocasião, o presidente da comissão administrativa de Ponte de Lima, dr. João Pimentel e o dr. Nuno Cruz que acentuou o gesto de Norton de Matos ao retirar-se da farsa eleitoral aproveitando o gesto para, com toda a dignidade *denunciar os atentados à condição humana perpetrados pelo Governo fascista que controlava a vida portuguesa.*

O busto foi descerrado por um sobrinho do general, dr. Arnaldo Norton de Matos, ouvindo-se foguetes e o hino nacional executado pela banda. Milhares de pombos foram então largados. Seguiu-se a romagem ao cemitério local onde falou o ministro de Estado, dr. Henrique de Barros.

Vasco da Gama Fernandes viria a usar da palavra na parte da tarde, durante uma sessão solene que se realizou no teatro Diogo Bernardes. Evocou o papel de Norton de Matos como alto comissário em Angola e como organizador do Exército português quando a Alemanha nos declarou guerra. Falou também das cartas que o general escreveu ao ditador Salazar, *cartas que são modelo de boa educação, de firmeza e de rijeza de ânimo que bem merecem ser conhecidas do povo português.*

À noite, a banda de música de Ponte de Lima deu um concerto público no coreto da Praça da República, encerrando-se este dia festivo e de evocação de um patriota com uma sessão de fogo-de-artifício.

Governo muda governadores

. O Governo PS decidiu nomear novos governadores divis para os distritos de Coimbra, Viana do Castelo, Sétubal e Portalegre. Os novos governadores são pessoas ligadas ao Partido Socialista

Para Viana do Castelo está indicado o dr. Alberto Oliveira e Silva, que substituirá o comandante Paulo Teixeiro que ainda exerce aquelas funções, apesar de já ter pedido a sua exoneração.

Em Coimbra o professor Luís de Alburquerque será substituído pelo dr. Fernando Valle que passará a ocupar brevemente o cargo de governador civil de Coimbra.

O actual governador civil de Setúbal, Helder Madeira será substituído no cargo por Fernando Mendes, enquanto que em Portalegre, o dr. Luís Miranda Calha substituirá o dr. Florindo Hipólito Madeira.

Ainda segundo a mesma fonte o dr. Montalvão Machado, governador civil da Vila Real deverá continuar a ocupar aquele cargo, a pedido do Partido Socialista.

Comissão eleitoral em Valongo

. PORTO, 13 — Foi eleita por um grupo de democratas de Valongo (Porto) uma comissão eleitoral provisória para elaborar uma lista unitária a fim de concorrer aos referidos órgãos do poder local.

A comissão eleita propõe-se formar e apoiar a lista unitária composta por elementos reconhecidamente interessados na defesa intransigente dos interesses do concelho e, simultaneamente, impedir a tomada da administração local por indivíduos desejosos do regresso ao tipo de administração anterior ao 25 de Abril.

GREVE EM JOANESBURGO

. Milhares de negros faltaram hoje ao trabalho em Joanesburgo em resposta a um apelo de greve que se seguiu a um fim-de-semana em que foram mortas seis pessoas em manifestação anti-«aparthei» na área da Cidade do Cabo.

Kissinger

Continuação da pág. 1

tal de mortos (segundo fontes oficiais) desde Junho: 333.

Entretanto a Polícia sul-africana foi posta em estado de alerta, na previsão de uma greve eventual dos trabalhadores negros — declarou ontem à noite o general Kriel, alto comissário da Polícia.

A milhas de distância, em Washington, o presidente Ford afirmou que não havia qualquer garantia de que o secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger tivesse sucesso na sua viagem à África. Disse, no entanto, que «vale a pena correr o risco num continente tão importante para nós». Ford declarou que Kissinger parte hoje para África, numa tentativa de impedir uma «guerra racial». E acrescentou: «A missão é muito complicada e tem os seus riscos.» Três palavras na agenda das conversações: «apartheid», Namíbia e Rodésia.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

ANTUNES DA SILVA

TERRAS VELHAS SEMEADAS DE NOVO

UM DOCUMENTO IMPRESSIONANTEMENTE VIVO E VERDADEIRO SOBRE UMA REFORMA AGRÁRIA FEITA COM SUOR E LÁGRIMAS.
A EPOPEIA DOS TRABALHADORES DAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS NARRADA POR UM GRANDE ESCRITOR ALENTEJANO.

LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37 — AMADORA